



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Instituto de Psicologia

Hugo de Nilson Damasceno

**Ellen White e a psicologia nos jornais *The Health Reformer* e *Good Health***

Rio de Janeiro

2022

Hugo de Nilson Damasceno

**Ellen White e a psicologia nos jornais *The Health Reformer* e *Good Health***



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Jacó-Vilela

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/A

D155 Damasceno, Hugo de Nilson.  
Ellen White e a psicologia nos jornais *The Health Reformer* e  
*Good Health* / Hugo de Nilson Damasceno - 2022.  
205 f.

Orientadora: Ana Maria Jacó-Vilela.  
Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Instituto de Psicologia.

1. White, Ellen - Teses. 2. Psicologia Social - Teses. 3. The Health  
Reformer - Psicologia - Teses. 4. Good Health - Psicologia - Teses. I.  
Jacó-Vilela, Ana Maria. II. Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

mf CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
Dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Hugo de Nilson Damasceno

**Ellen White e a psicologia nos jornais *The Health Reformer* e *Good Health***

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social.

Aprovado em 29 de junho de 2022.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana María Jacó Vilela (Orientadora)

Instituto de Psicologia – UERJ

---

Prof. Dr. Filipe Degani Carneiro

Instituto de Psicologia – UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos

Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

---

Prof. Dr. Alexandre de Carvalho Castro

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

---

Prof. Dr. Fábio Py Murta de Almeida

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Rio de Janeiro

2022

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Nilson e Iolanda.

## AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho possui um significado singular para mim. Quando decidi ingressar no doutorado, talvez desconfiasse de como seria desafiador esse processo e, sendo assim, buscava imaginar o quanto seria potencialmente satisfatório viver a experiência de concluir um trabalho inédito, capaz de contribuir com a história da Psicologia. Também refletia sobre a aquisição de novas experiências e sobre a necessidade de ressignificar impressões iniciais sobre o tema deste trabalho, como detalharei posteriormente. Particularmente sustentei inúmeras expectativas que, felizmente, foram superadas por ter contado com o apoio de muitas pessoas e de instituições que muito contribuíram para que este momento fosse possível.

A minha família, principalmente aos meus pais, Nilson e Iolanda, pelo amor, pelo carinho e pelo suporte em tudo que necessitei durante a minha trajetória. Imagino que não tenha sido simples ter de lidar com um doutorando em casa, sempre debruçado sobre o notebook e, até mesmo, “ausente” em muitos momentos, devido aos compromissos acadêmicos. Muito obrigado pela paciência e pela compreensão, por terem caminhado comigo até aqui, incansáveis, confiando de que todo o investimento resultaria nessa preciosa conquista.

À Ana Jacó, pelas orientações e pelo companheirismo durante a escrita desta tese. Nesses 4 anos de doutorado, você sempre se dispôs a ler atentamente tudo o que escrevi e, sempre muito pontual, devolvia o material com sugestões de mudanças e recomendações em relação à estrutura e conteúdo. Essas experiências, Ana, foram muito ricas e contribuíram muito para o aprimoramento da minha escrita e para o meu desenvolvimento enquanto pesquisador. Não poderia deixar de mencionar que, neste percurso, também contei com os seus conselhos para lidar com acontecimentos da vida. Em 2019, participei de um processo seletivo para lecionar no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Quando a informei disto, você prontamente me orientou sobre como proceder e como preparar conteúdo para a prova didática. Felizmente fui selecionado para o quadro de docentes dessa instituição e comemoramos muito no Clio. Por outro lado, quando precisei de apoio para lidar com acontecimentos delicados, você também se apresentou e me prestou apoio. Obrigado pela paciência e, também, pelos alertas. Além de orientadora, vejo na sua pessoa a imagem de uma amiga sempre presente, que se importa comigo.

Aos amigos do Clio-Psyché, pelas trocas e pela companhia no decorrer desses anos. Foi maravilhoso conviver com vocês. Eu costumo afirmar que essa experiência foi um presente para mim, por inúmeros motivos. Juntamente da Ana, vocês me apoiaram muito, incentivaram nos momentos mais desafiadores e, as nossas conversas no Clio, tornaram a caminhada acadêmica mais descontraída e leve. Naturalmente lidamos com prazos curtos, escassez de tempo, mas estávamos sempre juntos, prestando apoio mútuo. Infelizmente a Pandemia do Covid-19 alterou a nossa rotina, os nossos encontros, mas reinventamos a comunicação e resistimos. Agradeço especialmente ao Juberto, Gabriel, Alan, André, Leandro Groba, à Letícia e Stephanie.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa. Mensalmente eu pude contar com a pontualidade na concessão da bolsa e isso me tranquilizou muito. O financiamento contribuiu para que eu pudesse arcar com despesas pessoais e, claro, participar de eventos acadêmicos.

Aos componentes da banca. À professora Maira Allucham, pelas incontáveis contribuições, das quais eu destaco as suas observações que resultaram no tema desta tese, como irei detalhar adiante. Também sou grato pela sua companhia, Maira, você me acompanha há alguns anos e, sempre que precisei esclarecer alguma questão ou desabafar, pude contar contigo. Ao professor Filipe Degani-Carneiro, pelos conselhos e contribuições que me acompanharam desde o início desta pesquisa. Recordo-me de uma reunião que tivemos no Departamento de Extensão (DEPEXT) da Uerj. Na ocasião você apresentou questões a respeito do meu tema e isto contribuiu para que eu tivesse mais clareza sobre o meu objeto de pesquisa. Foi fundamental para que eu buscasse, inclusive, uma análise não adventista da personagem Ellen White. Obrigado pela generosidade e pela companhia, Filipe. Ao professor Alexandre Castro, que me acompanha há um bom tempo, desde quando minha pesquisa era sobre outro tema. Desde então contribuiu muito com a antiga pesquisa e, não foi diferente com a minha mudança de tema. Agradeço pelas recomendações que recebi na qualificação, sempre muito pontuais, sinalizando aspectos que deveriam ser mais bem desenvolvidos e explorados. Não poderia deixar de citar a cordialidade nas interações e diálogos que tivemos ao longo dos anos e o quanto agregou a minha formação. Sou grato professor Fábio Py pela leitura extremamente atenta do meu projeto, durante a qualificação. A partir das observações feitas foi possível ampliar minha perspectiva em torno de Ellen White

e, principalmente, exercitar o distanciamento da minha experiência confessional para que fosse possível desenvolver esta tese.

Ao UNASP, meu lugar de paz, onde diariamente desenvolvo minhas atribuições como docente e, também, o local onde encontro colegas que também contribuíram muito nos períodos finais do doutorado. Destaco o professor Luís Rocha e a professora Josiane (Josi), por terem me recebido em sua residência. Refiro-me ao período em que eu ainda não havia fixado residência em Engenheiro Coelho. Obrigado pelo suporte em tudo que necessitei até o presente momento. Também agradeço às coordenadoras do curso de psicologia dos diferentes Campi UNASP, as professoras Ivana Casali, Vera Lellis, Sideli Biazzini, Joene Santos e Jessica Silva (ex-coordenadora), pela parceria, pela compreensão em muitos momentos e, claro, pelo compartilhamento de experiências que renovaram minhas forças para a conclusão dessa pesquisa. Mencionei as coordenadoras como uma forma de representar, também, minha gratidão a todos os colegas professores do curso. Agradeço ao professor Carlos Ferri, diretor geral do UNASP Campus Engenheiro Coelho (UNASP-EC), e ao professor Everson Muckenberger, diretor de graduação do UNASP-EC pelo incentivo e apoio desde que cheguei a esta instituição.

Aos meus queridos alunos de todos os Campi do Unasp, pelas trocas e pelas palavras que muito me incentivaram no decorrer dos semestres.

À minha lindíssima namorada e amiga Hellen Noleto, pelo amor, carinho e cuidado. Obrigado por ter feito parte desse processo numa perspectiva exclusiva, acompanhando-me de perto e de longe, mas sempre procurando aliviar minha rotina e, em muitos casos, a organizando também.

Ao Centro Pesquisas Ellen White, sediado também no Unasp-EC. Apesar dos desafios e impossibilidades do isolamento social, entre os anos de 2020 e 2021, fui muito bem recebido neste local de pesquisa. Inicialmente estive em contato com o pastor Júlio, na época pastor assistente e pesquisador do Centro White, que se tornou um grande amigo. Juntamente da sua família também me acolheu em muitas oportunidades, no início de 2020. Após apresentar o tema desta tese ao pastor Júlio, imediatamente fui encaminhado ao diretor do Centro White, o pastor e professor Renato Stencel, que bondosamente me apresentou dezenas de artigos sobre Ellen White e sites contendo todas as publicações de Ellen digitalizadas. Isso otimizou muito o acesso as fontes primárias para esta pesquisa. Obrigado mais uma vez, meus amigos!

Por fim, agradeço a Deus. Propositalmente reservei minha a gratidão a Ele, por último. Descrevendo o quanto sou grato a todas essas pessoas pelo papel que tiveram na minha trajetória, inevitavelmente meu olhar se dirige para a minha crença, para o meu Deus, por ter permitido todas essas histórias e encontros. “Ao olhar para trás, tudo que passou, venho agradecer quem comigo estava. [...] E hoje eu sou quem eu sou, pois Sua mão me acompanhava. Mas eu sei, não é o fim, é só o começo da jornada” (Grupo Vocal Livre).

## RESUMO

DAMASCENO, Hugo de Nilson. *Ellen White e a psicologia nos jornais The Health Reformer e Good Health*. 2022. 205f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Este trabalho consiste em uma investigação de como a psicologia esteve presente em artigos publicados por Ellen Gould Harmon White (1927 – 1915) nos jornais *The Health Reformer* e *Good Health*. Ellen White foi uma escritora estadunidense, que se notabilizou pela sua vasta produção bibliográfica e, também, por ter sido a fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, nos Estados Unidos. Ao longo de sua trajetória publicou cerca de 100 mil páginas entre livros e artigos publicados em periódicos, como *The Health Reformer* e *Good Health*, que são as fontes primárias da presente tese. Por meio de uma revisão atenta, observamos a frequência com que Ellen se referiu à temas como a medicina da época, à saúde, à religião e, principalmente, à psicologia. O acesso aos jornais mencionados foi possível por meio de dois sites – <https://encyclopedia.adventist.org/> e <https://ellenwhite.org/>. No primeiro tem-se acesso a todas as edições digitalizadas de ambos os jornais. O segundo, por sua vez, possui a transcrição apenas das matérias publicadas por Ellen White. Ressalte-se que, nestes sites, é possível acessar a outros jornais onde Ellen publicou – como o *Signs of The Times*, o *The Advent Review and Sabbath Herald*, entre outros – mas, para esta tese, selecionamos como fontes o *The Health Reformer* e *Good Health*, porque, entre outros motivos, ambos se destinaram, especificamente, ao tema da saúde, porque tiveram a população em geral com alvo, porque neles encontramos, ao todo, quase uma centena de artigos publicados por Ellen que tiveram a psicologia por assunto ou, ainda, temas hoje identificados como pertencentes a área da Psicologia. Por exemplo, em 01 de novembro de 1871, localizamos um artigo de Ellen White, intitulado “*Words to christian mothers. On the subject of life, and happiness*”, onde considerou que o bom funcionamento do cérebro decorre da circulação equilibrada do sangue pelo corpo. Chamou-nos a atenção o modo como Ellen se referiu à psicologia, tecendo relações com outras áreas do conhecimento, como a medicina e, principalmente, a teologia. Neste sentido, ao discorrer sobre a psicologia, Ellen White recorreu a própria crença religiosa que, de certo modo, permeou as discussões que desenvolveu em torno da psicologia, através de duas abordagens: orgânica e psicossocial. A fim de melhor compreendermos o conteúdo dos artigos que publicou, fizemos o levantamento desses artigos e transcrevemos os principais trechos. Também com este propósito, desenvolvemos uma biografia sobre Ellen White, sinalizando outros acontecimentos em sua trajetória, geralmente ofuscados pela sua experiência religiosa enquanto escritora e fundadora da IASD.

Palavras-chave: Ellen White. Psicologia. *The Health Reformer*. *Good Health*.

## ABSTRACT

DAMASCENO, Hugo de Nilson. *Ellen White and Psychology in The Health Reformer and Good Health*. 2022. 205f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This work consists of a survey on the presence of Psychology in articles published by Ellen Gould Harmon White (1927 – 1915) in *The Health Reformer* and *Good Health* journal. Ellen White was an American writer well known for her vast bibliographic production and also for being the founder of the Seventh-day Adventist Church in the United States. Throughout her career she published around 100,000 pages between books and articles published in journals, such as *The Health Reformer* and *Good Health*, which are the primary sources of this thesis. Through a careful review we managed to observe the frequency with which Ellen referred to topics such as the medicine of the time, health, religion and, mainly, Psychology. Access to the aforementioned newspapers was made possible through two websites – <https://encyclopedia.adventist.org/> and <https://ellenwhite.org/>. The former gives access to all digitized editions of both newspapers and the latter gives the transcription of the articles published by Ellen White only. It should be mentioned that in these links, it is possible to access other newspapers where Ellen White published, such as the *Signs of The Times*, *The Advent Review* and *Sabbath Herald* among others. For this thesis we selected *The Health Reformer* and *Good Health* because of their aim at the theme of health having the general population as their target and also because of the nearly hundred articles published by Ellen White having Psychology as a subject or themes that today are identified as Psychology matters. For example, on November 1, 1871, we located an article by Ellen White entitled “Words to christian mothers. On the subject of life, and happiness”, where she considered that the proper functioning of the brain stems from a balanced blood circulation throughout the body. Our attention was drawn to the way Ellen White referred to Psychology, weaving relationships with other areas of knowledge, such as medicine and especially theology. In this regard, when discussing Psychology, Ellen White resorted to her own religious belief that, in a way, permeated the discussions she raised around Psychology through two approaches, organic and psychosocial. For better understanding of the content of the articles she published we surveyed them and transcribed the main excerpts. For this purpose we also developed a biography about Ellen White that points out other events in her life that are usually overshadowed by her religious experience as a writer and founder of the SDA.

Keywords: Ellen White. Psychology. *The Health Reformer*. *Good Health*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa dos Estados Unidos.....	32
Figura 2 - Ellen White e James White.....	71
Figura 3 - Imagem do Western Health Reformer Institute, em 1866.....	82
Figura 4 - John Norton Loughborough.....	84
Figura 5 - Dr. John Harvey Kellog.....	87

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1	<b>ELLEN WHITE: UMA MULHER DE SEU TEMPO</b> .....	57
1.1	<b>A frenologia</b> .....	79
2	<b>ENTRE A FAMÍLIA E A CIÊNCIA: AS MULHERES SEGUNDO ELLEN WHITE</b>	82
2.1	<b>Controle alimentar</b> .....	91
2.2	<b>Equilíbrio físico e mental, faculdades intelectuais e saúde mental</b> .....	96
2.3	<b>Educação familiar e hereditariedade</b> .....	101
3	<b>AS BASES ORGÂNICA E PSICOSSOCIAL DA PEDAGOGIA ESPIRITUAL DE ELLEN WHITE: INTERAÇÕES, REFLEXÕES E EMBATES</b> .....	109
3.1	<b>Controle alimentar e faculdades intelectuais</b> .....	110
3.2	<b>Saúde mental e equilíbrio físico e mental</b> .....	119
3.3	<b>Base psicossocial: natureza, relações humanas e trabalho</b> .....	131
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	135
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	138
	<b>APÊNDICE A</b> - Tabela 2: Relação dos artigos publicados por Ellen White no <i>The Health Reformer</i> .....	149
	<b>APÊNDICE B</b> - Tabela 3: Relação dos artigos publicados por Ellen White no <i>Good Health</i> .....	199

## INTRODUÇÃO

A presente tese investigou a presença da Psicologia nas obras de Ellen White (1827-1915), considerada uma das fundadoras da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Além de reconhecida desta maneira, autores sinalizaram que Ellen se destacou como escritora, versando sobre temas alusivos a diversas áreas do conhecimento, como a Medicina, a Teologia e sobretudo a Psicologia (Bonaci, 2017; Teixeira, 2012).

A escolha por esse tema decorre de minha condição, enquanto adventista praticante e interessado pela história da Psicologia e em como as perspectivas deste campo foram sendo apropriadas e popularizadas em outros contextos, dos quais a religião. Isto se configurou com a minha inserção no Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da UERJ, onde fiz o mestrado sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Jacó Vilela, coordenadora do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché<sup>1</sup>, que é um órgão do Instituto de Psicologia da UERJ (IP-Uerj).

No entanto o meu contato com a bibliografia de Ellen White é muito anterior a este momento. Afinal, por frequentar a IASD desde a juventude, observei o quanto esta autora é comentada e mencionada direta ou indiretamente em boa parte dos sermões proferidos por pastores adventistas e outros membros desta denominação, geralmente se utilizando dos escritos de Ellen para reforçar as suas crenças e as suas compreensões da Bíblia. Com isto, optei por ler algumas obras<sup>2</sup> para ter as minhas próprias impressões sobre a perspectiva whiteana e, de certo modo, ser beneficiado – espiritualmente – através do conteúdo presente nas suas obras. Essa experiência ocorreu há mais de uma década, antes de começar a cursar Psicologia na Universidade Federal Fluminense. Nesse período, sequer imaginava desenvolver um trabalho como este e, muito menos, refletir sobre o tema com a maturidade do atual momento. De certa maneira, a minha experiência com a bibliografia whiteana tem “um longo passado, mas uma curta história” (Ebbinghaus, 1908, p. 3) em se tratando das pretensões atuais.

Frequentemente questiona-se as condições de emergência da minha curiosidade em torno de Ellen White, enquanto um acontecimento recente: considerando o meu percurso e

---

<sup>1</sup> <http://www.cliopsyche.uerj.br/>

<sup>2</sup> As obras lidas nessa ocasião foram “Ciência do bom viver” (White, 1977) e “Mente, caráter e personalidade” (White, 2014).

contatos anteriores com as suas obras, o que influenciou para que tal proposta de pesquisa se configurasse no momento atual? Para responder a esta questão, recorro à parte da minha trajetória, como farei a seguir.

Certa vez recebi um exemplar da *Revista Adventista*<sup>3</sup> e me deparei com uma matéria publicada por Alberto Domeniconi Nery<sup>4</sup>, um teólogo adventista e doutorando em Psicologia Social pela USP. Na matéria, Nery (2018) também discorreu sobre a relação supracitada e, para isto, utilizou uma série de expressões e conceitos próprios da Psicologia, como “psicopatologia”, “transtornos psíquicos”, entre outros. Não seria isto uma apropriação da Psicologia em um periódico da IASD? Mas além desses conceitos, Nery (2018) descreveu, brevemente, a biografia de personagens da história da Psicologia ao final da matéria. Nessa matéria, encontramos as biografias de Wilhelm Wundt (1832-1920), William James (1842-1910), Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961).

Essa experiência me motivou a procurar por outras matérias na *Revista Adventista* que tivessem a Psicologia como assunto, pois me propus a investigar como a psicologia foi apropriada por esse periódico. Localizei muitas matérias datadas do século XX em que a Psicologia foi assunto. É importante sinalizar que, em boa parte dessas matérias, consta trechos de obras publicadas por Ellen White. Desse modo, minha intenção inicial foi desenvolver a tese contemplando a apropriação da Psicologia por essa revista.

Após apresentar essa proposta de pesquisa para os demais membros do Clio durante uma reunião<sup>5</sup>, quando também discorri sobre a história da IASD, recebi uma preciosa

---

<sup>3</sup>A *Revista Adventista* teve a sua primeira edição publicada no Brasil em janeiro de 1906, com a denominação de *Revista Trimensal*, apesar de sua publicação ser trimestral. Em 1908, passou a ser publicada mensalmente e teve seu nome modificado para *Revista Mensal* e, por fim, em 1931, assumiu o nome *Revista Adventista* e está em circulação até hoje, sendo publicada pela Casa Publicadora Brasileira, editora oficial da IASD localizada em Tatuí (SP). Teve como um dos primeiros redatores o médico norte-americano Abel L. Gregory, recém-chegado ao Brasil no início do século XX. Um dos objetivos do periódico é difundir os princípios norteadores das práticas dos fiéis adventistas, de modo que se obtenha novas conversões. Com este objetivo, a revista pauta temas científicos que são aprovados, criticados e, até mesmo, reprovados a partir da visão dos integrantes do movimento adventista. A *Revista Adventista*, desde a sua primeira edição, encontra-se disponível no *site* da Casa Publicadora Brasileira (<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>).

<sup>4</sup><http://lattes.cnpq.br/2950242033348722>.

<sup>5</sup>No Laboratório Clio-Psyché (“Clio”), do qual sou membro desde 2016, tem-se como uma das atividades a apresentação das pesquisas que estão sendo desenvolvidas. Essas apresentações ocorrem durante as reuniões internas, que contam com a presença da coordenadora do laboratório e orientadora deste projeto, a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Jacó-Vilela, e dos pesquisadores do Clio, ou seja, os alunos de graduação, de pós-graduação e os pós-doutorandos. Essas apresentações permitem que os membros do Clio conheçam as pesquisas que ali são desenvolvidas e, principalmente, proporcionam um momento de diálogo sobre os projetos, a partir das diferentes perspectivas dos pesquisadores.

contribuição da Dr<sup>a</sup>. Maira Allucham<sup>6</sup>. A partir da sua leitura sobre Ellen White, Maira sinalizou que esta personagem, historicamente relevante para a IASD, também discorreu sobre a Psicologia ou temas afins em boa parte de suas obras. Com isto, sugeriu se não seria mais coerente pesquisar sobre a presença da Psicologia na bibliografia de Ellen White.

Por meio dessa observação, recordei-me de inúmeras ocasiões em que ouvi pastores e pregadores adventistas se referindo à Ellen White, inclusive, durante sermões sobre ansiedade, depressão, entre outros temas identificados como psicológicos. Só então atentei para o quanto essa personagem é mencionada, direta ou indiretamente, nesses contextos, como me referi acima.

Além da lembrança anterior, também me recordei que boa parte da literatura sobre a história da IASD concentra-se na participação de Ellen White na consolidação dessa denominação na segunda metade do século XIX, nos Estados Unidos (Bonaci, 2017; Carvalho, 2014; Ferreira & Souza, 2018; Prestes-Filho, 2006; Schwarz & Greenleaf, 2009; Teixeira, 2012). Deste modo, compreendi a contribuição da Maira e decidi, então, investigar a presença da Psicologia nas obras de Ellen White.

No Clio, são realizadas pesquisas diversas sobre História da Psicologia. Entre as investigações desenvolvidas ali, ressalte-se as que consideraram as relações históricas entre a Psicologia e Religião. Degani-Carneiro (2017), por exemplo, investigou como a Psicologia esteve presente no Seminário Teológico Batista do Sul no Brasil, no decorrer da segunda metade do século passado. Nobre (2019) também analisou essa relação em sua dissertação, intitulada “Ciência e Religião na História da Psicologia no Brasil: o Instituto de Psicologia e a Igreja Católica”. O debate entre a psicologia e a religião também foi investigado por Groba (Groba, 2022) em sua tese intitulada “O Mal Dito: o discurso de oposição à Resolução 01/99 do Conselho Federal de Psicologia e sua história”. Embora tivéssemos esta relação como objeto em comum, não tivemos muito compartilhamento por termos permanecido distantes durante o período em que desenvolvemos nossas pesquisas, residindo em Estados diferentes. A presente tese, portanto, contou com algumas reflexões e contribuições dos pesquisadores mencionados. Assim, pareceu-me que minha proposta se inseria dentro de uma das linhas de investigação do Laboratório.

A curiosidade inicial tomou novas formas, mais contextualizadas e apresenta-se agora por meio das seguintes questões: o que Ellen White escreveu a respeito da Psicologia? O que

---

<sup>6</sup><http://lattes.cnpq.br/2892909723202715>.

compreendia como sendo a Psicologia e como divulgou isto? Estaria se referindo à psicologia científica da época ou ao senso comum?

Segundo autores, a sua bibliografia é muito vasta e comentam que, somente no início do século XX, Ellen já havia escrito cerca de cem mil páginas, equivalendo a 25 milhões de palavras (Douglass, 2003b). Além de ser autora de inúmeros livros, Ellen White também publicou em dois periódicos estadunidenses, “*The Health Reformer*” e “*Good Health*”, onde verificamos um elevado índice de matérias – uma centena de artigos – em que foi autora e nas quais também se referiu à Psicologia.

Segundo Douglass (2003), Ellen White publicou entre os anos 1850 e 1915, um período marcado por diferentes compreensões de como estudar e compreender o humano. Entretanto, uma das grandes modificações do século XIX refere-se ao campo religioso. Assim, vamos apresentar rapidamente a discussão travada a este respeito naquele momento histórico.

### **Questionamentos a partir do século XIX**

Durante o século XIX, ocorreram embates entre duas vertentes científicas que pensavam a origem humana. A primeira delas, predominante até meados daquele século e conhecida como Monogenismo, preconizava a origem una da humanidade, ou seja, o homem teria a sua origem em uma fonte comum, como descrito pela Bíblia. Nesta concepção menciona-se a noção de *virtualidade* que se refere a uma evolução<sup>7</sup> retardada em consequência de sua origem uniforme. A humanidade iria do mais perfeito, referente ao período edênico, ao menos perfeito em consequência da degeneração decorrente da “Queda”<sup>8</sup>. Por outro lado, o pensamento poligenista contestava esse pressuposto alegando a existência de diferentes centros originadores da humanidade, perspectiva que teve grande apoio a partir dos meados do século XIX devido ao avanço das ciências biológicas, permitindo identificar diferentes tipos de seres humanos.

---

<sup>7</sup> A concepção de evolução no contexto do século XVIII expressa a ideia de que nada de novo surgiria, antes, tudo estaria pronto desde o princípio e somente passaria por aperfeiçoamento (Schwarcz, 1993, p. 255).

<sup>8</sup> Com expressão “queda” nos referimos a um conceito bíblico descrito, inicialmente, no livro de Gênesis. No capítulo 3 deste livro, lemos que o casal edênico – Adão e Eva – teria desobedecido a uma ordem divina ao provarem do “fruto proibido” e, então, foram expulsos do jardim do Éden, local onde desfrutavam da imortalidade e de outros benefícios do “paraíso” criado por Deus. Deste modo, a ideia de “queda” que adotamos neste trecho, como em outros momentos desta tese, refere-se a essa narrativa de Gênesis.

O debate entre essas correntes desdobrou-se com o surgimento de duas disciplinas. Enquanto o Monogenismo esteve presente na disciplina Análises Etnológicas, ligada à concepção humanista de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), o Poligenismo fortaleceu-se com o surgimento “simultâneo da *frenologia* e *antropometria*, teorias que passavam a interpretar a capacidade humana tomando em conta a proporção do cérebro dos diferentes povos” (Schwarcz, 1993, p. 48). No entanto, esse debate se enfraqueceu com a publicação da obra “A origem das Espécies” (Darwin, 1859), que passou a ser um paradigma de época, sendo adotado por ambas as correntes, monogenista e poligenista.

A influência da obra de Charles Darwin (1809-1882) ultrapassou o próprio campo da biologia, estendendo-se a outras áreas, pois marcou de modo “incontornável a concepção do vivo no século XIX” (Portugal, 2013, p. 121). Este autor, inclusive, é tido como uma das fontes de pensamento que possibilitou o surgimento da Psicologia Inglesa ou “Psicologia comparada”, sustentando uma continuidade entre os homens e os animais, do que decorria que os primeiros poderiam ser estudados por comparação com os últimos. Darwin correlacionou as faculdades mentais de ambos pois, a seu ver, decorriam da atividade cerebral, concluindo então que a psicologia teria de investigar a aquisição gradativa das faculdades mentais. Desfazendo a linearidade proposta por Aristóteles (384a.C-322a.C), supondo que o homem estaria no topo da evolução, acima dos animais, Darwin propôs uma estrutura ramificada, “a árvore da vida, nascida de uma única raiz, evoluindo e diversificando-se em inúmeros ramos evolutivos” (Yamamoto, 2013, 329).

A proposta de psicologia darwiniana decorreu da curiosidade de Darwin em demarcar como o homem descende de uma forma de vida preexistente, tema sobre o qual discorreu detalhadamente nas obras “A ascendência do homem” (1871) e “A Expressão das emoções em homens e animais” (1872). Segundo Portugal (2013), nestas obras encontram-se descrições apontando semelhanças psíquicas entre homens e animais, a partir de observações, questionários e experimentações realizadas por Darwin, apresentando-se, portanto, como uma crítica às perspectivas – dentre as quais as religiosas – que separam qualitativamente o homem dos animais. Esta proposta teve intensa divulgação no século XIX, o que propiciou estes debates.

Entretanto, a divulgação não ocorreu somente em relação à biologia e à teoria da evolução, mas também atingiu psicologia, como mencionamos acima em relação à psicologia comparada. Tendo em vista o nosso interesse pela presença da Psicologia nas publicações de Ellen White, nos questionamos sobre a forma como este conhecimento científico se tornou

acessível a ela, que não tinha formação em Psicologia. Ressalte-se que este foi, inclusive, um dos aspectos considerados no decorrer da nossa investigação sobre as publicações de Ellen, como será visto posteriormente, pois a versão de Psicologia que circulou pelos seus escritos é decorrente da sua compreensão acerca desta ciência, bem como das relações que teceu entre esta disciplina e a religião.

### **A ciência em outros espaços: a divulgação científica**

Gavroglu e colaboradores (2008) nos informam alguns aspectos relativos à divulgação científica, e consideram que há um equívoco na descrição de como o conhecimento científico circula, isto é, a ideia de que a divulgação científica consiste numa transmissão de conhecimento e, sendo assim, o discurso científico é replicado na sociedade, que o aceita passivamente. Os autores estão aqui falando de como a produção científica europeia chega a outros países. Dito de outra maneira, o discurso científico originário europeu apenas se espalha pelos demais países e mantém a sua forma original, pois passa por um processo de replicação, somente. Os autores discordam. Consideram que isto é uma lógica inapropriada, pois o conhecimento científico não se transmite, mas se transforma segundo a realidade em que se encontra. O que ocorre é, portanto, um processo de apropriação do conhecimento.

Ressalte-se ainda que a ideia de transmissão de conhecimento pressupõe que aquele que comunica, transmite uma perspectiva já elaborada, pronta, enquanto o que recebe o faz através da educação e isto ocorre por meio de agentes locais (ou intelectuais locais) que o comunicam. Partindo desse princípio, “os intelectuais locais não eram mais do que agentes locais que introduziram (e na maioria das vezes lutaram muito por) as mercadorias produzidas em lugares distantes” (Gavroglu et al., 2008, p. 7).

Este pressuposto (transmissão de conhecimento) impede a consideração de outro aspecto relativo à circulação do conhecimento, a saber, que tal conhecimento é transformado e assume um formato inédito no decorrer de sua inserção em outro contexto social e educacional, como ocorreu com as publicações de Ellen White que tiveram a psicologia por assunto.

No decorrer da pesquisa documental, percebemos que Ellen White estabeleceu relações entre a nutrição e assuntos bíblicos em suas obras – o que já se configura como uma transformação do discurso científico – e divulgou a psicologia a partir disso. Deste modo, nos

referimos à noção de que, de um modo geral, Ellen mais se referiu à nutrição no decorrer dos artigos que publicou. Isto reforça a ideia de que a divulgação científica feita por Ellen foi em torno dessa área do conhecimento. Quando se referiu à Psicologia, Ellen discorreu sobre saúde mental mas, também, fez contraposições. Isto é evidente quando criticou o mesmerismo, o magnetismo animal etc., alegando serem estes os meios pelos quais o diabo engana as pessoas (White, 1904). Além destas ocorrências, identificamos outras, como demonstramos ao longo dos capítulos, onde mais percebemos uma transformação do conhecimento, do que uma replicação. Trata-se, portanto, de uma produção de conhecimento e, sendo assim, compreendemos que a relação entre Ellen White e a Psicologia identifica-se mais com o conceito de rede.

As redes são ampliadas, as estruturas mais ou menos hierárquicas e fluidas, que representam a mediação de ideias, práticas e instrumentos entre nós, mais ou menos distantes, com a sua importância relativa evoluindo dinamicamente com o tempo. Os nós podem representar indivíduos ou instrumentos ou estruturas, tais como instituições (Gavroglu et al., 2008, p. 09-10).

Pelo que dissemos até o momento sobre a circulação da psicologia por meio de Ellen White, outro conceito que se destaca em nossa investigação é o de apropriação, pois engloba os esforços para tornar as novas ideias coerentes com as configurações locais, neste caso com as crenças filosóficas, bem como com as tradições religiosas.

Por este motivo, a análise da apropriação implica em uma investigação particularizada, contextual, onde se reflete a respeito do agente que se apropria de uma perspectiva científica, bem como exige uma investigação do local – geográfico, histórico, cultural - onde ocorre a apropriação, do público-alvo a quem o agente se refere etc. Deste modo, nos preocupamos, ao buscar apreender a psicologia presente na obra de Ellen White, compreender também seu contexto, ou seja, a história dos Estados Unidos, sobre a história das religiões, principalmente o percurso da IASD, entre outros temas que embasaram a discussão desta tese.

Ainda sobre a divulgação científica, outras perspectivas que se referem a uma discussão de caráter mais conceitual e aludem às dificuldades em torno em torno deste processo. A fim de discorrer sobre isto, refletimos, inicialmente, sobre tal expressão e consideraremos algumas observações históricas em relação a esse conceito.

No entanto, há de se ter cautela para discorrer sobre isto, pois Germano e Kulesza (2007) mencionam outros conceitos que, geralmente, se confundem com a noção de divulgação científica, ou seja, as noções de vulgarização da ciência, alfabetização científica e popularização da ciência.

A começar pela noção de vulgarização da ciência, expressão que teve a sua origem na França, em princípios do século XIX, Germano e Kulesza (2007) consideraram as dificuldades na utilização dessa expressão em decorrência do sentido pejorativo associado à noção de vulgar, referindo-se a algo trivial, usual, entre outros. Como alternativa a esta expressão veiculou-se, também na França, o conceito de popularização da ciência.

Popularização é o ato ou ação de popularizar: tornar popular, difundir algo entre o povo. O que remete a dois conceitos também problemáticos, o conceito de popular: agradável ao povo; próprio do povo ou destinado ao conceito de povo: ‘vulgo, massa, plebe, multidão, turba, ralé ou escória’ (Germano & Kulesza, 2007, p. 19).

Embora reconhecido como alternativa, o conceito de popularização não foi amplamente aceito entre a comunidade científica francesa, devido às dificuldades em torno de sua definição. Esta expressão foi mais utilizada entre os britânicos e, principalmente, em países latino-americanos, nomeando, inclusive a Rede de **Popularização** da Ciência e da Tecnologia na América Latina e no Caribe<sup>9</sup>. Conhecida como “RedPOP”, foi criada no Rio de Janeiro, em novembro 1990, por solicitação do Programa de Ciência, Tecnologia e Sociedade da UNESCO, tendo por principal objetivo estreitar a comunicação, bem como o intercâmbio entre grupos, programas e centros voltados para a popularização da ciência e tecnologia sediados na América Latina e no Caribe, além de incentivar as iniciativas voltadas para a popularização da ciência e da tecnologia.

A popularização foi compreendida pelos autores a partir de uma necessidade de

Colocá-la no campo da participação popular e sob o crivo do diálogo com os movimentos sociais. É convertê-la ao serviço e às causas das maiorias e minorias oprimidas numa ação cultural que, referenciada na dimensão reflexiva da comunicação e no diálogo dos diferentes, oriente suas ações respeitando a vida cotidiana e o universo simbólico do outro (Germano & Kulesza, 2007, p. 20).

---

<sup>9</sup> <https://www.redpop.org/>

Além dessa possibilidade, outras expressões são utilizadas para descrever a relação social com o saber científico: a alfabetização científica e a divulgação científica. A primeira remete a uma capacidade de lidar com o conhecimento científico, de modo que se tenha compreensão da perspectiva científica suficiente para que haja, também, opiniões balizadas sobre a ciência. Consiste em uma expressão mais utilizada nos Estados Unidos – estando presente também no Brasil mas, neste país, utiliza-se mais a expressão divulgação científica – e, segundo alguns autores (Lorenzetti & Delizoicov, 2001), podendo ser classificada em três modalidades, a saber, a alfabetização científica prática, a alfabetização científica cívica e, por fim, a alfabetização científica cultural.

A alfabetização científica prática está relacionada com a aptidão para a resolução de problemas concretos. Neste sentido, contribui para o desenvolvimento de habilidades para lidar com as dificuldades que se apresentam. A alfabetização científica cívica é a que possibilita ao indivíduo o conhecimento da ciência e das dificuldades desta e, sendo assim, restringe-se a uma posição informativa. Por fim, a alfabetização científica cultural consiste numa busca por conhecimento científico, por parte de uma fração da sociedade, interessada na ciência ou motivada pelo desejo de conhecimento sobre um assunto científico específico.

Diante do tema proposto por esta tese, consideramos que o conceito de divulgação científica, como descrito por Authier-Revuz (1998), como consistindo em “uma atividade de disseminação, em direção ao exterior, de conhecimentos já produzidos e em circulação no interior de uma comunidade mais restrita” é o mais adequado para nossos propósitos. Tal atividade não tem por objetivo formar especialistas, mas é necessária para o desenvolvimento das ciências, principalmente por criar um campo social favorável ao saber científico e atrair novos aprendizes para ele. Tendo em vista que a prática científica não é abordada pelos textos relativos à divulgação científica (D.C), o que sucede é que “o fosso a transpor ou a barreira a transgredir sejam sempre reduzidos a questão de comunicação: ‘língua’ dos cientistas torna-se, fora dos muros da comunidade, uma língua estrangeira” (Authier-Revuz, 1998, p. 108). Desta forma, o autor comenta que os textos sobre D.C. refletem sobre o objetivo de tornar acessível ao público os resultados obtidos pelas pesquisas científicas. Corroborando o que dissemos a partir de Gavroglu e colaboradores (2008), Authier - Revuz (1998) nos diz que, no processo de divulgação científica, o discurso científico é reformulado em um segundo discurso, tornando-o acessível ao público.

A divulgação científica também pode ser compreendida a partir da definição clássica do termo “divulgar”, decorrente de do latim *divulgare*, significando tornar conhecido,

transmitir ao público, difundir etc. e, considerando isto, a divulgação científica consistiria na “veiculação em termos simples da ciência como processo, dos princípios nela estabelecidos, das metodologias que emprega; revelando, sobretudo, a intensidade dos problemas sociais implícitos nessa atividade” (Germano & Kulesza, 2007, p. 14).

Compreendida como um fenômeno de origem remota, a divulgação científica assumiu, ao longo dos séculos, finalidades e características distintas a partir do contexto da época, dos interesses, das motivações, entre outros fatores. Moreira (2006, p. 12) ilustrou essa compreensão quando se referiu a Galileu Galilei (1564 - 1642) e alguns acontecimentos ocorridos em séculos posteriores a este personagem.

Galileu, por exemplo, exerceu um trabalho intenso de divulgação, não só da física e da astronomia, mas também dos novos métodos de pensar e experimentar. No século XVIII, as maravilhas da ciência foram exibidas como provas da existência de Deus, ora como meio de difundir conhecimentos necessários ao progresso e à afirmação da razão; a ciência se tornou primeiro uma fonte de interesse e de diversão para a aristocracia e posteriormente, com o Iluminismo, foi elevada à categoria de importante instrumento político. No século XIX, com a Revolução Industrial, a ciência adquiriu um caráter econômico e político mais explícito ao se tornar símbolo e instrumento para o progresso e para a liberação social. Em contrapartida, as expedições dos naturalistas europeus a várias partes do mundo tiveram um papel importante na incorporação de conhecimentos produzidos em outras culturas. No século XX, o vínculo entre CT e o tecido econômico-militar se estreitou e emergiram novas relações entre o contexto sociocultural e a ciência; surgiu também o marketing institucional, a profissionalização de divulgadores da ciência e uma inserção grande nos meios de comunicação de massa. (Moreira, 2006, p. 12)

Discorrer sobre essas definições e compreensões de divulgação científica visa uma aproximação aos escritos de Ellen White por esta ter propalado conceitos do campo *psi*, como as correntes de pensamento *psi* existentes em sua época, como o mesmerismo, o magnetismo animal, a frenologia etc. Além disso, nos parece importante investigar o público-alvo dos seus escritos e, com isto, a maneira como ocorreu a circulação da perspectiva whiteana.

Mas, como dissemos inicialmente, Ellen White ficou conhecida como uma das fundadoras da IASD e seus escritos (cartas, livros, artigos etc.) são até hoje consultados por

boa parte dos fiéis desta denominação, que têm muita estima por essa personagem e consideram a sua produção bibliográfica como recomendações espirituais e as obedecem, tendo por objetivo uma comunicação mais próxima com Deus. Por este motivo, consideramos relevante apresentar, em termos amplos, a história da IASD, principalmente seu surgimento.

## A IASD

Segundo Schunemann (2003), a IASD é de origem americana e surgiu em torno de três personagens, considerados os seus fundadores: a já mencionada Ellen White, James Springer White (1821-1881)<sup>10</sup> e Joseph Bates (1792-1872)<sup>11</sup>. Para Schunemann, esta denominação surgiu em meados do século XIX “após a Grande Decepção de 1844, que envolveu os seguidores do pregador batista William Miller<sup>12</sup>” (Schunemann, 2003, p. 27). Este acontecimento será detalhado no decorrer dos próximos parágrafos.

Durante a primeira metade do século XIX formou-se um grupo cujos membros ficaram conhecidos como “mileritas”, termo derivado de William Miller (1782-1849), fazendeiro americano que, após longo estudo da Bíblia durante as primeiras décadas do século XIX, concluiu que Cristo voltaria à Terra muito em breve, a fim de salvar os seus seguidores (discípulos). Miller teve muitos adeptos, em torno de um milhão de pessoas, que se frustraram com o não retorno de Cristo. Este acontecimento ficou conhecido como “O grande desapontamento” ou “A grande decepção”.

---

<sup>10</sup> James era natural de Maine (EUA) e pertencia a uma família de pioneiros ingleses, de tradição cristã. Nos anos 1830, conheceu as ideias difundidas por William Miller e tornou-se seu propagador. Durante as viagens que fez, a fim de popularizar os preceitos do movimento milerita, conheceu a Ellen White; casaram-se em 1846. James também se tornou conhecido como um administrador e escritor, mas se destaca que atuou como presidente da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia entre os anos de 1865 e 1867, 1869 e 1871 e, por fim, de 1874 a 1880.

<sup>11</sup> Bates nasceu em Rochester (EUA), tornou-se marinheiro e, em finais dos anos 1830, passou a seguir as ideias de Miller. Consta que foi um personagem relevante em conferências sobre a IASD e, em seu estabelecimento, por ter presidido uma das primeiras associações adventistas (Schwarz & Greenleaf, 2009).

<sup>12</sup> William Miller (1782 - 1849) nasceu na cidade de Pittsfield (Massachusetts). Quando completou 21 anos de idade casou-se com Lucy P. Smith e instalou-se em Poultney, no Estado de Vermont, onde exerceu as profissões de agricultor, de juiz e de xerife dessa cidade. Miller também ingressou no exército dos Estados Unidos, como primeiro tenente, após ter sido capitão voluntário deste país, no decorrer da Guerra Anglo-Americana, em 1812. Destaque-se que Miller foi um dos precursores da Igreja Adventista do Sétimo Dia liderando um movimento interdenominacional difundindo a ideia de que Cristo retornaria em 22 de outubro de 1844.

Inicialmente, Miller interpretou o retorno de Cristo à Terra como um evento que ocorreria no

‘Ano judaico de 1843’. Após algumas decepções, a expectativa do movimento alcançou o máximo de excitação em torno do dia 22 de outubro de 1844, o décimo-dia mês do calendário judaico caraíta<sup>13</sup>, que seria o dia da festa judaica da Expição (Schunemann, 2003, p. 27).

Segundo Butler (1987), os mileritas formaram um “movimento interdenominacional: [...] composto por seguidores de diversas denominações religiosas, dentre as quais destacamos: Congregacionistas, Presbiterianos, Metodistas, Batistas e Quakers” (Butler *apud* Ferreira e Souza, 2018, p. 101).

Com a chegada de 22 de outubro de 1844 e o não acontecimento do evento anunciado por Miller, o movimento milerita sofreu um fracionamento, sendo subdivido em, pelo menos, quatro grupos. Douglass (2003, p. 50) classificou os grupos da seguinte maneira:

(1) Os conhecidos como adventistas evangélicos abandonaram os ensinamentos proféticos de Miller e foram absorvidos em outros grupos protestantes ao tornar-se evidente que quase nada os separava. (2) Outro grupo cria que o milênio havia ficado no passado, que os mortos agora ‘dormiam’ esperando a ressurreição e que os ímpios seriam aniquilados. Por fim, esses se tornaram conhecidos como a Igreja Cristã do Advento, hoje o maior remanescente não observador do sábado, proveniente do adveníssimo milerita. (3) Centralizado ao redor de Rochester, Nova Iorque, outro grupo via o milênio como estando ainda no futuro – durante o qual os judeus voltariam para a Palestina. Tenazmente contrários a organização formal da igreja, esses adventistas da ‘Era Vindoura’ nunca se tornaram fortes nem unidos. (4) O quarto grupo ficou conhecido como os adventistas do ‘Sábado e da Porta Fechada’ [...] eles desenvolveram uma base lógica para os acontecimentos centralizados em 22 de outubro de 1844. Este grupo disperso finalmente encontrou sua unidade missão, vindo a chamar-se Adventistas do Sétimo Dia.

---

<sup>13</sup> Este termo alude aos Caraítas, um grupo que se separou do judaísmo no século VIII, por rejeitar a *Halakhá*, isto é, a Torá oral, prezando somente pela Torá escrita, sendo esta rigorosamente aplicada pelos caraítas em seu sistema de crenças. A Torá corresponde aos cinco primeiros livros da Bíblia, mais conhecidos como “Pentateuco”. Os livros que compõem a Torá ou o Pentateuco, são os seguintes: Gênesis, Êxodo, Levíticos, Números e Deuteronômio (Sorj & Grin, 2008).

A origem e formação da IASD teve seu início nos anos 1830, década em que Miller foi se notabilizando com os seus estudos sobre os livros bíblicos de Daniel e Apocalipse estabelecendo datas para a volta de Cristo. Este período estendeu-se até finais do século XIX, quando Ellen White se sobressaiu na liderança da denominação, após o falecimento de James White e Joseph Bates. Isto ocorreu não somente no âmbito local, mas em uma escala internacional, em resultado das viagens que fez para diferentes partes do mundo, a fim de contribuir com a instalação de novas congregações, bem como com a popularização dos preceitos adventistas. Isto será detalhado mais adiante, quando discorrermos sobre esta personagem (Schwarz & Greenleaf, 2009).

O período de formação da IASD também foi marcado por embates internos. Sobre este assunto, Schwarz e Greenleaf (2009, p. 11) comentam que, em Minneápolis,

Os ministros, ansiosos por perpetuar as crenças da igreja, pregavam ousadamente, às vezes de forma ameaçadora, sobre profecia, observância do sábado e o breve retorno de Jesus. Dois homens mais jovens, da mesma forma veemente, pregavam novas ideias sobre a relação da lei com a obediência, perdão e graça. Para alguns, era chocante pensar que, em sua ênfase sobre doutrinas baseadas na Bíblia, poderiam haver negligenciado a mais básica de todas, a fé no sangue expiatório de Jesus. Desenvolveu-se um confronto e, em Minneápolis, no ano de 1888, a igreja discutiu deixando feridas cujas cicatrizes duraram um longo tempo. (Schwarz e Greenleaf, 2009, p. 11)

Este confronto, segundo estes autores, marcou o fim do período de origem e formação da IASD e a transição para o período que se estendeu ainda de 1888 até 1945. Este período da história da IASD é descrito como sendo um momento de crescimento e reorganização, atribuído à trajetória de Ellen White enquanto escritora e conselheira, especialmente na década de 1890.

Depois da tempestade de Minneápolis, em 1888, uma igreja sóbria pôs-se a realizar o seu propósito com uma nova visão. Em 1891, Ellen G. White iniciou quase uma década de residência na Austrália, a fim de dar àquela pequena comunidade adventista a mesma espécie de orientação que ela havia oferecido nos Estados Unidos. Ela passou os últimos anos de sua vida na Califórnia, escrevendo vários livros. Do ponto de vista

literário, esses foram alguns de seus anos mais produtivos (Schwarz e Greenleaf, 2009, p. 189).

Ao que parece os anos de crescimento e reorganização foram marcados por algumas mudanças na IASD, tais como o aumento do número de membros, que atingiu o índice de 75 mil em 1900, e a mudança da sede de Battle Creeck para Washington, em 1903. Nesse segundo recorte temporal, a IASD também teve de se reorganizar em consequência do falecimento de Ellen White, em 1915, pois não poderia mais contar com a presença dessa personagem, somente com os escritos que deixou. Schwarz e Greenleaf (2009) descreveram esse momento como sendo de extrema dificuldade, a ponto de que “para alguns, isso significou ter de andar às apalpadelas em busca de autoconfiança” (p. 189).

Um aspecto sinalizado por Schunemann foi que, no Brasil, "a presença de colônias alemãs, que se mantinham relativamente isoladas do resto do país, propiciou o primeiro contexto favorável para a expansão do adventismo no Brasil” (Schunemann, 2003, p. 31). O autor também fala sobre o espectro de religiões dos imigrantes alemães:

A religião dos imigrantes era, predominantemente, protestante, embora tenham vindo para o Brasil, alemães católicos. Magalhães (1998) analisa que boa parte dos imigrantes tinha uma prática religiosa ligada ao Pietismo, movimento originário do século XVIII no Luteranismo, mas que ainda no século XIX tinha muita influência na religiosidade popular alemã. A marca do Pietismo é, justamente, a piedade pessoal, experiência religiosa subjetiva em que se volta para o lado mais pessoal da fé (Schunemann, 2003, p. 31).

Ressalte-se que há afinidades entre o Pietismo e o Adventismo. Uma primeira semelhança e, talvez, a determinante para a existência de outras similaridades entre as denominações, é o fato de que ambos foram fundados por ex-metodistas; além disto, um tema em comum é o zelo por “uma vida de santidade para aguardar o juízo próximo de Deus” (Schunemann, 2003, p. 33).

Um aspecto ressaltado por Carvalho (2014) foi que o modo inicial de inserção do adventismo no território brasileiro ocorreu por meio das publicações que aqui chegaram através de missionários estrangeiros em finais do século XIX e início do século XX. Este acontecimento foi descrito por Carvalho (2014) como a chegada não oficial da IASD, pois,

em sua compreensão, a chegada oficial somente ocorreria através da vinda de obreiros desta igreja ou de um pastor ordenado. Deste modo, Carvalho (2014) procurou demonstrar que as publicações adventistas antecederam a vinda de um pastor ordenado e, até mesmo, da institucionalização da denominação neste país. O período retratado por Carvalho (2014) abrange as últimas décadas do século XIX e se estende até os anos 1950.

Discorrendo sobre a vinda dessa denominação para o Brasil, Carvalho (2014) pontuou que há incógnitas acerca desse processo inicial de inserção. No entanto, afirmou que isso ocorreu, inicialmente, através de

Um jovem chamado Borchardt, foragido em viagem para Europa no navio alemão que fazia a linha Europa - América do Sul, conheceu missionários adventistas que distribuíam literatura. Ele forneceu o nome e o endereço de seu padraсто Carlos Dreefke, luterano que residia em Brusque (SC) (Carvalho, 2014, p. 1059-1060).

Segundo Carvalho (2014) Dreefke recebeu um exemplar da revista *Stimme der Wahrheit* por volta de 1884 e, como descreveu, “de forma mais acidental do que proposital” (p. 1060), outros exemplares da revista foram entregues a outros destinatários em Brusque, majoritariamente alemães que residiam na região. Este autor comenta ainda que um casal, Joana e Guilherme Belz, a partir da leitura da revista e de outro livro, não explicitado, tornaram-se sabatistas ou observadores do sábado. Para Carvalho (2014) outras pessoas tiveram a mesma experiência naquela região e, dessa maneira, formaram-se diversos núcleos de observadores do sábado.

Para Schuneman (2003) e Carvalho (2014), Albert B. Stauffer (1872-1922) destacou-se como personagem na inserção do adventismo no Brasil. Stauffer foi um missionário que veio ao país, no início dos anos 1890, para comercializar literaturas adventistas, tendo também atuado na Argentina e no Uruguai. Segundo Schunemann (2003), Stauffer dispunha apenas de literaturas em alemão ou em inglês e a existência de colônias alemãs no país foi considerada fundamental para a recepção do material que fornecia. Para este autor, Stauffer iniciou a sua trajetória percorrendo os Estados de Espírito Santo e São Paulo por saber da existência de colônias alemãs dispersas pelo país.

Schunemann (2003) compõe esse quadro com outros personagens, dentre os quais Elwin Snyder (1865-1919) e Clair Nowlen (1865-1961), missionários que, juntamente com Stauffer, estiveram no Brasil no início dos anos 1890. Segundo Prestes Filho (2006), Snyder

passou pelo Rio de Janeiro e conheceu “Albert Bachmeyer, marinheiro alemão que poucos meses antes havia se tornado protestante em Liverpool, que passou a colaborar também com o trabalho de colportagem no Brasil” (Prestes Filho, 2006, p. 73). A colportagem é uma atividade da IASD que consiste na venda de literaturas publicadas por essa denominação. Os colportores, que também são denominados missionários, popularizaram a IASD no Brasil, por meio de seu trabalho de comercialização das literaturas da IASD (Schunemann, 2003). Segundo Schunemann (2003), Bachmeyer se dirigiu ao Sul do país a fim de vender literaturas adventistas.

Para Prestes Filho (2006, p. 69),

Três diferentes linhas de atividade marcaram o começo do adventismo na América do Sul. A Primeira delas esteve ligada às publicações adventistas, que chegaram a vários países latino-americanos entre 1880 e 1890. Em todos os casos conhecidos, aqueles que receberam publicações pertenciam a colônias de imigrantes que receberam as primeiras informações a respeito dos adventistas em sua língua de origem. A segunda atividade importante foi a participação de leigos, que contribuíram para a disseminação da mensagem adventista. Por fim, a terceira linha de atividade foi a participação de missionários de sustento próprio, a maioria deles colportores, que se sustentavam a partir da venda de publicações. A Junta de Missões Estrangeiras da Associação Geral, que foi organizada em 1889, enviou os três primeiros missionários de sustento próprio em 1891 ao Uruguai e Argentina, e dali três colportores se dirigiram ao Brasil e Chile. Como resultado do trabalho destes missionários, a Junta de Missões Estrangeiras, decidiu enviar o primeiro pastor ordenado em 1894, com o propósito de organizar a atividade da Igreja na América do Sul (Prestes Filho, 2006, p. 69).

Segundo Carvalho (2014), muitos imigrantes brasileiros se tornaram adventistas através da leitura das literaturas que foram comercializadas pelos colportores e, esta informação chegou até à liderança administrativa da IASD, sediada nos Estados Unidos, por meio de cartas remetidas pelos próprios recém-conversos. A ideia defendida por Carvalho (2014) e pelos demais autores citados é, pois, que o adventismo ingressou no Brasil por via de publicações, no início dos anos 1880. Para Ferreira e Souza (2018, p. 8), isso ocorreu “no Vale de Itajaí, no estado de Santa Catarina, entre 1883 e 1884, por meio de folhetos impressos que chegaram pelo porto local”.

Enfim, enviou-se o pastor Frank Henry Westphal (1858-1944), sendo este um personagem frequentemente citado ao se considerar a chegada dessa denominação ao Brasil, pois é tido como o primeiro pastor adventista a visitar este país, o que ocorreu em 1894. Westphal também estava atuando em outros países, como Uruguai e Argentina, mas empreendeu viagens por São Paulo, Joinville e outras cidades localizadas no Sul do país. A este pastor também é atribuído o primeiro batismo realizado em território brasileiro, em 1895. Diz-se que o converso batizado foi Guilherme Stein Jr. (1871-1957) em Piracicaba (SP). Posteriormente, Stein Jr. traduziu obras de Ellen White, além de se tornar redator de uma revista voltada para a evangelização. A sua conversão para o adventismo é tida como um marco e propulsora do adventismo no Brasil em decorrência das suas contribuições (Carvalho, 2014; Schunemann, 2003).

Além das publicações estrangeiras e do pioneirismo a elas atribuído, Carvalho (2014) ressaltou a existência de outras formas de expansão adotadas pela IASD, Com este objetivo, esta igreja investiu na construção de escolas, de hospitais e de uma editora oficial, a Casa Publicadora Brasileira (CPB), localizada em Tatuí (SP). Por outro lado, observa-se que “o Adventismo progrediu mais nas partes ‘européias’ da América do Sul, como Argentina e o sul do Brasil” (Schunemann, 2003, p. 33). Para este autor, o adventismo teve êxito em estados brasileiros que se aproximavam, culturalmente, das regiões norte-americanas e europeias ou regiões em que havia a presença de imigrantes oriundos de países americanos e europeus. Neste sentido, menciona que a primeira tentativa de construir um colégio adventista foi em Brusque (SC), entre 1897 e 1903.

Com isto, estamos querendo dizer que a chegada da IASD no Brasil ocorreu por via dos colportores e dos pastores ordenados americanos e, por outro lado, a presença de alemães neste país foi crucial para que o adventismo se instalasse e se propagasse, tendo em vista que a Alemanha foi o país em que o adventismo progrediu notadamente. Isso ocorreu num período em que o Brasil passava por inúmeras mudanças em termos sociais, econômicos e políticos.

Este período histórico foi retratado por Carvalho (2014):

Os anos finais do século XIX e início do século XX evidenciavam que a cena social, política e econômica do Brasil se apresentava bastante transformada, de forma que as elites rurais e agrárias, bem como a burguesia urbana surgida com o início da industrialização impeliam as suas forças no aparelho estatal (Carvalho, 2014, p. 1059).

Sendo assim, a IASD chegou ao Brasil num momento em que o país passava por períodos turbulentos. Carvalho (1987), Fausto (1995) e Chalhoub (2001), sinalizaram que o Brasil se destacou entre países como Estados Unidos, Canadá, Argentina etc. como aquele que mais recebeu imigrantes europeus e asiáticos em busca de melhores condições trabalhistas, bem como de ascensão social no período. Em decorrência da imigração, bem como da abolição da escravidão da forma que foi, sem nenhuma política social destinada à melhoria das condições sociais e econômicas dos ex-escravizados, ou sequer um projeto voltado para a organização das cidades que os receberiam, o Brasil enfrentou um acelerado crescimento demográfico urbano, aumentando suas dificuldades em relação ao saneamento e à higiene, além de problemas com o abastecimento de água, entre outros, gerando surtos de epidemias, como febre amarela, tuberculose e malária (Carvalho, 1987).

Fonseca (2008) em seu artigo intitulado “Muito Além do Sábado: O Pioneirismo Adventista na Mídia Eletrônica Religiosa” destacou o pioneirismo da IASD na utilização da mídia eletrônica no Brasil para a popularização dos dogmas adventistas, sobretudo das recomendações referentes à alimentação e tantos outros assuntos reforçados pela própria Ellen White em sua bibliografia. Segundo este autor,

A mídia não é apenas um fenômeno econômico ou um instrumento político. Mais do que isso, a mídia deve ser estudada como processo de criação de identidades culturais, fator central na constituição dos atores sociais e na produção e distribuição dos bens simbólicos. Não por acaso que é recorrente a presença e o uso das religiões dos veículos de comunicação de massa (Fonseca, 2008, p. 90).

Para Fonseca (2008), no início dos anos 1940, o Brasil contava com cerca de 100 emissoras de rádio, um quadro absolutamente diverso daquele observado nos anos 1920, quando foi feita a apresentação oficial do rádio ao longo da Exposição Internacional comemorativa do centenário da Independência do Brasil, em 07 de setembro de 1922 (Azevedo, 2002). A década de 1940 também foi aquela em que a Rádio Nacional do Rio de Janeiro produziu 116 novelas e se especula que, nesta década de avanços da radiodifusão, tenham ocorrido iniciativas da IASD no sentido de ocupar as programações das emissoras com pregações.

## **Os EUA como terra prometida para diferentes religiões**

O caráter interdenominacional da IASD em sua origem despertou-nos o interesse pela compreensão do que Schwarz & Greenleaf (2009) disseram acerca dos Estados Unidos enquanto uma “terra prometida para dissidentes religiosos” (p. 14). Estes autores estavam se referindo a um período anterior ao da organização da IASD, a saber, finais do século XVIII e princípios do século XIX. Balmer ([s.d.]) mencionou a presença de quakers, presbiterianos, católicos, entre outros, além dos nativos americanos e dos escravizados que foram trazidos forçadamente da África. O povoamento foi diversificado nesse contexto (alemães, franceses e pessoas de outras nacionalidades vieram para o território que é atualmente Estados Unidos), sendo que os ingleses foram em maior número, juntamente com escoceses e galeses (Rémond, 1989). O mosaico religioso nos Estados Unidos foi descrito como uma das consequências da colonização europeia, sobretudo dos ingleses.

Inicialmente, vale ressaltar o pluralismo indígena na América, correspondendo à existência de centenas de povos indígenas e as suas respectivas culturas, bem como as mais de trezentas línguas utilizadas por eles. Inclusive, alguns dos povos indígenas deram nomes a estados estadunidenses, como Dakota, Iowa e Massachusetts. Com estes dados pretendemos questionar a compreensão da diversidade “religiosa” e cultural enquanto um resultado direto da colonização europeia. Compreendemos que o discurso referente à diversidade religiosa decorrente da colonização se refira às diferentes vertentes protestantes que imigraram para os Estados Unidos através dos colonizadores.

Para Noll (1992, p. 11), a colonização estadunidense teve o seu início em finais do século XV,

Only a generation before the start of the Protestant Reformation. The European exploration of America was intensified during the second half of the sixteenth century, in the same era as the reform of the Roman Catholic Church sometimes called the Counter-Reform. And the European settlement of America took place largely in the seventeenth century, when the divisions and subdivisions of the European Reformation assumed intellectual permanence. For better and for worse, these events in the Old World dictated the shape of Christianity’s early history in the New. (Noll, 1992, p. 11)

A análise do pluralismo religioso nos Estados Unidos do século XIX foi desenvolvida por Karnal (2007) por meio da consideração dos eventos ocorridos no país colonizador, a Inglaterra, desde o século XVI. A contestação à Igreja evidenciou-se com o rei Henrique VIII (1491-1547), através do Ato de Supremacia, em 1534, que levou à separação da Igreja inglesa de Roma, ou seja, o clero inglês passaria a ser gerido pela coroa Inglesa e estaria submetido a ela, movimento que ficou conhecido como Anglicanismo. Henrique VIII criou a Igreja Anglicana motivado por questões pessoais, pois a Igreja Católica não anulou seu casamento com Catarina Aragão (1485-1536) para casar-se com Ana Bolena. Sendo assim, percebe-se que as discordâncias doutrinárias não faziam parte dos interesses do rei mas, ressalte-se que

As ideias reformistas de Henrique VIII não foram unanimidade e os anos seguintes viveram diversos conflitos religiosos no território inglês, sob o reinado dos seus três filhos. Com Eduardo VI (1547-1553), ocorreram mudanças doutrinárias e litúrgicas em direção ao protestantismo, sob a regência do arcebispo Thomas Cranmer (1489-1556). Porém, Mary Tudor, denominada a Sanguinária (1553-1558), era católica e procurou, à base da espada, reconduzir a nação a fé católica (Degani-Carneiro, 2017, p. 66).

Nesse período, a Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero (1483 - 1546) estava em curso (1517-1648) e, chegando à Inglaterra, assumiu a forma conhecida como puritanismo, propondo uma reforma da Igreja Católica no decorrer do século XVI, durante o reinado de Mary Tudor (1516-1558).

Segundo Degani-Carneiro (2017), a monarquia inglesa fortaleceu-se sob o domínio da dinastia Tudor (1485-1603) e, paralelamente, viu-se a emergência de “um sentimento nacionalista e anti-Roma, notadamente quanto à ingerência da Igreja Católica nas questões religiosas e às suas propriedades no país” (p. 65-66).

O reinado inglês, após Mary Tudor, foi assumido por sua irmã, Elizabeth I (1533-1603), e, com sua permissão, Walter Raleigh iniciou a colonização da América realizando expedições à terra que intitulou Virgínia em 1584, 1585 e 1587. Como ressaltado por Karnal (2007), Virgínia foi uma homenagem a Elizabeth I, conhecida como “rainha Virgem”, por não ter deixado herdeiros ao trono. Além disso, como sinalizou este autor, ao longo do século XVII a Inglaterra passava por momentos de turbulências urbanas, em decorrência do êxodo rural e da escassez de recursos para suprir a população. Por este motivo, autoridades inglesas cogitavam enviar para a colônia sujeitos não desejados pela metrópole, ou seja, os

camponeses expulsos de suas terras, os órfãos etc. Além desses grupos, também um outro foi para a nova terra, aquele que é considerado o fundador do setor anglo-saxão e protestante dos Estados Unidos - os “pais peregrinos”.

Desde o século XVI, como enfatizado por Degani-Carneiro (2017), a perseguição religiosa era uma realidade na Inglaterra e muitos dos perseguidos viam no “Novo Mundo” uma alternativa para escapar das perseguições. Sendo assim, os puritanos encontraram refúgio nos Estados Unidos, em Massachusetts. Os puritanos formaram-se por meio de grupos protestantes, aproximando-se mais especificamente da perspectiva calvinista (Degani-Carneiro, 2017; Noll, 1992b).

Na Inglaterra, “os puritanos desenvolveram um movimento de crítica a Elizabeth I, instituída Governante Suprema da Igreja Anglicana, por eles considerada insuficientemente reformada. Assim, o movimento puritano pretendia purificar a igreja dos vestígios de catolicismo, reafirmando a doutrina reformada” (p. 67).

Uma característica dos puritanos era a crença no pressuposto de que constituíam um novo povo eleito por Deus, um “segundo Israel”, a fim de formarem uma sociedade de cidadãos eleitos. Com o propósito de sustentar tal perspectiva, utilizavam-se da Bíblia e, a partir das narrativas ali presentes, estabeleciam paralelos com a própria trajetória. Por exemplo, tal como os hebreus foram perseguidos no Egito, os puritanos foram perseguidos na Inglaterra.

Semelhantemente aos puritanos, os *quakers*, grupo que surgiu também com a Reforma, na Inglaterra, peregrinou em direção à América e a sua experiência neste lugar foi “solidificada quando William Penn estabeleceu uma grande colônia para abrigá-los: a Pensilvânia. A Pensilvânia não era apenas um local para refúgio dos quakers, mas também de todas as religiões que desejassem viver em liberdade e paz” (Karnal, 2007, p. 54).

O mosaico religioso nos Estados Unidos já era uma realidade quando observamos além desses dois grupos, pois havia uma presença considerável de católicos em uma das colônias, Maryland, apesar da desconfiança que existia em relação a eles, considerados perigosos à nação que estava se constituindo à época.

A dinâmica da colonização dos Estados Unidos pelos ingleses ocorreu de forma tardia, sendo precedida pelos espanhóis, dentre os quais Ponce de León (1474 - 1521) na década de 1510. Uma das causas para este atraso foi a dificuldade relacionada ao clima inconstante, “ora glacial, ora sufocante” (Rémond, 1989, p. 2), além da costa rochosa ao norte e pantanosa ao



com a Igreja estabelecida, estavam determinados a viver em conformidade com a sua fé e a guiar por ela a vida de suas pequenas comunidades. (Rémond, 1989, p. 5)

A religião permeou as atividades intelectuais, como bem ilustrado pela Universidade de Harvard que, fundada em 1636, teve por finalidade formar ministros religiosos. Outro caso refere-se à Universidade de Yale que, segundo os seus estatutos de 1745, como sinalizado por Karnal (2007),

Para ser admitido na Universidade era necessário ter a capacidade de ler e interpretar Virgílio e trechos em grego da *Bíblia*, escrever em latim, saber aritmética e levar uma vida ‘inofensiva’. O candidato a pupilo deveria ser piedoso em seguir ‘as regras do Verbo de Deus, lendo assiduamente as Sagradas Escrituras, a fonte de luz e da verdade, e atendendo constantemente a todos os deveres da religião tanto em público como em segredo’. O presidente deveria realizar no auditório da universidade toda manhã e toda tarde, lendo trechos da Sagrada Escritura. (Karnal, 2007, p. 42)

As colônias setentrionais destacaram-se pela organização das escolas primárias, demonstrando interesse na aprendizagem da leitura e da escrita. O ensino de assuntos relacionados à religião, segundo Karnal, pareceu ter acompanhado a estruturação de todo o sistema de ensino das colônias.

Após as colônias do Norte, frequentemente, fala-se a respeito das colônias do Sul. No entanto, entre essas colônias, existiram aquelas que ficaram conhecidas como intermediárias, ou seja, não vinculadas a nenhuma das mencionadas acima, e eram formadas por Nova Iorque, Nova Jersey, Delaware e Pensilvânia. Essa região foi povoada por holandeses e por suecos, e a Pensilvânia, levando

(...) o nome de seu fundador, Willian Penn, foi povoada pelos quakers. Sua capital, Filadélfia, cujo nome exprime a virtude que os amigos têm por regra, era a maior e mais admirada cidade norte-americana: seu urbanismo era muito avançado, mesmo em comparação com a Europa (Rémond, 1989, p. 8).

Por fim, as colônias do Sul ou meridionais, compostas por Maryland, Virgínia, Carolinas do Norte e do Sul. Divergindo do primeiro grupo, essas colônias

(...) Adotaram uma forma de ocupação e exploração do solo muito diferente da que se verificou na Nova Inglaterra, mais concentrada e mais extensiva: a *plantation*, com a ajuda da mão-de-obra negra importada da África e que o tráfico negreiro renovava e aumentava continuamente. A partir do século XVIII, os negros eram aí mais numerosos do que os brancos, e havia mais escravos do que homens livres (Rémond, 1989, p. 7).

Os produtos obtidos pela colheita eram típicos de regiões cujo clima é quente e úmido e, portanto, as regiões eram apropriadas para uma colonização atrativa para o mercado europeu. Deste modo, cultivou-se em excesso o tabaco, o arroz, o algodão, entre outros, sendo necessário comercializar com o exterior. A partir do que foi dito até o momento, vale ressaltar:

As colônias do Norte, com predominância da pequena propriedade, do trabalho livre, de atividades manufatureiras e com um mercado interno relativamente desenvolvido, realizando o comércio triangular. As colônias do Sul com o predomínio do latifúndio, voltado quase inteiramente à exportação, ao trabalho servil e escravo e pouco desenvolvidas quanto às manufaturas. Essas diferenças serão fundamentais tanto no momento da Independência quanto no da Guerra Civil Americana (Karnal, 2007, p. 58).

Com a Guerra Civil, viu-se a contraposição entre os Estados do Norte e os do Sul, também em termos religiosos. De certo modo, isto foi um desdobramento dos acontecimentos aqui comentados. Moorhead, [s.d.] e Stout, [s.d.] discorreram sobre este assunto, para o qual destinaremos os próximos parágrafos.

O primeiro autor se referiu à perspectiva dos cidadãos do Norte dos Estados Unidos, ressaltando o apoio de judeus e católicos à guerra, mas destacou os protestantes, que a compreenderam a partir de fragmentos da Bíblia, sobretudo do Apocalipse, capítulo 20. Questões em torno do arrebatamento, da besta do apocalipse, entre outras, suscitaram muitos debates ao longo século XIX. A guerra, na perspectiva dos Estados do Norte, sustentava-se sobre um tripé: 1) o lugar dos EUA no contexto mundial; 2) a vitória do Norte como um

evento desencadeante do milênio (pós-milenarismo) e, finalmente, 3) a questão da escravidão (Moorhead, [s.d.]).

Pressupunha-se que os Estados Unidos, com os seus ideários republicanos e democráticos, bem como com os valores cristãos, encontravam-se no sentido da civilização e a união dos estados iria corroborar com este propósito. No entanto, os Estados Confederados (Estados do Sul) representavam uma ameaça a tal processo civilizatório. Majoritariamente, os cristãos que residiam no Norte endossaram a perspectiva regional a partir de uma concepção pós-milenarista, a saber, que o retorno de Cristo à Terra ocorreria após um período de mil anos de paz e felicidade terrestres. Deste modo, sustentaram que o conflito teria, como desfecho, a vitória dos Estados do Norte, seguida por tal período de mil anos e, finalmente, a volta de Jesus.

É preciso considerar um aspecto: não se pode afirmar a presença de uma unanimidade entre os cristãos a respeito da manutenção ou abolição da escravidão. Embora a existência da escravidão nos tempos de Jesus, bem como o silêncio deste sobre o assunto fosse, majoritariamente, utilizados como justificativas para a manutenção da escravidão, a maioria dos cristãos opuseram-se a esta prática, compreendendo-a como um pecado. Sendo assim, boa parte dos cristãos nortistas voltava-se para a abolição da escravidão, enquanto outros a sustentavam. O otimismo observado no início do conflito foi se esvaecendo com a derrota do exército da União (Estados do Norte) na Virgínia, por exemplo. O fracasso militar, nesse episódio, foi compreendido pelos protestantes como uma punição divina à prática de escravidão ainda existente nestes estados (Moorhead, [s.d.]). No entanto, a ocorrência de episódios como este os motivou para a Abolição pois, como era comum na interpretação dos acontecimentos a partir de um prisma teológico, pensava-se que Deus continuaria castigando o Norte, caso não abolissem a prática da escravidão. Acreditava-se que a guerra era um batismo de sangue em que Deus estaria purificando o país, proporcionando um renascimento moral da nação, significando o fim da escravidão, a renúncia ao egoísmo etc.

Stout ([s.d.]) analisou esse assunto, porém, enfatizando a perspectiva dos Estados do Sul, também apropriando-se da Bíblia para sustentarem sua visão acerca da guerra e da escravidão. A identidade cristã dos Estados do Sul estava estampada na Constituição Confederada, proclamada em 8 de fevereiro de 1861. Jefferson Davis (1808 - 1889), então presidente confederado, decretou jejum nacional em 13 de junho de 1861, reforçando a identidade cristã a partir da compreensão da ação divina a seu favor. Stout destacou a frequência de sermões aludindo à guerra, como um proferido por William C. Butler na *St.*

*John's Episcopal Church*, em Richmond, Virgínia, por ocasião da vitória do Sul no First Manassas, em 21 de julho de 1861. A compreensão, então, era que Deus estaria comprometido com a causa confederada e, enquanto o conflito ocorria, observou-se a presença expressiva de mulheres e crianças nas igrejas.

Autores também consideravam o modo pelo qual os escravizados se referiam ao conflito, bem como a própria condição de escravizado, imposta pelo colonizador. Os escravizados também contavam com os seus pregadores e sermões voltados para a libertação, motivados por passagens bíblicas, sobretudo do Antigo Testamento onde se enfatizava a libertação do povo de Israel. Para os escravizados, Deus os libertaria desta condição e, motivados por isso, alguns optaram pela fuga em direção ao Norte do país, a fim de buscarem amparo das tropas e dos governantes.

It was the slaves's conviction that God was ultimately on *their* side that gave them the courage to run away and throw themselves on the mercy of the northern army. It strengthened their resolve to follow the Underground Railroad in the face of untold risks and dangers toward what they supposed would be a new life in freedom. Their religious beliefs became vocal in their spirituals—songs full of their pain, sorrow and resignation, their hope, joy and rebellion. (Stout, [s.d.])

Este autor, em alguns momentos, referiu-se à imprensa religiosa como um veículo de articulações entre o discurso religioso e a Guerra Civil, a qual criou um personagem, conhecido como um dos líderes da Confederação.

The religious press made a myth of one of the Confederacy's most famous and favored leaders—General Stonewall Jackson—and his religious faith. Jackson rallied his troops with his conviction that God would give the victory to them. When he died on the battlefield, his memory and the strength of his conviction lived on. Meanwhile, southern army chaplains played a considerable role in fostering a religious view of Jackson's death and the war. Jackson, they emphasized, embodied southern religious values, and in his death he led the war dead as a “martyr” for the Lost Cause of the South. It is no coincidence that in many regions of the South in the aftermath of its defeat in the Civil War, the date of Jackson's death—May 10—was chosen as the date for a Confederate Memorial Day. (Stout, [s.d.])

Até esta época era mais comum a perspectiva pós-milenarista, porém, a própria guerra contribuiu para o enfraquecimento deste pensamento, despertando dúvidas sobre a perfectibilidade humana e sobre os mil anos de paz terrestres, que seriam seguidos pelo retorno de Cristo, uma vez que a humanidade não estava se aproximando das expectativas para tal acontecimento. Gradativamente o pré-milenarismo foi se popularizando e se fortalecendo entre os cristãos, dentre os quais os Adventistas do Sétimo Dia.

## **Mulheres e religião**

Outro debate presente no contexto religioso durante o século XIX foi em torno da igualdade de gênero; a questão era se as mulheres deveriam/poderiam ocupar uma função (liderança) que, em sociedades patriarcais, é atribuída a personagens masculinos. Autores indicam que as mulheres coordenaram atividades nas igrejas, tais como o ensino religioso para crianças nas escolas dominicais ou, ainda, realizando missões evangelísticas nas residências. Isto, sem considerar os casos em que fundaram denominações e tornaram-se líderes desses movimentos, como Ellen White na Igreja Adventista do Sétimo Dia (Bednarowski, 2011).

Inicialmente cabe salientar que, nos povos originários dos Estados Unidos, a divisão de papéis entre gêneros permitia às mulheres a responsabilidade religiosa, como foi descrito por Brekus (2017):

Though Native American women had different duties and responsibilities from men, they had a significant political and religious authority. Rather than imagining God in masculine terms, many Native American tribes traced their ancestry to female deities. According to the Haudenosaunee, for example, all humans are descended from Sky Woman, who created the earth. (Brekus, 2017, p. 2)

Este trecho facilita iniciar a nossa reflexão. Brekus (2017) comparou duas compreensões distintas acerca da representação da divindade: a nativa, com a ideia de uma divindade feminina e, por outro lado, o cristianismo, por meio da ideia de um Deus criador, um ser masculino e uma perspectiva de liderança centrada na masculinidade. Não é o objetivo

deste texto estabelecer distinções entre essas duas compreensões, cristã *versus* nativa, mas sinalizar que a igualdade entre gêneros não foi uma proposta inovadora das religiões que surgiram posteriormente, como os *Shakers*.

Esta religião foi fundada no século XVII, nos Estados Unidos, pela britânica Ann Lee (1736-1784). Com os *Shakers*, mulheres encontraram oportunidades de liderança. Para os *Shakers*, Deus possui uma natureza dual, sendo macho e fêmea. Desse modo, a participação de mulheres na liderança do grupo foi compreendida como uma forma de refletir a natureza feminina de Deus; isto também se aplicou à liderança masculina, mas numa perspectiva igualitária. Em se tratando da liderança feminina, previa-se o celibato como prática para a atuação das mulheres nessa função e a procriação como sendo inapropriada (Bednarowski, 2011).

Outras duas religiões se sobressaem no favorecimento da liderança feminina: os cientistas cristãos e os teosofistas. O primeiro grupo teve por fundadora a americana Mary Baker Eddy (1821-1910) que, em 1866, “*discovered Christian Science at the time when women were virtually excluded from positions of political, economic, or religious power*” (Bednarowski, 2011, p. 218). A discussão sobre a liderança feminina ou masculina não é reforçada por essa religião. A compreensão da pessoa enquanto exclusivamente espírito – e este sendo o reflexo de Deus – e a negação do corpo como realidade podem justificar o desinteresse por esse debate tão arraigado no cristianismo. De certo modo, os Cientistas Cristãos assemelham-se aos espíritas, pois também se opõem à ordenação sacerdotal, mas com a justificativa de que Jesus não ordenou os seus discípulos. Outra semelhança entre esta religião e os *Shakers*: ambas descrevem Deus como tendo uma natureza dual, masculina e feminina.

Em 1875, Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891) e Henry Steel Olcott (1832-1907) fundaram a Sociedade Teosófica, em Nova Iorque.

Theosophy shared with Shakerism, Spiritualism, and Christian Science the same propensities to see the divine as other than masculine; to interpret human nature in a highly optimistic manner; to dismiss the need for an ordained clergy; and to view marriage as a less desirable state, particularly for women. The Society attracted many women of high intellectual capabilities, many whom had had a strong allegiance to Christianity at one time in their lives; who had worked actively for women’s rights; and who had experienced unhappy marriages (Bednarowski, 2011, p. 221).

Diante deste cenário, há de se considerar que o modo de compreender a divindade, segundo Bednarowski (2011), Brekus (2017) e Carrow et al.(1983), influenciou as relações de gênero. Nota-se, portanto, relações igualitárias, sem funções ou lideranças estabelecidas a partir de gênero, pois a divindade é um espírito; para os Shakers e os Cientistas Cristãos, Deus possui uma natureza dual.

Observando estas características, Bednarowski (2011) identificou quatro posturas nessas religiões na atribuição de funções e práticas religiosas e que se se identificam com a liderança feminina: 1) a compreensão de uma divindade bissexual ou impessoal; 2) a negação da doutrina da “queda”; 3) a negação da ordenação clerical tradicional e, por fim, 4) uma perspectiva de casamento que não enfatiza a maternidade como sendo a única forma de realização para as mulheres.

Compondo esse mosaico de perspectivas consideradas até agora, Brekus (2017) e Carrow et al. (1983) refletiram sobre o modo como outras religiões lidaram com a discussão em torno da liderança feminina e, de certa maneira, divergiram do que foi dito até agora. A partir de sua análise, sinalizaram que as mulheres estiveram diretamente implicadas na consolidação de algumas religiões, entre as quais o adventismo, e foram reconhecidas, principalmente, no estágio inicial da institucionalização de religiões (Carrow et al., 1983). É importante ressaltar que a análise destes autores se refere aos Estados Unidos entre os séculos XVII e princípios do século XXI.

No decorrer de nossa revisão bibliográfica observamos uma discussão centrada na busca feminina pelo direito de igualdade com os homens no exercício da liderança religiosa. Essa discussão torna-se mais compreensível com a utilização do pensamento de Weber (1921) e de Carrow et al. (1983), que apresentaremos a seguir.

Weber (1921) discorreu sobre três tipos de dominação: a dominação tradicional, a dominação carismática e a dominação legal. Na primeira, tem-se a figura da autoridade a que se presta obediência por respeito à tradição, a partir da qual compreende-se a autoridade enquanto sagrada. O sistema em que mais se verifica esse tipo de autoridade, à guisa de ilustração, é o sistema patriarcal, onde o patriarca encontra-se na posição de liderança, enquanto os submetidos nessa relação são os súditos, também descritos como os servos da autoridade. Na dominação legal, a obediência não é à autoridade em si, mas à regra que designa a quem se deve prestar obediência. Este tipo de dominação expressa-se na burocracia, por exemplo, que tem por princípios a administração com base em documentos, na impessoalidade, bem como na hierarquia, entre outros. Segundo Weber (1921), a dominação

legal é estável, por respaldar-se em normas que podem não somente serem elaboradas mas, modificadas, por meio de um estatuto corretamente sancionado. Deste modo, a autoridade tem o poder assegurado por lei.

Vale ressaltar que a discussão de Weber em torno da dominação carismática é a que mais interessa a este trabalho e, por este motivo, nos deteremos mais sobre ela.

O primeiro aspecto abordado por Weber (1921) foi o conceito de carisma, etimologicamente significando “pela graça de Deus” (p. 139), sinalizando que o relevante na análise deste conceito é como vem a ser avaliado pelos adeptos. No entanto, antes de chegar a este ponto, Weber diz que, geralmente, entende-se o carisma como

Uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como ‘líder’ (Weber, 1921, p. 159).

No entanto, o modo pelo qual Weber compreendeu o carisma não tem relação com esta definição, mas com a maneira como os adeptos se posicionam em relação ao líder, aqui entendido como autoridade carismática. O reconhecimento do carisma é decorrente de vocação e de provas. Para este autor, em termos psicológicos, o reconhecimento ocorre a partir de uma “entrega crente e inteiramente pessoal nascida do entusiasmo ou da miséria e esperança” (p. 159). No entanto, o carismático, detentor do carisma, perde sua autoridade quando a sua liderança falha, quando aparenta ter sido abandonado por seu Deus ou não produz bem-estar entre os seus liderados.

Weber (1921) também comentou que a autoridade carismática possui um quadro administrativo. A seleção é feita com base nas qualidades carismáticas, ou seja, o profeta tem discípulos, enquanto o príncipe guerreiro tem um séquito. Não há plano de carreira ou de ascensão, apenas a nomeação a partir da inspiração do líder.

A dominação carismática opõe-se à dominação tradicional pois é “especificamente irracional no sentido de não conhecer regras. A dominação tradicional está vinculada aos precedentes do passado e, nesse sentido, é também orientado por regras; a carismática derruba

o passado (dentro de seu âmbito) e, nesse sentido, é especificamente revolucionária” (Weber, 1921, p. 160).

Quando o carisma é rotinizado, ele assume o caráter de algo permanente, tornando-se uma tradição ou racionalizando-se, podendo ocorrer ambos os casos. A partir desta perspectiva, Weber argumentou que, quando a pessoa portadora do carisma desaparece, ocorre a atualização dos interesses dos adeptos e discute-se a questão da sucessão, a qual pode ocorrer por meio de diversas categorias (escolha, revelação, designação do sucessor pelo portador anterior, designação por meio do quadro administrativo, hereditariedade e por meios hierúrgicos – ou seja, a nova autoridade pode ser revestida de qualquer um dos outros tipos de dominação).

Partindo de Weber, podemos considerar a perspectiva de Carrow et al. (1983) que, de certo modo, resgatam a discussão anterior, relacionando-as ao desenvolvimento das religiões, que analisam sob três fases: a primeira fase, descrita como **carismática**; a segunda, compreendida como um período de **organização** e **consolidação** das religiões e, por fim, a terceira fase, correspondendo ao momento de **institucionalização** das religiões. A seguir consideraremos, brevemente, cada fase mencionada na perspectiva desses autores.

Sobre a primeira fase, carismática, lê-se o seguinte:

This ‘charismatic’ phase does not necessary imply a direct relation with today's neo-pentecostals, nor should be appreciation of 'gifts of the spirit' be understood in terms only of 'speaking tongues' or other clearly identified gifts. Rather, whats is implied is the freshness of a new moviment which sees itself in direct contact with the divine, acting out a fresher mandate. In America, as elsewhere, women have had an important place in new moviments at the formative stage. (Carrow et al., 1983, p. 21)

A fase carismática refere-se, portanto, ao período inicial na história de cada religião. Como já ilustrado com os *Shakers* e com outras religiões, verificou-se que as mulheres protagonizaram a fundação de algumas delas. Ainda nesse contexto, já foi citado que a fundação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, atribuída a três personagens, dos quais destaca-se Ellen White, enquanto os demais – Joseph Bates e James White – são abordados de forma secundária e, quando considerados, é numa perspectiva em torno de White (Bonaci, 2017; Carvalho, 2013; Fonseca, 2015; Teixeira, 2012).

Com esses exemplos, percebemos que Carrow et al. (1983) foram muito precisos ao afirmarem que, durante o estágio inicial, a participação das mulheres na religião, a sua atuação, o que descreveram como sendo o “lugar” das mulheres, era inquestionável. Além do predomínio feminino, notório entre os séculos XVII e XIX, menciona-se que, nesse contexto, as mulheres eram admiradas por serem vistas como mais religiosas e piedosas que os homens. Em finais do século XVIII, com a Revolução Americana, as mulheres “were elevated as a ‘republican mothers’ with an important political role. According to both ministers and politicians, the new nation would not survive unless patriotic, intelligent women devoted themselves to raising virtuous citizens” (Brekus, 2017, p. 5).

No entanto, há um segundo estágio no desenvolvimento das religiões, e foi nesse momento, segundo Carrow et al. (1983), que ocorreu a tomada desse lugar, inicialmente feminino, pelos homens, que passaram, então, a assumir a liderança das religiões. Os autores ilustraram esse estágio ao mencionar a Igreja Batista do Sul, nos Estados Unidos do século XIX, onde isto se verificou quando do aumento considerável do número de seus membros, observando que tal aumento também ocorreu devido à presença de ex-escravizados, ficando a liderança da igreja, entretanto, restrita aos homens brancos. Essa inversão de gênero na liderança da igreja, segundo argumentam, pode ter sido motivada por um texto bíblico: “Por conseguinte, irmãos, aspirai ao dom da profecia e não impeçais que alguém fale em línguas. Mas tudo se faça com decoro e com ordem” (Coríntios, 14; 39 e 40). Essa passagem, segundo os autores, foi particularmente apropriada a fim de atingir os propósitos descritos, tendo em vista a hipótese do apóstolo Paulo ter escrito tal fragmento após opor-se a mulheres falando em público, nas reuniões (Carrow et al., 1983).

Essa segunda fase

Usually comes to the fore after the passing, of the first generation of convert-founders. The second generation often lacks the immediate experience of the charismatic vision that impelled the first. It may also lack some of the impetus of disinheritance felt by the founders. This generation experiences the religion as an inherited tradition. (Carrow et al., 1983, p. 23)

Em relação à terceira fase das religiões, os autores assim a descrevem:

The third phase of development of a religious movement is that of maturity, of institutionalization, when it no longer must seek respectability, when its boundaries blur into the general social structure. No longer under the critical eye of some other 'establishment', the church can now relax some of its standards and allow variations within its broader limits; it may now tolerate mildly prophetic expressions of social conscience, and attempt to lead rather than to adapt to the larger Society. (Carrow et al., 1983, p. 23)

Assim como na segunda fase, os autores também identificaram que essa fase pode ter sido motivada por um texto bíblico e, como procuramos ressaltar até aqui, existem desdobramentos dessa prática na organização das religiões, como encontramos em Brekus (2017), que investigou como as mulheres são compreendidas a partir dos escritos religiosos (Bíblia e Alcorão, por exemplo).

No cristianismo, há a diferenciação entre o homem e a mulher, em que os líderes, geralmente homens, inferiorizam a mulher a partir de relatos bíblicos como aqueles encontrados em Gênesis 2. Nesse livro, encontra-se o relato de a mulher ter sido criada por Deus, a partir da costela do homem e isto implicaria numa superioridade do primeiro, tido como “padrão”. Além desse fragmento, menciona-se também os escritos do apóstolo Paulo, a fim de limitar a autoridade da mulher no âmbito religioso; os textos usados são os já citados, de Coríntios e Timóteo, assim, observa-se a oposição majoritariamente católica e protestante à ordenação de mulheres para que exerçam papéis de liderança (Brekus, 2017).

Para esta autora, também é comum a representação da mulher enquanto inferior ao homem, no Alcorão, sendo subordinada ao homem em termos legais e econômicos.

Para Brekus (2017), as mulheres se destacaram através das suas práticas diárias voltadas para a devoção, motivadas pela sua compreensão acerca de Deus. Sarah Osborn (1714-1796), conhecida como uma das primeiras escritoras americanas protestantes, tinha por hábito despertar cedo, diariamente, para ler a Bíblia, orar, além de escrever sobre a espiritualidade. Outra personagem que se notabilizou nos Estados Unidos foi Elizabeth Ann Bayley Seton (1774-1821), tida como a primeira mulher americana a ser declarada santa pela Igreja Católica, o que ocorreu em 14 de setembro de 1975.

No século XIX as mulheres estavam atuando na campanha antiescravagista e, desse período, consta a publicação de inúmeras obras religiosas de autoria feminina. Brekus (2017) destacou duas obras que foram publicadas pelas irmãs Sarah Grimké (1792-1873) e Angelina

Grimké (1805-1879), respectivamente, “*Epistle to the Clergy of the Southern States*” (1836) e “*Appeal to the Christian women of the South*” (1836). Além disto, as mulheres também se dedicaram à organização de sociedades e missões sociais,

Countless numbers of women in the 19th century—white and black, northern and southern, Protestant, Catholic, Latter-day Saint, and Jewish—organized home mission societies, distributed religious tracts, and founded charities. Rebecca Gratz (1781–1869) founded the first Female Hebrew Benevolent Society in 1819, and Margaret Prior (1773–1842), a devout Methodist and a member of the Female Moral Reform Society in New York City, visited brothels to encourage women to convert. (Brekus, 2017, p. 10)

As mulheres também se organizaram por meio da *Woman’s Christian Temperance Union* (WCTU), uma organização religiosa fundada em finais do século XIX, que tinha como um dos seus objetivos a defesa dos direitos das mulheres. O envolvimento feminino nos debates, bem como na organização de missões sociais, levou ao reconhecimento da atuação feminina pela Igreja Metodista Episcopal, em 1888, e pela Igreja Metodista Protestante, em 1908. Mas, para além do reconhecimento no campo religioso, as mulheres também atuavam no campo dos direitos civis e assim resgataram o direito a voto, em 1918<sup>14</sup>.

A pesquisa sobre estes temas visou favorecer a compreensão do contexto em que Ellen White atuou, possibilitando, então, a construção de nossa investigação, como vemos a seguir.

## **O problema e o percurso de pesquisa**

No adventismo, Ellen White surgiu em uma época difícil: num período em que as mulheres não tinham praticamente nenhum direito, fossem políticos ou sociais. Uma das formas utilizadas pelos Estados Unidos para manter as mulheres na condição de submissão ao homem era destituí-las do ensino, da educação. Surpreendeu-nos, em relação às mulheres citadas até o momento, o modo como atuaram e, como, paradoxalmente, são desconsideradas nos relatos históricos das religiões. No caso de Ellen White, observa-se uma dubiedade: é

---

<sup>14</sup> Isto, nos Estados Unidos. No Brasil, em decorrência do movimento sufragista, as mulheres tiveram direito ao voto em 1932.

interessante como ela se mantém no relato, seus textos são estudados mas, após seu falecimento, a IASD deixou de atribuir às mulheres funções de liderança (Brekus, 2017). Questionamo-nos, então, a respeito de quem foram essas mulheres e, paralelamente, nos interrogamos sobre a existência de outras mulheres invisibilizadas na história da IASD, o que pode vir a ser um tema de uma pesquisa futura.

Esta revisão favoreceu a construção de algumas questões, tais como: Como Ellen White se constituiu como uma liderança na IASD? A utilização da Psicologia contribuiu para isto? O que Ellen White denominou como sendo Psicologia?; Estaria ela se referindo a psicologia científica da época ou ao senso comum?; Caso tenha se referido a psicologia científica, como se apropriou deste saber?; Como relacionou a Psicologia aos preceitos adventistas?; Quais transformações a psicologia sofreu ao longo de suas obras, em decorrência da apropriação? como a compreensão religiosa de Ellen influenciou em sua perspectiva sobre a Psicologia?

Para responder a estas questões, utilizei o método histórico com o uso de fontes documentais. Compreende-se por fontes quaisquer testemunhas capazes de informar sobre algo ocorrido no passado, dentre as quais menciona-se retratos, cartas, documentos oficiais. Uma das características atribuídas às fontes é o gênero, isto é, a divisão e a classificação dos discursos presentes em documentos a partir dos objetivos a serem alcançados bem como da forma que serão manejados. Para Massimi (2010, p. 106),

Os gêneros mais comuns de fontes para estudos históricos em psicologia são: correspondência epistolar; narrativas de viagens, relatórios, catálogos e informes; peças de oratória e documentos ligados a oralidade; narrativas de celebrações (festivas, políticas, religiosas); narrativas de ficção e obras poéticas; tratados (filosóficos, científicos, e das demais áreas das ciências humanas e naturais); manuais para uso didático; artigos em revistas (científicas); artigos em revistas (divulgação); teses e trabalhos acadêmicos de modo geral; currículos e programas escolares.

Sob o rótulo de História da Psicologia identifica-se dois domínios: a História dos Saberes Psicológicos e a História da Psicologia Científica. A primeira perspectiva define-se como “a reconstrução histórica de conceitos e sistemas conceituais e práticos, entendida como parte da História Cultural (domínio de conhecimento histórico definido por R. Chartier em termos e história das visões de mundo)” (Massimi, 2010, p. 103). A História dos Saberes

psicológicos, portanto, investiga as compreensões de mundo próprias das culturas que, de certo modo, encontram-se articuladas a noções e práticas identificadas atualmente como psicológicas embora não se utilizem de conceitos e métodos da psicologia dita científica, desenvolvida a partir do século XIX.

Massimi (2010), a partir das contribuições de De Certeau (2000) sobre este assunto, mencionou duas possibilidades de investigação histórica, que são articuladas e complementares (História Social e História Cultural), em se tratando da história dos Saberes Psicológicos, e que implicam em duas possibilidades de fontes historiográficas. São, respectivamente, os documentos-vestígios relativos ao que se pensou e escreveu numa determinada época; e os documentos-vestígios das práticas sociais “que expressam um saber” (Massimi, 2010, p. 104).

Por outro lado, a História da Psicologia Científica tem por objetivo

A apreensão dos problemas que interessavam os cientistas e que foram solucionados no período histórico escolhido para a investigação; o entendimento das hipóteses, das expectativas e do que os pesquisadores daquela época consideravam como sendo respostas e explicações válidas; o levantamento dos trabalhos bem sucedidos e reconhecidos e das teorias dos experimentos fracassados, que seriam inadequados ou mal concebidos para a nossa mentalidade contemporânea (Massimi, 2010, p. 105).

Embora as abordagens mencionadas tenham divergências, são complementares mas, além disso, têm em comum a especificidade do método histórico. Segundo De Certeau (2000), a atividade do historiador consiste em um ato histórico singular, onde a fundação do sentido e a instauração do conhecimento decorrem da relação entre o observador e o objeto observado. Este autor, inclusive, utiliza a expressão “operação histórica” para se referir à ideia de que o historiador produz o documento através do “gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira” (De Certeau, 2000, p. 81). Certeau descreve essa atividade do historiador como dependente do lugar de pertença deste, sendo necessária, portanto, a descrição da particularidade do contexto de enunciação do pesquisador, tendo em vista a influência dessa particularidade sobre a forma como se analisa o tema investigado. Por este motivo sinalizei no início desta introdução o meu contexto de enunciação. Ressalte-se o reconhecimento de que o próprio historiador é um ator histórico.

Após definir que esta tese discorreria sobre a produção bibliográfica de Ellen White em torno da Psicologia, acessei outros buscadores de internet a fim de obter informações a

este respeito. Localizei assim o *site* <https://egwwritings.org/> onde constam as publicações de Ellen.

O *site* (<https://egwwritings.org/>) tem tópicos alusivos às obras de Ellen White em diversos idiomas (inglês, português, espanhol etc.), bem como obras de outros autores que a utilizaram como referência (Burt, 2015; Douglass, 2003; Jemison, 1955; Viera, 2018 e outros). A fim de assegurar o resultado das buscas, optamos por realizar as buscas selecionando apenas a produção bibliográfica de Ellen White, identificada no site como “Escritos de Ellen White”, abaixo do tópico “English (Inglês)”. Este tópico possui os seguintes subtópicos: “livros”, “devocionais”, “periódicos”, “panfletos”, “*manuscript releases*”, “coleções diversas”, “cartas e manuscritos”, “biografia” e “inglês moderno”. Desconsideramos os tópicos “referência”, onde encontramos textos de outros autores que não Ellen White, e o tópico “Bíblia”, por não ser obra de sua autoria.

Por meio das buscas neste site, percebemos que Ellen teve uma vasta produção bibliográfica, datadas da década de 1850 até os anos 2000, o que nos sinalizou a necessidade de tomarmos alguns cuidados no lidar com essas obras. Ressalte-se que muitas obras desta autora foram publicadas após a sua morte (1915). Com isto, consideramos importante analisar o que influenciou para que a publicação destas obras ocorresse somente nesse momento, como apresentaremos capítulos posteriores. De início, nos questionamos se foram escritos encontrados posteriormente à sua morte, em seu arquivo pessoal, por exemplo. A partir dessa análise foi possível perceber que parte das obras publicadas após a sua morte são compilações de textos já publicados.

Objetivando evitar a utilização de fontes secundárias na tese, optamos por delimitar a investigação ao que Ellen White publicou desde os anos 1850 até 1915. É importante destacar que, antes de 1915, já ocorriam publicações de compilações dos escritos de Ellen White mas, antes da publicação, as compilações eram revisadas pela própria autora que, ocasionalmente, acrescentava algum conteúdo ou aprimorava o conteúdo na nova publicação (Douglass, 2003).

Despertou-nos a atenção a obra “Mente, caráter e personalidade” (White, 2014) que, a princípio, seria a principal referência desta pesquisa por tratar claramente de psicologia em suas páginas. Porém, verificamos que, este livro, é uma compilação recente dos escritos de Ellen que, supostamente, abordam a psicologia e isto significa que tal obra foi organizada por editores e pesquisadores de Ellen White.

Considerando as frequentes menções feitas à produção bibliográfica Ellen, elaboramos uma tabela contendo os nomes das obras em inglês e em português, bem como as datas das primeiras edições estadunidense e brasileira, como ilustrado abaixo:

**Tabela 1 - Obras de Ellen White**

<b>Obras</b>	<b>1ª Ed. Inglês</b>	<b>Título (português)</b>	<b>1ª Ed. Brasileira</b>
Early Writings	1851	Primeiros Escritos	1851
Testimonies for Church, vol. 5	1882	Testemunhos para a Igreja, vol. 5	2004
Testimonies for Church, vol. 1	1885	Testemunhos para a Igreja, vol. 1	1954
Testimonies for Church, vol. 2	1885	Testemunhos para a Igreja, vol. 2	1954
Testimonies for Church, vol. 3	1885	Testemunhos para a Igreja, vol. 3	1954
Testimonies for Church, vol. 4	1885	Testemunhos para a Igreja, vol. 4	2003
The Great Controversy Between Christ And Satan	1888	O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás	1923
Pathriarcs and Prophets	1890	Patriarcas e Profetas	1929
Thoughts From the Mount of Blessing	1896	O Maior Discurso de Cristo	1953
The Desire of Ages	1898	O Desejado de Todas as Nações	1943
Christ's Object Lessons	1900	Parábolas de Jesus	1954
The Retirement Years	1900	Conselhos aos Idosos	2003
Education	1903	Educação	1937
The Ministry of Healing	1905	A Ciência do Bom Viver	1947
Acts of the Apostles	1911	Atos dos Apóstolos	1957
Counsels to Parents, Teachers, and Students	1913	Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes	1947
Prophets and Kings	1917	Profetas e Reis	1961
Christian Experience and techings of Ellen G. White	1922	Vida e Ensinos	1934
Counsels on Health	1923	Conselhos Sobre Saúde	1971
Fundamentals of Christian Education	1923	Fundamentos da Educação Cristã	1976
Medical Ministry	1932	Medicina e Salvação	1973

Counsels on Sabbath School Work	1938	Conselhos Sobre a Escola Sabatina	1940
Evangelism	1946	Evangelismo	1959
Temperance	1949	Temperança	1969
God's Remnant Church	1950	A Igreja Remanescente	1974
My Life Today	1952	Minha Consagração Hoje	1953
Welfare Ministry	1952	Beneficência Social	1964
Colporteur Ministry	1953	O Colportor Evangelista	1953
The Greatest Sermon Ever Preached	1955	O Maior Discurso de Cristo	1953
Sons and Daughters of God	1955	Filhos e Filhas de Deus	1956
Faith, I Live By	1958	A Fé Pela qual Eu Vivo	1959
Select Messages, vol. 1	1958	Mensagens Escolhidas, vol. 1	1966
Select Messages, vol. 2	1958	Mensagens Escolhidas, vol. 2	1967
Our High Calling	1961	Nossa Alta Vocação	1962
That I May to Know Him	1964	Para Conhecê-lo	1965
In Heavenly Places	1967	Nos Lugares Celestiais	1968
Counsels on Education	1968	Conselhos Sobre Educação	1976
God's Amazing Grace	1973	A Maravilhosa Graça de Deus	1974
Maranatha	1976	Maranata	1977
Mind, Character and Personality, vol. 2	1978	Mente, Caráter e Personalidade, vol. 2	1989
This Day With God	1979	Este Dia Com Deus	1980
Select Messages, vol. 3	1980	Mensagens Escolhidas, vol. 3	1987
The Upward Look	1982	Olhando para o Alto	1983
Reflecting Christ	1985	Refletindo a Cristo	1986
Life Him Up	1988	Exaltai-o	1992
Testimonies on Sexual Behavior, Adultery and Divorce	1989	Testemunhos sobre Conduta Sexual, Adultério e Divórcio	2002
Last Day Events	1992	Eventos Finais	1993
Ye Shall Receive Power	1995	E Recebereis Poder	1999
The Truth About Angels	1996	A Verdade Sobre os Anjos	1998

Percorrendo as páginas de tais obras por meio do *site* citado, verificamos que boa parte das considerações de Ellen referem-se à sua compreensão religiosa acerca dos diferentes temas, dos quais a saúde mental, a relações sociais, a infância, entre outros. O manuseio das obras por meio do site otimizou o levantamento dos dados necessários para esta tese por conta da praticidade, o que facilitou o acesso às obras de Ellen, como descrito abaixo.

Identificamos ainda no site - <http://www.centrowhite.org.br/> - o tópico “biblioteca dos pioneiros adventistas”, onde constam os periódicos “*The Advent Review and Sabbath Herald*” e “*The Signs of The Times*” com centena de artigos de sua autoria, além de outros periódicos em que se encontram artigos publicados por outros pioneiros da IASD, como Joseph Bates.

A primeira tarefa foi selecionar o idioma em que almejamos realizar a pesquisa (inglês), tendo em vista que a bibliografia whiteana que nos interessa foi escrita em tal idioma. Consequentemente, o termo pesquisado acompanhou o idioma selecionado para as buscas, ou seja, comandamos a busca por “*psychology*”, “*mind*”, “*spirit*”, “*behavior*”, “*soul*”, entre outros. Ressalte-se que estas, foram utilizadas majoritariamente por Ellen White em discussões religiosas, aparentemente, sem relação com a Psicologia. Por exemplo, ao discorrer sobre a consciência e a mente em “*The ministry of healing*”, White considerou o seguinte:

The requirements of God must be brought home to the conscience. Men and Women must be awakened to the duty of self-mastery, the need of purity, freedom from every depraving appetite and defiling habit. They need to be impressed with the fact that all their powers of mind and body are the gift of God, and are to be preserved in the best possible condition for His service (White, 1905, p. 130).

Por outro lado, “*psychology*” restringiu a busca à utilização deste termo, que foi absolutamente baixa. Portanto, feitas as buscas pelos termos mencionados, o *site* exibiu tópicos (à esquerda da página *web*), sendo estes todas as obras publicadas e, no centro da página, uma pequena janela, contendo os trechos dos textos em que o termo pesquisado se encontra. Clicando sobre um dos fragmentos a página expõe, à direita, a obra em que este se encontra. Este *site* demandou cautela por parte do pesquisador porque, em seu acervo virtual, constam não somente as obras de Ellen White, mas também outras publicações, de outros autores, como dito acima. Se comandarmos as buscas sem especificarmos que a mesma deva

ser feita somente nas obras publicadas por Ellen White, teremos outros índices como resultado e, conseqüentemente, a pesquisa apresentaria falhas.

Compreendemos que o resultado das buscas por “*psychology*” não seria suficiente para investigarmos a sua perspectiva acerca da psicologia por termos encontrado apenas uma menção a esta expressão ao longo das obras que publicou. Deste modo, imaginamos que ela se referiu a assuntos do campo da psicologia através de outras expressões (“*mind*”, “*spirit*”, “*soul*” etc.). Estas, ao contrário de “*psychology*”, foram frequentemente utilizadas por Ellen no decorrer das publicações. Transcrevemos em um arquivo independente todas as menções a estes temas, a fim de otimizar o acesso ao conteúdo em diferentes momentos.

Tendo em vista o volume de trabalho implicado na consulta a este site, optamos por dois periódicos em que Ellen White publicou muito. Em “*The Health Reformer*” e “*Good Health*”, verificamos um elevado índice de matérias – uma centena de artigos – em que foi autora e nas quais também se referiu à Psicologia. O acesso a estes periódicos foi possível por meio do site do Escritório de Arquivos, Estatística e Pesquisa (ASTR) da Igreja Adventista (<https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/Forms/AllFolders.aspx>), onde constam outros periódicos relevantes da IASD. No entanto, contemplaremos estes dois pela frequência de publicações de Ellen sobre temas afins a Psicologia.

No site acima, encontramos todas as edições de ambos os periódicos. Esta inicialmente foi uma etapa exaustiva, pois tivemos de olhar edição por edição de cada periódico. O site apresenta, inicialmente, a listagem de todos os jornais. Clicando-se no nome do periódico, *The Health Reformer* por exemplo, na sequência, outra página é aberta, contendo uma lista de hiperlinks que pelos quais temos acesso às edições digitalizadas, em formato PDF. Nessa listagem de hiperlinks também constam as informações do periódico escolhido: título, volume, edição, data etc.

Iniciamos com o *The Health Reformer* e, após realizarmos a etapa acima, também realizamos a conferência de todos os artigos em todas as edições, a fim de localizar as de autoria de Ellen. Foi um processo lento, tendo em vista que as edições eram compostas por inúmeras matérias, todas em inglês e com autores diferentes. Por se tratar de artigos publicados em finais do século XIX, em outro país, foi necessário redobrar a cautela para manusear os dados obtidos.

No entanto, passamos a contar com outro site, ainda no início do levantamento no *The Health Reformer*. No decorrer das buscas, conhecemos o site <https://ellenwhite.org/>. Nele, constam todos os periódicos em que Ellen White publicou, além de ter uma vantagem para

nosso caso, só exibir os textos de autoria de Ellen. Sendo assim realizamos a busca neste último site. Porém, este site exibe as matérias de Ellen White transcritas, mas não apresenta outras informações da publicação, como volume, número da edição, e a página do jornal onde a matéria está localizada. Com isto, continuamos acessando o primeiro *site* (<https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/Forms/AllFolders.aspx>), apenas para levantar essas informações faltantes no <https://ellenwhite.org/>. Este procedimento foi repetido no levantamento realizado sobre o *Good Health*.

A fim de otimizar o acesso aos artigos em ambos os periódicos, construímos duas tabelas, onde organizamos os dados dos artigos publicados por Ellen White no *The Health Reformer* (Apêndice A – Tabela 2) e no *Good Health* (Apêndice B – Tabela 3). Deste modo, as tabelas foram estruturadas com 9 colunas intituladas, respectivamente: “Ano”, “Data”, “Volume”, “Número”, “Título do Artigo”, “Página”, “Resumo – Psicologia” e “Categoria”. Na primeira coluna, intitulada “Ano”, registramos o ano em que ocorreu a publicação do periódico onde encontramos artigos de autoria de Ellen. No entanto, percebemos a necessidade de uma segunda coluna, com a data da publicação, para que pudéssemos consultar o dia exato em que ocorreu a publicação e, então, compreendêssemos melhor as condições de emergência dos artigos. Estas duas primeiras colunas foram seguidas por outras – “Volume” e “Número” – que facilitaram a identificação dos artigos na tabela, sobretudo esta terceira coluna, que se referiu ao número de edição. Nas tabelas atribuímos uma coluna para o “Resumo-Psicologia” – onde consta uma síntese das ideias de Ellen sobre o que identificamos como pertencendo ao campo da Psicologia e que fez parte dos artigos de sua autoria. A penúltima coluna da tabela, “Categoria”, foi destinada ao assunto que identificamos como sendo o principal, em cada artigo. Ao revisarmos cada artigo, chamou-nos a atenção o fato de Ellen enfatizar um tema ou discorrer mais frequentemente sobre ele, embora envolto por outras reflexões. Deste modo, concentramos os artigos nas seguintes categorias: controle alimentar, degeneração, educação familiar, equilíbrio físico e mental, faculdades intelectuais, hereditariedade e saúde mental.

Por fim, ressalte-se a utilização da Análise do Discurso (AD) – conforme explanada por Rosa, Huertas e Blanco (1996), Barros (2013) e Gill (2002) – para desenvolver esta tese. Este método foi descrito por Gill (2002, p. 244) como “o nome dado a uma variedade de diferentes enfoques no estudo de textos, desenvolvida a partir de diferentes tradições teóricas e diversos tratamentos em diferentes disciplinas”. Um dos pressupostos da AD, segundo esta autora, é questionar pressupostos e a forma como habitualmente se atribui sentido a algo.

Sendo assim, o analista do discurso deve examinar como a linguagem é empregada e, ao mesmo tempo, deve estar sensível “aos silêncios”, ao não dito.

O conceito de AD alude a uma diversidade de propostas investigativas que se reconhecem enquanto tal. Considerando isto, Gill (2002) destacou que as propostas partilham da rejeição da noção realista de linguagem, isto é, a ideia de que a linguagem é uma forma de refletir e descrever o mundo. Outra característica comum às abordagens, a seu ver, é a convicção da relevância do discurso na “construção da vida social” (p. 244). Entretanto, a discussão de todas as propostas de AD foge ao objetivo dessa tese, por isto não as apresentaremos aqui.

Como mencionado, este método não se restringe ao texto escrito mas, aqui, vamos utilizá-lo somente referido a este tipo de material. Contudo, Barros (2013) discorreu sobre os riscos que envolvem a pesquisa com fontes escritas:

Existem espaços dissimulados que se escondem na documentação escrita, contornando silêncios e falseamentos, revelando segredos que o próprio autor do texto não pretendia revelar, mas que escapam através da linguagem, dos modos de expressão, da súbita iluminação que se espalha pelo texto quando o confrontamos com um outro nesta prática que é hoje chamada de ‘intertextualidade’. Sem falar nas múltiplas vozes, na polifonia que pode ser extraída de um texto. (Barros, 2013, p. 133)

Isto pode ser verificado a partir das dimensões do texto, como sinalizado por Barros (2013). Segundo este autor, um texto possui duas dimensões, sendo simultaneamente um objeto de significação e um objeto de comunicação cultural entre os sujeitos. Uma análise voltada para a primeira dimensão abrange aspectos internos do texto, ou seja, uma análise estrutural deste, através de aportes teóricos e metodológicos. Por outro lado, analisar o texto a partir da segunda dimensão, ou seja, enquanto um objeto de comunicação cultural entre os sujeitos, implica uma análise histórico-social, abrangendo elementos externos a ele.

Sendo assim, a AD que realizamos contemplou as duas formas de análise textual, que se complementam, abrangendo as dimensões intratexto, intertexto e contexto. A primeira considera os aspectos internos do texto e propõe uma análise do texto enquanto um objeto de significação. A segunda dimensão corresponde à articulação do texto com outras fontes e, por fim, o contexto abrange a relação do texto com a realidade que o envolve e, conseqüentemente, atua em sua produção (Barros, 2013).

Este método também foi descrito por Rosa, Huertas e Blanco (2006) como uma análise histórica, tendo por fonte documentos do passado significando uma análise desses textos. Estes autores comentam que “se os textos são considerados como discursos resultados do ato de fala do autor, um dos aspetos aos que haveria de referir-se é como, por quê e para que esses atos foram produzidos” (2006, p. 107). Deste modo, uma das preocupações que tivemos neste trabalho foi descrever o contexto de enunciação de Ellen White, pois um discurso não se apresenta de modo isolado, segundo os autores acima, nem mesmo quando extraídos de seu contexto de produção. Um dos pressupostos, ainda, é que o discurso se encontra permeado pelas relações sociais, como ficará evidente nos capítulos sobre a bibliografia whiteana.

Diante disso, compreendemos que as publicações de Ellen White preenchem algumas lacunas existentes no que tange às relações da Psicologia com a religião. Observamos também a ausência de pesquisas referindo-se à apropriação da Psicologia por Ellen, cujos escritos repercutiram e repercutem na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) ainda atualmente (Schunemann, 2003). A bibliografia whiteana é uma fonte que retrata alguns acontecimentos do século XIX, como a Guerra de Secessão e o debate em torno da escravização e como este e outros acontecimentos repercutiram na consolidação da IASD nos Estados Unidos. Mas, principalmente, reflete a compreensão da psicologia de sua época por Ellen White.

Autores definem a fonte histórica como sendo o meio pelo qual o historiador examina uma sociedade ao longo do tempo, como aquilo que possibilita ao historiador vivenciar alguma forma de “contato” com essa sociedade ou, ainda, define-se fonte histórica como sendo um meio de acesso ao que supostamente se pensava numa determinada época (Luca, 2005; Pinsky & Luca, 2015).

Sendo assim, Barros (2013) indicou duas possibilidades para as fontes. A primeira, consiste na possibilidade de ser

O meio de acesso àqueles fatos históricos que o historiador deverá reconstruir e interpretar (fonte histórica = fonte e informações sobre o passado), ou ela mesma é o próprio fato histórico. Vale dizer, neste último caso considera-se que o texto que se está tomando naquele momento como fonte é já aquilo que deve ser analisado, enquanto discurso de época a ser decifrado, a ser compreendido, a ser questionado. É neste sentido que diremos que a fonte pode ser vista como ‘testemunho’ de uma época e como ‘discurso’ produzido em uma época. (Barros, 2013, p. 134)

Na presente pesquisa nos identificamos com essa descrição, em ambos os sentidos considerados por Barros (2013). A partir do que foi dito até o momento, abordaremos assuntos relativos a Ellen em diferentes momentos, dentre os quais fazem parte a história dos Estados Unidos, a história das religiões neste país, a participação feminina nas religiões entre outros. Uma preciosa etapa na compreensão do presente tema foi a descrição da biografia de Ellen White, por ser esta, inclusive, uma reflexão necessária (Rosa et al., 1996) para adentrarmos na produção bibliográfica de Ellen White.

Assim, essa tese foi organizada em 3 capítulos. No primeiro capítulo nos voltamos para a descrição da vida de Ellen White e sobre o modo como as suas obras e artigos foram publicados, sobretudo as produções que versaram sobre a Psicologia. Deste modo, neste primeiro capítulo lidamos com as provocações feitas em nossos “problemas de pesquisa” a respeito das condições de emergência do discurso whiteano acerca da Psicologia. Uma das questões consideradas foi como a religião influenciou na sua apropriação da Psicologia e na divulgação desta ciência no decorrer das suas obras.

No decorrer do levantamento da produção de Ellen White nos jornais citados, chamou-nos a atenção o modo como se referiu às mulheres de seu tempo, ou seja, como Ellen descreveu e compreendeu o papel social e, também, religioso, da mulher de sua época. Como dissemos, a origem da própria IASD esteve relacionada à atuação de uma mulher, o que nos levou a discutir no segundo capítulo desta tese, o debate em torno das mulheres assumindo cargos de lideranças e os entraves que vivenciaram nos Estados Unidos.

O terceiro capítulo relaciona-se com anterior, pois tem por objetivo considerar, então, o modo pelo qual a psicologia foi descrita por Ellen. Neste sentido, consideramos os diálogos que teceu entre a sua crença e a psicologia, sendo isto uma das causas das críticas feitas ao mesmerismo, ao magnetismo animal e a frenologia. A partir do levantamento das obras e artigos acerca da psicologia, que possibilitaram uma investigação minuciosa da perspectiva whiteana acerca da Psicologia, percebemos que parte dos conceitos considerados por esta autora encontram-se calcados numa perspectiva organicista. Por este motivo, o terceiro capítulo foi destinado à discussão de como Ellen desenvolveu estes conceitos. Seguindo esta dinâmica, também verificamos a existência de uma base psicossocial dos conceitos psicológicos desenvolvidos por Ellen White.

Por fim, nas Considerações Finais nos referimos às descobertas que alcançamos por meio desta tese, bem como aos principais temas considerados por Ellen White no decorrer da sua produção. Abordamos também os projetos que almejamos desenvolver a partir desta

pesquisa, considerando que uma tese, pelo seu potencial de investigação e análise, suscita outros questionamentos e provocações que pretendemos seguir analisando para continuarmos contribuindo em história da Psicologia e no estudo da relação entre Psicologia e Religião.

## 1 ELLEN WHITE: UMA MULHER DE SEU TEMPO

Ellen Gould Harmon White (1827-1915), mais conhecida como Ellen White, geralmente é descrita em função da sua experiência enquanto uma mulher que participou do movimento fundacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), e de sua experiência religiosa. Além disso, destaca-se sua vasta produção bibliográfica, até hoje adotada como recomendações espirituais pelos membros da IASD.

Para Schwarcz & Starling (2014), a história é previsível quando não acompanhada de perto. Neste sentido, objetivando tentar escapar das armadilhas desta história já pronta de Ellen, procuramos contar sua vida sinalizando outros acontecimentos que foram ofuscados pela versão centrada em sua bibliografia e como fundadora da IASD. Ressalte-se que, com isto, não desconsideramos a história desta denominação, muito menos a participação de Ellen neste processo. Apenas não reduzimos a sua biografia em torno deste acontecimento.

Ellen era natural da cidade de Gorham, Maine, Estados Unidos, filha de um casal de fazendeiros, Robert F. Harmon (1786-1866) e Eunice Gould Harmon (1787-1863). Robert Harmon era chapeleiro e Eunice Harmon era professora primária antes de casar-se. Ressalte-se que “Os pais dela descendiam de antepassados de muitos recursos [...] Alguns haviam sido empresários. O trisavô de Ellen construiu um moinho à beira do rio Scarborough, Maine, conhecido como o ‘Moinho dos Harmon’” (Douglass, 2003, p. 48). Ao todo o casal teve oito filhos, dos quais Ellen Harmon, como era conhecida quando solteira, e a sua irmã gêmea, Elizabeth Harmon, eram as mais novas.

No início dos anos 1830, a família Harmon mudou-se de Gorham para a cidade de Portland, Maine, conhecida como importante centro comercial, financeiro e cultural na época. Entretanto, Teixeira (2012) sinalizou que a fama de Portland

Era alimentada mais por expectativa do que pela própria realidade, e os Harmon, a exemplo de tantas outras famílias recém-chegadas do campo, se instalaram em um dos bairros mais pobres da cidade, vivendo ali uma vida mais difícil do que a que tinham no campo (Teixeira, 2012, p. 20).

Ellen passou as duas primeiras décadas de sua vida nesta cidade. Na década de 1840 Portland contava com 15.218 habitantes e,

Embora esse número hoje pareça pequeno, na década de 1840 Portland superava em tamanho as cidades de New Haven e Hartford, Connecticut; e Savannah, Geórgia. Portland, um movimentado porto, colocava o Maine em terceiro lugar no total de carregamentos, atrás apenas de Massachusetts e Nova Iorque. (Teixeira, 2012, p. 20).

Além disso, a família Harmon teve de lidar com as consequências de um grave “acidente” (Santos, 2016, p. 26) envolvendo Ellen Harmon: ela sofreu uma agressão física, aos 9 anos de idade, enquanto voltava da escola em que estudava - teve o rosto atingido por uma pedra, arremessada por uma colega de escola (Teixeira, 2012). Segundo Santos (2016), Ellen ficou inconsciente por três semanas e este episódio teve efeitos no restante de sua vida. Entre outras dificuldades que serão comentadas posteriormente, destaca-se que a própria Ellen relatou que passou a ter dificuldades para memorizar o que aprendia, além de sofrer com tremores, o que dificultou a sua escrita (White, 2013). Em seu relato, estava na companhia de sua irmã gêmea, Elizabeth, e de uma colega, não identificada,

Quando uma menina de treze anos aproximadamente, zangando-se por qualquer futilidade, começou a perseguir-nos, ameaçando bater-nos. Nossos pais haviam nos ensinado a nunca brigar com ninguém, mas a fugir para casa imediatamente toda vez que corrêssemos o risco de sermos maltratados ou feridos. Estávamos fazendo exatamente isto, a toda pressa, mas a garota seguiu com igual rapidez, tendo na mão uma pedra. Em dado momento, virei a cabeça para ver a que distância se achava ela, e, ao fazê-lo, a menina atirou a pedra que me atingiu o nariz. Fiquei aturdida com o golpe e caí ao chão, desmaiada. (White, 2013, p. 14)

Conta que, ao recuperar os sentidos, estava em uma loja. As pessoas presentes não perceberam a gravidade de sua lesão, e permitiram que fosse para casa com a irmã e a amiga, depois de ter recusado a proposta de ser levada até a sua residência por um comerciante em uma carruagem. Afirmou que, na ocasião, recusou a proposta por desconhecer o seu “estado de fraqueza” (White, 2013, p. 14); estava com um sangramento no nariz e disse que “preferia ir a pé para não sujar-lhe a carruagem” (p. 14). Ao sair do estabelecimento, voltou a sentir-se mal e terminou sendo carregada pela irmã e pela amiga até a sua residência.

Um aspecto, sinalizado por comentadores (Douglass, 2003b; Santos, 2016; Teixeira, 2012b) e por ela mesma, foram as consequências dessa agressão, a começar pela aparência

física. White mencionou ter ficado “chocada” com a mudança que ocorreu em seu rosto: “cada traço de meu rosto parecia mudado. Os ossos de meu nariz haviam-se fraturado” (White, 2013, p. 15). Conta que, em decorrência desta mudança em sua aparência, sofreu com o tratamento que lhe foi dado pelas colegas – o que hoje chamamos de bullying - e, principalmente, por não ter sido reconhecida pelo próprio pai. Esta foi uma experiência difícil para Ellen, como ressaltou:

Quando pude tomar parte dos brinquedos com amiguinhas, fui obrigada a aprender a amarga lição de que nossa aparência visual muitas vezes estabelece diferença no tratamento que recebemos. Por ocasião do acidente, meu pai estava na Geórgia. Ao chegar em casa, abraçou meu irmão e minhas irmãs e perguntou por mim. Recuei timidamente, enquanto minha mãe me apontava, mas meu próprio pai não me reconheceu. Foi-lhe muito difícil acreditar que eu era sua pequena Ellen, a quem ele deixara poucos meses antes como uma feliz e saudável criança. Isso feriu profundamente meus sentimentos, mas tentei parecer animada, embora com o coração despedaçado. (White, 2013, p. 16)

Como consequência da lesão no rosto, Ellen começou a apresentar sintomas como tremores, tonturas, desmaios, dificuldade de memorização, além da dificuldade de respirar pelo nariz, durante um período em torno de dois anos. Ao referir-se a tais dificuldades, disse:

Meu sistema nervoso estava abalado, e minhas mãos tremiam tanto que pouco progresso fiz na escrita, e não pude conseguir mais do que simples cópias com má caligrafia. Esforçando-me por concentrar-me nos estudos, as letras das páginas pareciam embaralhar-se, grandes gotas de suor afluíam-me ao rosto, e eu me atordoava e desfalecia. Tinha uma tosse rebelde, e meu organismo todo parecia debilitado. Minhas professoras aconselharam-me a abandonar a escola, e não retomar os estudos antes de minha saúde melhorar. Foi a mais forte luta da minha juventude, ceder à fraqueza e decidir que deveria abandonar os estudos e renunciar a toda esperança de instruir-me. (White, 2013, p. 17)

Um aspecto não considerado por comentadores foi que, inicialmente, ao persistir em frequentar a escola, White surpreendeu-se ao observar a menina que a agrediu sendo monitora

da classe. No entanto, relatou: “se mostrava sempre sinceramente entristecida pelo grande mal que me causara, embora eu tivesse o cuidado em não lhe lembrar isso. Era meiga e paciente comigo. Mostrava-se triste e pensativa quando me via lutando com sérias desvantagens para instruir-me” (White, 2013, p. 17). Por conta das dificuldades decorrentes da agressão, Ellen acabou abandonando a escola, passando a ser instruída pela sua mãe, que, como dito, havia sido professora anteriormente.

Douglass (2003) salienta os principais acontecimentos na vida de Ellen em sua fase de formação:

Três principais acontecimentos ou circunstâncias ocorridos nos primeiros anos de Ellen White afetaram diretamente o resto de sua vida e serviram de ponto de convergência para ela: a lesão física que ela sofreu com a idade de nove anos; a pregação de Guilherme Miller; e sua profunda experiência religiosa (Douglass, 2003b, p. 48)

Ellen, aos 12 anos, assistiu a um sermão proferido por William Miller (1782-1849) na Igreja Cristã da Rua Casco, em Portland, o que muito a impactou. A família frequentava a Igreja Metodista Episcopal. Em 26 de junho de 1842 foi batizada e recebida como membro dessa Igreja.

Os pais de Ellen também frequentaram as reuniões coordenadas por Miller e, identificados com sua proposta, optaram por divulgar a perspectiva de retorno de Cristo na data fixada. Por este motivo foram excluídos do rol de membros da Igreja Metodista Episcopal, juntamente com Ellen. Ela aceitou a perspectiva de Miller, “inclusive a de que Cristo retornaria no verão de 1843, data que mais tarde foi recalculada por Miller e remarcada para a primavera de 1844, especificamente no dia 21 de março” (Teixeira, 2012b, p. 23).

Como dissemos na introdução deste trabalho, os mileritas foram frustrados pelo não retorno de Cristo, em 22 de outubro de 1844, data que mais causou mobilização entre os seguidores de Miller, dentre os quais Ellen e a sua família.

Toda a experiência religiosa vivida até então marcaria profundamente toda a vida pessoal e religiosa da jovem Ellen Harmon e mais tarde influenciaria também sua família. A partir de então, começou a testemunhar onde quer que tivesse oportunidade,

iniciando um ministério de numerosas viagens missionárias que se estendeu ao longo de toda a sua vida (Teixeira, 2012b, p. 29).

Considerando o protagonismo de Ellen no processo fundacional da IASD, discorreremos sucintamente acerca desta denominação na introdução deste trabalho. Segundo comentadores, o percurso de Ellen não pode ser descrito de maneira dissociada da história da IASD, por isso optamos por dar continuidade a este assunto nos próximos parágrafos, concentrando nossa análise na personagem Ellen White e em debates importantes que marcaram a organização desta denominação, que ocorreu em meio a acontecimentos históricos nos Estados Unidos, que também consideramos ao longo deste capítulo. Com isto, sinalizamos que Ellen White viveu em uma época com acontecimentos que marcaram a sua vivência e, portanto, não poderiam ser desconsiderados. Até mesmo os debates ocorridos entre os pioneiros adventistas em torno do alistamento militar durante a Guerra Civil nos Estados Unidos (1861 – 1865), bem como as discussões em torno da escravidão. Neste sentido, consideraremos aqui os eventos estadunidenses durante o século XIX.

O início do século XIX foi um período ambíguo na história deste país, pois foi marcado pela expansão estadunidense, por momentos delicados em decorrência das Guerras Napoleônicas, bem como pelas crises econômicas enfrentadas pelo país, sobretudo entre os anos 1818 e 1924. Não podemos esquecer do conflito entre os Estados do Norte e do Sul desse país, que divergiam sobre a manutenção da escravatura: os estados do Norte, industrializados e abolicionistas, enquanto os estados do Sul, agrícolas e escravocratas.

Os anos que sucederam à independência estadunidense foram marcados, inicialmente, por uma expansão territorial e pelo nacionalismo americano. Neste sentido, Thomas Jefferson (1743-1826), o terceiro presidente dos Estados Unidos, ocupou o lugar de responsável pela construção política do país no imaginário dos americanos.

Thomas Jefferson baseava-se

Num sólido republicanismo. Para ele, a igualdade rural dos tempos da colônia, sem títulos de nobreza e com assembleias de homens tornados iguais pela lei e pelos princípios políticos, era a sua grande meta. Seu ideal de país parecia ser uma associação de pequenos produtores, diminuindo o peso do governo central ao estritamente necessário (Karnal, 2007, p. 101–102).

Veiculava-se nos Estados Unidos a noção de uma nação perfeita, democrática, seguindo rumo ao progresso e as posições do então presidente reforçavam essa perspectiva. Por outro lado, as Guerras Napoleônicas (1803-1815), bem como a expansão territorial para a região Oeste do próprio país foram acontecimentos que ameaçaram a concretização de tais noções.

A questão em torno das Guerras Napoleônicas foi que os Estados Unidos eram parceiros comerciais das duas potências envolvidas nesse conflito, a Inglaterra e a França. Os ingleses prevaleciam internacionalmente como uma potência militar e a França, por sua vez, encontrava-se em expansão. O conflito entre as duas potências, por um lado, contribuiu para a expansão territorial americana, como foi o caso da venda de Lousiana. França, por estar em condições vulneráveis em decorrência das guerras, comercializou Lousiana com o governo Jefferson (1801 - 1809) e isto reforçou o sentimento nacionalista, então atrelado à conquista de territórios.

O processo de expansão continuou com a aquisição da Flórida, desta vez por meio de invasão do então território espanhol.

As guerras napoleônicas tinham sido fatais para o domínio hispânico na Flórida. Aproveitando-se da situação, o governo Madison, em 1813, enviou tropas para a Flórida. No ano seguinte, a mesma Espanha teve que enfrentar diversas manifestações de independência e revoltas liberais em suas posses coloniais na América e foi obrigada a deixar o território da Flórida em segundo plano. Essa situação fez com que houvesse uma diminuição na jurisdição e na presença de funcionários espanhóis na região, o que serviu de pretexto para que Madison, alegando a ameaça dos indígenas da Flórida aos territórios norte-americanos que se situavam nas proximidades, consolidasse a invasão do território (Morais & Fernandes, 2007, p. 105).

Os Estados Unidos propuseram uma doutrina de direitos decorrentes da neutralidade no conflito, que possibilitava a comercialização com os países em guerra sem, contudo, ser alvo dos envolvidos e, isto, a partir da crença do valor do comércio americano para as nações em guerra: Um reflexo dos confrontos foi a promulgação da Lei de Proibição ao Comércio, em 1809, em que se restringiu a comercialização com a França e com a Inglaterra. Esta lei foi promulgada por James Madison (1809-1817) que, no mesmo ano, sucedeu a Jefferson na presidência do país. Com esta lei pensava-se que os dois países poderiam ceder à pressão

econômica dos Estados Unidos, o que não ocorreu e trouxe descrédito internacional para os Estados Unidos.

Tendo isto em vista, Madison e o Congresso aprovaram a declaração de guerra à Inglaterra, em 1812, a fim de retomar a “marcha rumo ao progresso”. No entanto, a Marinha britânica tinha supremacia marítima naquele período e os Estados Unidos foram novamente frustrados em suas expectativas, tendo a sua capital, Washington, incendiada pelos ingleses.

Nessa época os investimentos se concentravam em dois produtos, o algodão e o tabaco, o que elevou a demanda por mão-de-obra e, conseqüentemente, por escravizados nos estados fornecedores desses produtos. Como fornecedores de algodão destacaram-se Geórgia e Carolina do Sul e, do tabaco, Virgínia e Maryland.

Nesse período, os estados do Norte enfatizavam o trabalho livre, assalariado, adequado à industrialização que ali começava, enquanto os estados do Sul tinham o trabalho escravo respaldado por lei. No Sul

Ter um escravo era o mesmo que ter um valioso bem e a quantidade de escravos simbolizava posição de prestígio social do proprietário. Além disso, a ideia de que brancos e negros jamais poderiam conviver em harmonia também reforçava a escravidão, na medida em que, segundo essa premissa, nada se poderia fazer com os negros caso ficassem livres. Outro fator importante que pesava contra a possibilidade de abolição da escravatura é que o escravo, mercadoria, já fazia parte do mercado econômico do país. Ele estava inserido numa complexa rede de compra e venda e sua força de trabalho sustentava a produção nos campos, sendo o responsável pela mobilização de milhões de dólares. Quanto mais se dependia do escravo, maior era o esforço para mantê-lo nessa posição, mesmo porque crescia cada vez mais o receio de manifestações coletivas de escravos, que de fato resistiam, fugiam ou matavam seus senhores em nome da liberdade. (Morais & Fernandes, 2007, p. 124-125)

A região Norte era mais avançada industrialmente, possuía uma classe média nascente enquanto a região Sul, mesmo tendo características essencialmente agrícolas, baseava-se no sistema *plantation* e na escravidão. Outro aspecto considerado nesse contexto foi a disputa em torno do projeto de governo territorial para as regiões de Kansas e Nebraska.

Os sulistas, representados por David Atchison, propuseram uma lei que nenhum projeto de administração territorial poderia ser aprovado a não ser que contivesse uma cláusula que anulasse a proibição da escravidão. O congresso aprovou o projeto, que passou a se chamar Lei Kansas-Nebraska, e os nortistas ficaram indignados pelo fato de o governo federal e o presidente Franklin Pierce (1853-1857) terem se curvado diante da ‘escravocracia’. Desse modo, o império do algodão desafiava, de uma vez por todas, o ‘imperialismo do solo livre’ (Morais & Fernandes, 2007, p. 130).

Embora as duas regiões demonstrassem interesses e objetivos distintos, não se pode afirmar que eram antagônicas, dado que o Sul atuava economicamente junto ao Norte estabelecendo relações comerciais com a Inglaterra, por exemplo. Além de que também no Norte os negros eram excluídos das decisões políticas, além de sofrerem preconceito (Karnal, 2007).

Apesar das similaridades, o embate entre as duas regiões a respeito da escravidão se intensificou nos anos 1860, quando Abraham Lincoln (1809-1865) foi eleito presidente dos Estados Unidos. Este embate entre os estados do Norte e os estados do Sul em torno da escravização dos negros ficou conhecido como Guerra de Secessão, ocorrendo entre os anos 1861 e 1865. Abraham Lincoln tinha um posicionamento divergente dos sulistas, pois era favorável ao trabalho livre, ao homem livre. Deste modo, os sulistas não “viam com bons olhos” a eleição de Lincoln por este ser percebido por eles como um abolicionista. Para os nortistas, Lincoln era um conservador que, apesar de não combater a escravidão explicitamente, demonstrava sua reprovação ao condená-la ou descrevê-la como um erro da humanidade (Karnal, 2007).

Neste cenário de disputas entre as duas regiões, os sulistas foram organizando meios para se separarem e tornarem-se independentes dos Estados Unidos. Os estados de Alabama, Flórida, Mississippi, Geórgia e Texas declararam-se separados da União, constituíram os Estados Confederados da América e elegeram Jefferson Finnis Davis (1808-1889) como presidente. Para impedir essa separação, Lincoln tomou algumas medidas, como a proibição da saída de produtos dos Estados sulistas: o governo violou correspondências, fechou jornais, deteve e puniu desertores do exército, a fim de favorecer o triunfo da União.

Ainda visando preservar a União, Lincoln procurou unificar leis e a administração dos estados. Em 1861, por exemplo, foi aprovada a “Lei do Confisco”, pela qual “qualquer propriedade usada a favor dos confederados (como gado, algodão, matérias-primas e,

sobretudo, escravos) que caísse em mãos dos nortistas, seria imediatamente confiscada” (Morais & Fernandes, 2007, p. 133). Esta lei, por sua vez, motivou fugas coletivas de escravizados das fazendas, pois poderiam encontrar a liberdade dessa forma.

Graças aos escravos e aos abolicionistas, um combate, que se iniciara em nome da recuperação da unidade territorial do país, transformou-se numa luta pelo fim de escravidão. Lincoln, diante das pressões crescentes de diversos setores pela abolição e da ausência de acordo sobre a escravidão nas novas terras do Oeste, percebeu que a emancipação total dos escravos lhe traria popularidade (Morais & Fernandes, 2007, p. 134).

Sendo assim, em 1º de Janeiro de 1863 foi proclamada, por Lincoln, a Lei de Emancipação dos Escravos. A Lei federal proibindo a escravização no território estadunidense foi promulgada apenas em 1865.

A Guerra de Secessão foi a mais letal e custosa na história dos Estados Unidos, em que morreram em média de 600 mil estadunidenses, superando os índices atribuídos à Guerra do Vietnã (1955-1975) que perdurou por duas décadas (Karnal, 2007).

A Guerra de Secessão “serviu para criar o mito de Lincoln como grande estadista defensor da liberdade, forjar certo sentimento de identidade nacional baseada na superioridade do ‘mundo’ do Norte, abrir caminho para o surgimento de determinadas leis comuns e definir a trilha histórica de um país unificado a partir das armas” (Morais & Fernandes, 2007, p. 136).

A região Norte dos Estados Unidos enriqueceu com a Guerra, fortalecendo a indústria têxtil, a indústria de calçados e, principalmente, a indústria bélica. Um aspecto a ser destacado é que os confrontos das tropas ocorreram no Sul, preservando a região Norte de destruições e da mortandade expressiva de civis. Entretanto, no Sul, a guerra representou um colapso econômico, pois esta região ficou impossibilitada de comercializar o algodão e o tabaco, bem como de fabricar armas. Sem verba para investir nas tropas, os líderes sulistas lançaram uma política de aquisição de gêneros alimentícios, exigindo que sua comercialização fosse num valor abaixo do estipulado pelos comerciantes. Esta medida trouxe prejuízo a muitos proprietários de terras e, essas condições foram o que acarretou a derrota da região Sul<sup>15</sup>.

Um aspecto ressaltado por Schwarz e Greenleaf (2009) foi que

---

<sup>15</sup> “*Gone with the Wind*” (E o Vento Levou), filme lançado em 1939 nos Estados Unidos, dirigido por Victor Fleming, George Cukor e Sam Wood, retrata muito bem esse momento histórico.

Até depois da Guerra Civil Americana, a Igreja Adventista do Sétimo Dia era primariamente uma igreja da região norte dos Estados Unidos. Os adventistas começaram nos estados do nordeste e se espalharam na direção oeste, estabelecendo-se em Battle Creek, Michigan, como a sua sede. Eles sobreviveram à Guerra Civil abrindo precedentes para o relacionamento de sua igreja com o Estado. Depois desse conflito, os adventistas se aventuraram na direção do sul, um tanto cautelosamente. Para eles, era quase uma missão a um país estrangeiro. (Schwarz & Greenleaf, 2009, p. 11)

Segundo estes autores, os adventistas se opuseram à escravidão, sendo eleitores de Abraham Lincoln. Mencionam que Joseph Bates, um dos fundadores da IASD, contribuiu com a organização de uma sociedade antiescravagista em sua cidade natal. Credo no breve retorno de Cristo, os adventistas acreditavam que a oposição à escravidão consistia em uma atitude que os prepararia para esse acontecimento, pois a escravidão era entendida por eles como um pecado, do mesmo modo que o adultério ou roubo (Schwarz & Greenleaf, 2009). No entanto, segundo Prestes Filho (2006) muitos adventistas foram conhecidos como escravocratas. Como justificar isto?

Para Schwarz e Greenleaf (2009), embora tivessem essa compreensão da escravidão e discordassem dessa prática, a princípio,

Os adventistas não se apressaram a alistar-se como voluntários do serviço militar. Entre os vários motivos para isto estava a sua crescente compreensão de Apocalipse 6:12-17 e Apocalipse 13. Os Estados Unidos deveriam chegar a seu fim, acreditavam eles, e isto também significaria o fim do mundo. Isso era irreversível; ninguém poderia atrasar o cronograma profético de Deus. Em segundo lugar, como soldados eles achavam praticamente impossível guardar o quarto<sup>16</sup> e o sexto<sup>17</sup> mandamentos. (Schwarz & Greenleaf, 2009, p. 95)

---

<sup>16</sup> “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou” (*A Bíblia Sagrada*, 1999, p. 54).

<sup>17</sup> “Não matarás” (*A Bíblia Sagrada*, 1999, p. 54).

A continuidade da Guerra nos anos 1860 gerou debates entre os adventistas, que então se fragmentaram em três grupos, com perspectivas distintas a respeito da participação nesse conflito, um dos quais defendia a participação na guerra a fim de se extinguir a escravidão, o que se contrapunha à perspectiva inicial de “não envolvimento” no conflito. Um segundo grupo seguiu com a ideia de não participar do conflito, ou seja, recusar o recrutamento, mesmo que isso implicasse em passar por detenções. Por fim, o terceiro grupo se dispunha a participar da Guerra com a condição de não portar armas e de não matar. Assim, um grupo pequeno de adventistas foi recrutado e participou da Guerra.

Este período foi também marcado pela comunicação entre os líderes da IASD e os governantes americanos. Nesse contexto, James White sobressaiu-se como mediador no próprio meio adventista, minimizando dissensões entre os três grupos citados acima e, também, foi um mediador entre a Igreja e o governo americano, que tornou o alistamento obrigatório, por ocasião da perda de muitos soldados na Guerra. James interveio de diversas maneiras a fim de proteger os adventistas das penas infligidas àqueles que rejeitassem ir à Guerra. Quando o Congresso americano aprovou, em 1863, a primeira lei do serviço militar obrigatório no país, também foi aprovado que o alistado poderia deixar de servir fornecendo um substituto ou custeando um valor em torno de 300 dólares, um acordo com os anti-escravagistas que se recusavam a ir à Guerra e que, claramente, privilegiava as pessoas com mais recursos. No caso dos membros da IASD, a arrecadação de tal valor “estava longe de ser fácil para muitos adventistas”, bem como para outros cidadãos americanos, afetados pelos desastres da Guerra Civil. Diante disto, James White e outros líderes “encorajaram todos os membros a partilhar a responsabilidade financeira dos irmãos que achassem necessário arrecadar a taxa de comutação” (Schwarz & Greenleaf, 2009, p. 97).

A década de 1860, apesar das dificuldades decorrentes da Guerra Civil, foi descrita como um período de organização da IASD nos Estados Unidos, sendo este o período em que se escolheu o nome Igreja Adventista do Sétimo Dia para intitular a denominação. Este, como se pode notar, abarca as duas crenças principais da IASD: a crença no retorno de Cristo e a consideração do sábado como um dia santo. Esta década também foi marcada pela criação das primeiras congregações adventistas e da sede administrativa da IASD, em 1863, conhecida como Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, na época sediada em Battle Creek, Michigan. Atualmente a Associação Geral tem a sua sede em Silver Spring, Maryland.

Considera-se, como condições de emergência da IASD, a perspectiva de Miler, já citada acima, em torno da década de 1830, década em que Miller foi se notabilizando com os

seus estudos sobre as profecias bíblicas e estabelecendo datas para a volta de Cristo. Este período estendeu-se até os anos 1880, quando Ellen White se sobressaiu na liderança da denominação, após o falecimento de James White e de Joseph Bates. Isto ocorreu não somente no âmbito local, mas em escala internacional, como resultado das viagens que Ellen fez para diferentes partes do mundo, a fim de contribuir com a instalação de novas congregações.

Atribuía-se também a Ellen White qualidades sobrenaturais, como a capacidade de prever o futuro. Este lhe chegava por meio de visões, das quais a primeira ocorrera quando tinha 17 anos (White, 2003). O conteúdo delas, por sua vez, teria por objetivo trazer ânimo ao grupo de que fazia parte, ou seja, fazia parte de seu carisma. Inicialmente, sofreu oposições e críticas dos cristãos, que desconfiavam das visões, relacionando-as a distúrbios neurológicos ou a auto-hipnose (Bonaci, 2017). Entre os críticos estava a própria irmã de Ellen, Elizabeth Harmon, para quem as visões eram consequências do trauma sofrido na infância (Santos, 2016).

Seu dom foi bem recebido pelos Mileritas em Portland, mas teve de enfrentar o ceticismo do restante do grupo espalhado por outras partes do território americano. [...] Nas palavras de White seu dom a princípio foi recebido como um ‘consolo’ enviados do céu, mas devido às recomendações da conferência de 1845 foi acusada inúmeras vezes de promover o Mesmerismo<sup>18</sup> (Bonaci, 2017, p. 47).

Ainda sobre este episódio, Douglass (2003) comentou que

Alguns tem sugerido que o traumatismo sofrido no início da sua vida atingiu o lobo temporal de seu cérebro. Esta lesão, especulam eles, ocasionou-lhe uma espécie de epilepsia conhecida como crise parcial complexa. Por sua vez, alegam que as visões de Ellen White eram devidas à epilepsia no lobo temporal. (Douglass, 2003, p. 62)

No entanto, este autor defende a ideia de que não há evidências de que Ellen sofria desta espécie de epilepsia e, portanto, não haveria possibilidade de relacionar crises epiléticas às visões desta autora ou, ainda, associá-las ao seu papel no desenvolvimento da IASD. Foi para sustentar este argumento que acrescentou o seguinte:

---

<sup>18</sup> Mais adiante retornaremos a este tema.

Donald I. Peterson, M. D., autor de mais de sessenta artigos no campo da neurologia da Escola de Medicina da Universidade de Loma Linda e chefe de neurologia do Hospital Geral de Riverside, Califórnia, apresentou uma resposta mais ampliada. No livro *Visions or Seizures: Was Ellen White the Victim of Epilepsy?*, ele examina determinadas afirmações de que Ellen Harmon sofrera severos danos cerebrais, de que suas “visões” eram típicas das crises parciais complexas, de que suas feições durante as “visões” eram típicas do distúrbio de crise parcial complexa (“automatismos”), etc. [...] Negou taxativamente a existência de qualquer correlação do estado de Ellen White durante as visões ou sua prolífica capacidade literária (hipergrafia) com qualquer indicação de que sugerisse dano cerebral e resultante de distúrbio de crise parcial completa (Douglass, 2003, p. 63).

Ressalte-se que há um consenso em torno da ideia de que Ellen sofreu de muitos problemas de saúde, dos quais as dores de cabeça, a inflamação nos olhos e a debilidade respiratória decorreram da agressão sofrida na infância. Além destas menciona-se que, ao longo da vida, também sofreu de tuberculose, derrame cerebral, reumatismos, hemorragia entre outras patologias que, por vezes, interferiram em sua escrita.

Embora as críticas fossem frequentes a princípio, Ellen Harmon divulgou as suas visões em pequenas reuniões e passou a receber convites para discorrer sobre o tema. Os fenômenos físicos que a acompanhavam durante as visões contribuíram para que as suas experiências fossem aceitas.

A este respeito, Santos (2016) cita John Norton Loughborough (1832-1924), que presenciou Ellen Harmon tendo visões e relatou parte dessas experiências em *“The Great Second Advent Movement: Its Rise and Progress”*, de 1909.

Quando ela entra em visão, dá três arrebatadores gritos de ‘Glória!’ que ecoam e ressoam, sendo o segundo, e especialmente o terceiro, mais fracos, porém mais emocionantes que o primeiro, e pronunciados com uma voz semelhante à de alguém bem distante, cuja voz quase já não pode ser ouvida. Por cerca de quatro ou cinco segundos, parece cair como uma pessoa num desmaio, ou alguém que perdeu a força. Então, parece ser instantaneamente preenchida de força sobre-humana, às vezes levantando-se de uma só vez sobre os seus pés e andando pela sala. Há frequentes

movimentos das mãos e dos braços, apontando à direita ou à esquerda, conforme sua cabeça se volta. Todos esses movimentos são feitos de forma muito graciosa. Em qualquer posição que sua mão ou braço são colocados, é impossível que alguém possa movê-los. Seus olhos estão sempre abertos, mas ela não pisca; a cabeça fica levantada, e ela olha para cima, não com um olhar vago, mas com uma expressão agradável, apenas diferindo de sua expressão normal por parecer estar olhando atentamente para algum objeto distante. Ela não respira, mas seu pulso continua batendo regularmente. Sua fisionomia é agradável, e a cor do seu rosto, corado, com em seu estado natural (Loughborough, 1909, p. 165-167 conforme citado por Santos, 2016, p. 41-42).

Devido aos frequentes convites, Ellen Harmon realizou muitas viagens e, quando esteve em Orington, conheceu James Springer White (1821-1881), com quem se casou em 30 de agosto de 1846, em Portland. James, como informou Santos (2016), participava do movimento milerita e tornou-se, posteriormente, um divulgador das publicações adventistas. Ao casar-se com James, Ellen mudou seu nome, passando a ser conhecida como Ellen White. Os primeiros anos de casamento foram marcados pela “pobreza, angustia, moravam de favor e com móveis emprestados” (Bonaci, 2017, p. 50). James e Ellen White tiveram quatro filhos: Henry Nichols (1847-1863)<sup>19</sup>, James Edson (1849-1929)<sup>20</sup>, William Clarence (1854-1937)<sup>21</sup> e John Hebert (1860-1860)<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> Henry Nichols nasceu em 1847 e faleceu aos 16 anos de idade, acometido de pneumonia (Douglass, 2003b).

<sup>20</sup> O segundo filho do casal, James Edson, tornou-se um escritor e compositor muito conhecido, principalmente, por ter buscado a melhoria da qualidade de vida dos negros. Inclusive, James financiou a construção de um barco fluvial e realizou viagens com um grupo de missionários entre o rio Mississippi e Yazoo City. Nessas viagens, ofereciam educação para os adultos e para as crianças negras a bordo do navio (Bonaci, 2017).

<sup>21</sup> William Clarence, conhecido carinhosamente como “Willie”, tornou-se assistente de redação e gerente de publicações de Ellen White, após o falecimento de James White. William foi muito atuante no ramo de publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia, inclusive trabalhou com o periódico *The Signs of The Times*. Na década de 1880, atuou na expansão da educação na Costa do Pacífico. Na década seguinte, auxiliou Ellen White na expansão da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Europa. Ao retornar para os Estados Unidos, em meados de 1900, presidiu a comissão de reorganização na assembleia da Associação Geral da igreja adventista. William atuou na comissão da Associação Geral, de 1883 até 1937 (Douglass, 2003b).

<sup>22</sup> John Herbert foi o último filho de Ellen e James. John nasceu em Battle Creek (Michigan) mas, infelizmente, faleceu quando completou três meses de vida, acometido de erisipela (Schwarz & Greenleaf, 2009).

**Figura 2** – Ellen White e James White



Fonte: <http://www.centrowhite.org.br/>

Em 1849, Ellen e a sua família mudaram-se para Rochester, com a intenção de publicarem o periódico “Advestist Review and The Sabbath Herald”. Para Bonaci (2017), isto ocorreu após Ellen White ter tido uma “visão” orientando que fizesse da publicação um ministério pessoal, juntamente com James White. Já em 1855, mudaram-se para Battle Creeck, onde deram continuidade à publicação do periódico, que contribuiu para que os adventistas se organizassem.

O período que se estende de 1851 a 1915 foi o momento em que Ellen White publicou a maioria de suas obras - cerca de 24 livros - e, simultaneamente, empreendeu viagens missionárias a fim de estabelecer ou criar Igrejas em outros estados americanos, bem como em outros países.

A parceria entre James White e Ellen White estendeu-se por, aproximadamente, 35 anos, até o momento em que James White faleceu, em 1881, em decorrência de um “excessivo desgaste físico e emocional do trabalho pastoral intenso” (Bonaci, 2017, p. 30). Segundo Rodrigues (2017), James foi um importante conselheiro e apoiador de Ellen White. Sinaliza-se que, segundo este autor, James e Ellen possuíam temperamentos diferentes: “James era o líder, personalidade forte, organizador incansável, empreendedor, excelente escritor e orador. Ellen era naturalmente tímida [...] Tinha em James seu apoio e conselheiro, e este assumia a posição de apoiá-la na transmissão de suas mensagens” (Rodrigues, 2017, p. 103). Destaque-se que James procurou tornar a rotina de Ellen mais leve, dispondo-se a cuidar das demandas dos filhos e do lar, inclusive quando Ellen viajava para outros países. Em termos de publicação, sinaliza-se que Ellen publicou com mais frequência em jornais

dirigidos por James White. Por exemplo, no *Review and Herald*, Ellen publicou centenas de artigos e James era o diretor do Jornal.

A partir do falecimento de James, Ellen White desdobrou seus esforços para que as crenças adventistas se popularizassem. Para tal deu continuidade às viagens em território americano, como também em outros países. Por exemplo, entre 1872 e 1873 teve passagens pela Califórnia e, em 1874, concentrou-se em Michigan, a fim de dar continuidade à disseminação do adventismo. Ainda com este objetivo, participou da inauguração de um colégio adventista<sup>23</sup> neste Estado, na cidade de Battle Creek, em 04 de janeiro de 1875.

Foi na década de 1880 que Ellen levou sua pregação à Europa. Esteve em diferentes países como Itália, França, Alemanha, Dinamarca, Inglaterra, Noruega e Suíça entre os anos 1885 e 1887. Após este período, retornou para os Estados Unidos a fim de continuar contribuindo com o avanço do adventismo. Três anos mais tarde (em 1891), Ellen viajou para a Austrália e lá permaneceu por 9 anos. Foi um período em que os australianos interessados nas crenças adventistas puderam contar com as contribuições de Ellen que resultaram, inclusive, na abertura de uma escola bíblica, em 1892.

Em 1900, Ellen novamente retornou para os Estados Unidos já aos 73 anos de idade, a fim de extirpar ideias teológicas que estavam se desenvolvendo na IASD e que não condiziam com os princípios da denominação conforme seu entendimento. Em seu retorno à América, residiu em Santa Helena, Califórnia, onde permaneceu por 15 anos. Esta residência é considerada “um lugar histórico juntamente com outros marcos de relevância nacional” (Bonaci, 2017, p. 53).

Vale ressaltar que Ellen White não exerceu cargo na hierarquia administrativa da IASD, mas suas recomendações foram essenciais para a criação e desenvolvimento desta denominação. Santos (2016) considerou inseparáveis o ministério de Ellen White e a história da IASD, pois ela é vista como fundadora desta denominação, junto de seu marido e de Joseph Bates (1792-1872). A organização formal da IASD ocorreu em 21 de maio de 1863, embora a expressão Igreja Adventista do Sétimo Dia tivesse sido adotada pelo grupo já em 1860, como citado acima (Santos, 2016).

Como mencionado, Ellen White interrompeu os seus estudos por conta das dificuldades que enfrentou em decorrência da agressão que sofreu. Embora tenha continuado

---

<sup>23</sup> A Escola Adventista de Battle Creek foi criada com o objetivo de impulsionar o adventismo no local e, também, para “acolher” os filhos de membros da IASD a fim de protegê-los do descrédito e das zombarias que sofriam nas escolas públicas que frequentavam. Entre as motivações da zombaria estavam as crenças religiosas (adventistas) que seguiam, como a consideração do dia de sábado como um dia sagrado, a dieta restrita, entre outras (P. Ferreira & Souza, 2018b; Schwarz & Greenleaf, 2009).

a estudar com a sua mãe, supõe-se que ficou com um déficit educacional. Por isto, contou com o auxílio de secretárias que revisavam o material de sua autoria e indicavam autores e temas para que pesquisasse. Bonaci (2017) sugeriu que nem todos seus livros estão relacionados ao seu carisma. Ao discorrer sobre as obras de Ellen White, Teixeira (2016) as classificou da seguinte forma:

Seus obras podem ser classificadas em originárias, derivações ou compilações. As originárias são obras cujos conteúdos foram formulados e organizados pessoalmente pela própria autora, com base em pensamentos próprios, e se valendo também de informações selecionadas em materiais de outros autores. As derivações, ou também chamadas de derivações próprias, são obras que resultam da reorganização e complementação de conteúdos anteriormente formulados, o que era feito pela própria autora para dar maior coerência aos materiais já previamente escritos por ela mesma, deixando aos seus assistentes literários apenas a tarefa de formatação final. Já as compilações, ou derivações indiretas, são obras que resultam da reorganização e suplementação dos conteúdos anteriormente formulados, o que foi e ainda é feito por assistentes literários ou redatores, com o objetivo de reunir todo o conteúdo deixado acerca de determinado tema. Nessas compilações, os organizadores selecionam trechos – e deles se valem – contextualizados, extraídos dos escritos formulados exclusivamente pela autora, usando-os de acordo com a redação original dada por ela, sem adição de nenhum complemento. Assim, embora as derivações próprias e as compilações resultem de materiais já previamente escritos pela autora, apenas as primeiras tiveram os conteúdos complementados por ela, enquanto as últimas resultam somente de agrupamentos e suplementações temáticas feitas com os próprios textos originalmente escritos. (Teixeira, 2016, p. 122)

Considerando essa classificação, alguns comentadores sugeriram que a produção de Ellen White, no início do século XX, chegou a cem mil páginas, o equivalente 25 milhões de palavras. Douglass (2003) sinalizou que “na década de 1990, 128 livros publicados levavam o nome de Ellen White, inclusive compilações de seus pensamentos sobre diversos assuntos” (p. 108). Seus livros foram utilizados para que se estabelecesse um “estilo de vida” a ser adotado pelos adventistas do sétimo dia, que até hoje os utilizam e os têm como muito relevantes em relação à sua fé (Bonaci, 2017).

Até o final de sua vida, em 1915, Ellen publicou 24 livros, deixando apenas duas obras a cargo de editores, aguardando pela publicação. Ressalte-se que, como dito, sua formação escolar, formal, foi precária; também não era uma escritora “talentosa”. No entanto, adquiriu o hábito da leitura, o que pode ter contribuído para a sua produção e para a organização do seu discurso em palestras e sermões (Douglass, 2003a).

Como escritora, Ellen iniciava a escrita de boa parte dos seus artigos e livros no decorrer das viagens que fez ou ainda, pela manhã, antes do desjejum com a família, quando relatava aos familiares o conteúdo recentemente escrito, habitualmente “em papel de carta, folhas encorpadas e em cadernos de folhas pautadas, quase sempre utilizando uma pena” (Douglass, 2003, p. 108). Este material, após a década de 1880, foi datilografado por suas assistentes, que cuidadosamente revisavam os seus escritos e realizavam correções. Sua demanda por assistentes decorreu tanto por conta de suas dificuldades com a escrita quanto por conta da sua limitação de tempo.

William Clarence White (1854-1937), um dos filhos de Ellen e James White, esteve trabalhando como coordenador editorial dos assistentes literários de Ellen, dos quais alguns eram voluntários e, outros, remunerados. Os assistentes realizaram correções gramaticais, agrupamentos de parágrafos, bem como a eliminação de repetições. No entanto, não foram autorizados a realizar acréscimos aos escritos originais. Ressalte-se que, após essa etapa, Ellen ocupava-se de revisar os documentos que, minimamente, sofreram alterações.

Deste modo, os escritos de Ellen passaram por etapas representando uma hierarquia de responsabilidades, que pode ser descrita da seguinte maneira:

Em se tratando de trabalhos editoriais de menor importância, por exemplo, Marian Davis recebeu autorização para resolver as questões por si mesma; questões maiores deveriam ser submetidas a W. C. White. Depois de William e Marian terem feito o seu trabalho, caberia a Ellen White tomar as últimas decisões relativas a modificações editoriais (Douglass, 2003a, p. 110).

Nesse processo, Marian Davis manuseava os artigos publicados em revistas, bem como as cópias das cartas que Ellen enviava para diferentes destinatários, entre pastores, membros de igreja e os próprios filhos, com a finalidade de orientá-los sobre um determinado assunto. Marian a assessorava no preparo de capítulos de livros, juntando publicações de

Ellen acerca de um determinado tema que tornaria o capítulo mais bem fundamentado, de modo que fosse convincente.

Além de Marian, Ellen contou com outros assistentes, também conhecidos pela proximidade com a autora. Destaca-se o seu filho Willie e sua nora, Mary White, J. H. Waggoner, bem como Eliza Burnham. Ellen também contou com a revisão e o parecer de especialistas da época no decorrer da sua escrita. Por exemplo, contou com o parecer médico do Dr. Kellogg que, inclusive, a auxiliou na publicação de *Christian Temperance and Bible Hygiene* também pela escrita da introdução desta obra. Na passagem do século XIX para o século XX, menciona-se a especialista em educação Sarah Peck, que ficou responsável por organizar os escritos de Ellen que tiveram a educação por tema.

A Srta. Peck logo percebeu que essas matérias podiam ser divididas em dois grupos. Os mais apropriados para a igreja aparecem agora em determinadas seções dos Testemunhos para a Igreja, vol. 6 (1900), e Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes (1913); os adequados para o público em geral encontram-se no livro Educação (1903). (Douglass, 2003a, p. 112)

Neste sentido encontramos outro debate, que teve por tema as próprias revisões dos textos que tiveram Ellen White por autora. Considerando que, entre os fiéis da IASD, atribuiu-se a Ellen o papel de profetiza, criticava-se os escritos dela como não sendo confiáveis, justamente por muitas das suas publicações terem sido inicialmente organizadas por terceiros. Atualmente, defende-se que, entre o conteúdo publicado por Ellen encontram-se as obras que decorriam de seu “próprio punho”, as derivações e, por fim as compilações. Até o fim de sua vida, Ellen habitualmente revisava o conteúdo a ser publicado e, inclusive, não autorizava seus assessores a desenvolver nenhuma “novidade” no decorrer do processo de elaboração das obras.

Deste modo, outra discussão se apresenta, a saber, a que público Ellen destinou os seus escritos. Ao contrário do que imaginávamos, quando iniciamos a pesquisa que resultou neste trabalho, Ellen White não escreveu apenas para adventistas. Os periódicos *Signs of The Times* e *Health Reformer*, por exemplo, tinham por alvo o público em geral, enquanto os leitores de *Review and Herald* eram, em sua maioria, adventistas do sétimo dia.

Assim, boa parte das publicações de Ellen teve um público específico como destino e a autora sequer imaginava que, futuramente, estariam disponíveis ao grande público. Uma

primeira forma pela qual este conteúdo se popularizou ocorreu da seguinte maneira: “Devido a posição única que Ellen ocupava dentro da igreja, os destinatários passaram a guardar as cartas como preciosidade. Os membros mais antigos as legaram aos filhos ou as entregaram ao cuidado de pastores ou estudantes” (Douglass, 2003, p. 114).

Outro meio pelo qual as cartas foram publicadas foi pela liberação delas aos pesquisadores por parte do Patrimônio Literário White que, após a utilização pelos pesquisadores, as disponibilizou em 21 volumes da obra *Manuscript Releases*. Outras cartas da autora estão disponíveis em 4 volumes do *1888 Materials*.

Em fevereiro de 1915, Ellen White encontrava-se debilitada, por conta de uma queda que sofreu em sua residência, em Santa Helena (Califórnia) e, a partir de então, sua saúde foi piorando, até que veio a falecer em 16 de julho do mesmo ano (Teixeira, 2012b). Tornou-se conhecida “como profetisa, uma das poucas figuras femininas a ser imortalizada no hall dos pioneiros e importante escritora considerada em 2014 pelo Smithsonian Institution uma das 100 americanas mais influentes de todos os tempos” (Bonaci, 2017, p. 46).

Em outro momento, dissemos que Ellen foi acusada de Mesmerismo, no entanto ela criticou essa abordagem psicológica, bem como a Frenologia, no decorrer das suas publicações. Mas em que consistiam essas abordagens psicológicas do século XVIII e XIX? A partir dessas indagações, discorreremos a seguir sobre ambas as abordagens, pois no próximo capítulo nos concentramos na pedagogia espiritual de Ellen White, enquanto uma oposição a tais perspectivas.

Franz Anton Mesmer (1734-1815) é considerado o precursor da hipnose. Sendo natural da Suábia – atualmente território pertencente à Alemanha – Mesmer se notabilizou como médico e músico, além de ter formação acadêmica no campo da teologia e da filosofia. No campo da Medicina ressaltou-se a tese “*Dissertatio physico-medica de planetarum influxu*”, defendida por ele, em 1766, na Universidade de Viena (Monteiro & Jacó-Vilela, 2006).

De acordo com Mesmer, os elementos do universo, como os corpos humanos, estavam permeados por fluídos magnéticos, cujos desequilíbrios desencadeariam doenças, tais como a histeria. A partir desta compreensão, propôs a cura através da utilização de ímãs e outros objetos destinados à manipulação da energização e, buscando atender a muitas pessoas, desenvolveu “o *blaquet*, ou cuba de saúde, montagem de garrafas enfileiradas imersas em água, ligadas a cabos condutores que, por sua vez, eram aplicados nos doentes” (Monteiro & Jacó-Vilela, 2013, p. 161-162). Segundo Leahey (2013, p. 182) os tratamentos de Mesmer “*consistían en sesiones espeluznantes de espiritismo en que vestía ropajes místicos y blandía*

*una varita mágica de hierro*”, sendo que utilizava o magnetismo animal como meio para compreender a telepatia e a clarividência.

Na década de 1770, Mesmer compreendeu que a cura não seria promovida pelo ímã, mas pelo contato do paciente com o magnetizador, pressupondo então o magnetismo animal como inerente ao humano, concebendo a noção da influência exercida entre uma pessoa e outra enquanto uma força da natureza. A mansão de Landstrasse, em Viena, local onde residiu Mesmer, era repleta de fios, ímãs e cubas, onde desenvolveu suas propostas terapêuticas.

O exercício da terapêutica de Mesmer também foi descrito por Monteiro e Jacó-Vilela (2013):

Os clientes dão-se as mãos para formarem uma corrente humana em transe, enquanto Mesmer, vestido com uma túnica lilás, vai tocando alguns doentes com uma varinha de ferro, detendo-se para conversar em voz baixa com outro ou desenhando no ar em frente a um terceiro. A intervenção do médico pretendia funcionar como um condutor para que o magnetismo animal pudesse ser canalizado do universo para o corpo do paciente, sendo o ritual acompanhado por instruções que faziam os participantes mergulharem em suas ‘mentes’ até atingirem a ‘crise’ (suores, contrações, convulsões etc.). (Monteiro & Jacó-Vilela, 2013, p. 162-163):

Neste período, uma das críticas à sua perspectiva argumentava que o transe, então atribuído ao magnetismo animal, decorria do controle psicológico exercido por uma pessoa sobre a outra, não sendo um fluído invisível que passava de um corpo para o outro. Este debate contribuiu, inclusive, para a desmistificação do “transe mesmérico”, que passou a ser visto como hipnotismo (Leahey, 2013). Mesmer inaugurou, portanto, uma prática que posteriormente foi conceituada como hipnose, sendo o estado hipnótico entendido enquanto uma forma de sono intensa capaz de interferir na atividade cerebral do paciente sugestionado pelo hipnotizador.

Parte de suas experiências foi desenvolvida na França, a partir dos anos 1770, onde posteriormente foi o território para o desenvolvimento de outras compreensões em torno do magnetismo animal, pois “la Real Academia Francesa de Ciências decidió estudiar de nuevo el magnetismo animal, y su informe, emitido em 1831, era mucho más favorable que cualquiera de los que Mesmer hubiera recibido em vida” (Leahey, 2013, p. 182). Isto significou que, a partir de então, compreendeu-se que o transe magnético consistia em um estado mental que

deveria ser investigado mais profundamente. Além disto, o magnetismo animal foi utilizado na Inglaterra, por alguns médicos, destacando-se John Elliotson (1731-1868) e James Braid (1795-1860), que o utilizaram como anestesia em procedimentos cirúrgicos, entre as décadas de 1830 e 1850. Décadas mais tarde, já no século XIX, os estudos sobre a hipnose, assim como a sua utilização para fins terapêuticos, foram empreendidos pelo médico francês Jean Martin Charcot (1825-1893), quando residente no Hospital Salpêtrière, que se tornou um centro de pesquisa em neurologia. Nos anos 1870, Charcot utilizou a hipnose no acompanhamento de casos de pacientes acometidos de histeria, que era entendida como uma neurose que acometia sujeitos predispostos geneticamente por algum trauma físico. Deste modo

Sugeria a existência de ideias ‘fixas’ no núcleo destas neuroses e afirmava que os fenômenos somáticos relativos à indução hipnótica se organizavam em fases sucessivas, com a regularidade de um mecanismo de relógio independentemente de fatores externos, ou seja, o desenrolar das fases históricas era universal (Monteiro & Jacó-Vilela, 2013, p. 166).

Os estudos de Charcot foram desenvolvidos em La Salpêtrière e suas práticas assemelhavam-se às de Mesmer; no entanto, o espaço hospitalar conferiu-lhe uma “aura científica” inexistente nas pesquisas de seu antecessor. Além disto, se atribui a Charcot a criação de um laboratório de Psicologia neste mesmo Hospital, instituição por onde passou o filósofo francês Théodule-Armand Ribot (1839-1916), autor da obra *“La psychologie anglaise contemporaine: I’ école expérimentale”* (1870). Nesta propôs uma psicologia fisiológica tendo por finalidade a aferição do psiquismo no decorrer de uma investigação centrada no sujeito, no que tange aos seus processos superiores, bem como à sua personalidade.

Inicialmente, por conta do descrédito junto aos médicos, poderíamos imaginar que o magnetismo animal viria a desaparecer imediatamente. No entanto, mesmo após o falecimento de Mesmer, permaneceu sendo alvo do interesse dos médicos nas décadas seguintes, passando a coexistir com os anestésicos químicos, que passaram a ser mais utilizados. Na década de 1850, o médico inglês Alexander Wood (1817-1884) administrava morfina e forma intravenosa para aliviar a neuralgia (Ortega & Hansen, 2017), o que foi levando ao abandono do mesmerismo

## 1.1 A frenologia

Outra forma de compreender o humano no final do século XVIII e princípios do XIX foi a Frenologia. A expressão é derivada das palavras gregas *phrenos* (mente) e *logos* (estudo), consistindo em uma teoria que tem a sua origem atribuída ao psiquiatra alemão Franz Joseph Gall (1758-1828) na década de 1790 (Schwarcz, 1993). No entanto, como sinalizado por (Arreguy, 2010), Gall contou com a colaboração do médico alemão Johann Gaspar Spurzheim (1776-1832) e, deste modo,

(...) Fundaram a Frenologia ao postularem que a conformação da caixa craniana, dependendo de seu tamanho e suas protuberâncias, designava diferentes aspectos da personalidade do indivíduo. Juntos, estabeleceram regiões anatômicas do crânio em relação a funções do cérebro responsáveis por virtudes e falhas de caráter e, também, enfatizaram a possibilidade de transformação das atribuições cerebrais através da educação e do treino moral” (Arreguy, 2010, p. 1269).

Embora a Frenologia decorresse do empreendimento de ambos, a expressão *Frenologia* foi elaborada por Spurzheim que, inclusive, se afastou de Gall posteriormente. Para Arreguy (2010, p. 1269), o afastamento ocorreu por conta de algumas divergências: Gall debruçava-se sobre o então pressuposto da existência de aspectos malévolos, inerentes ao ser humano, enquanto Spurzheim “(...) deu uma visada mais popular para as pesquisas”.

A Frenologia propôs, portanto, que as faculdades morais e intelectuais eram inatas e o cérebro era compreendido enquanto a sede das faculdades morais e intelectuais, decorrentes das suas atividades. Dito de outra maneira, o cérebro foi descrito por eles como sendo um órgão da mente. Este era um dos pressupostos da Frenologia. Um segundo pressuposto sinalizava que a mente era formada por uma diversidade de faculdades inatas, entre intelectuais e afetivas, tais como localidade e amorosidade. A primeira foi concebida como sendo o senso de orientação enquanto a segunda refere-se ao impulso à procriação. Além destas, menciona-se a destrutividade, destreza, memória de palavras, linguagem, entre outras.

Deste modo, pensava-se que as faculdades intelectuais mais desenvolvidas correspondiam a regiões mais desenvolvidas no cérebro, sendo as últimas entendidas enquanto órgãos de tais faculdades. Sendo assim, “personas com determinados rasgos muy

acusados poseían cráneos com abultamientos sobre las zonas de los órganos cerebrales correspondientes a dichos rasgos débiles se correspondían con órganos cerebrales y craneales mens desarrollados” (Leahey, 2013, p. 185).

Na perspectiva da Frenologia, cada faculdade intelectual ou afetiva corresponde a uma região (órgão) específica do cérebro. Esta compreensão implica no pressuposto de que, em determinadas pessoas, algumas faculdades são mais desenvolvidas que em outras e, em decorrência disto, as primeiras, em comparação com as últimas, possuem mais tecidos cerebrais nas respectivas regiões. Por fim, a caixa craneana reproduz o formato do córtex cerebral. Sendo assim, investigava-se o crânio e as suas protuberâncias tendo por objetivo identificar as faculdades mentais mais acentuadas em uma pessoa. Desta forma, deduzia-se que alterações no formato do crânio correspondiam ao desenvolvimento acentuado de uma região cerebral que, por sua vez, implicava atividade intelectual ou afetiva mais desenvolvida que as demais (Gould, 2014).

Para Leahey (2013), a perspectiva de Gall apontava para duas direções distintas, uma científica e outra pseudocientífica. A primeira refere-se ao incentivo de tal perspectiva para fisiólogos que se voltam para a investigação sobre a localização das funções comportamentais no cérebro. As pesquisas desenvolvidas neste sentido foram prejudiciais ao sistema sugerido por Gall, pois demonstrou-se o contrário: *“se demostró erróneo que el tamaño del cerebro corresponde a la fuerza de la facultad y que las protuberancias del cráneo concuerdan con la forma del cerebro”* (p. 185). A outra direção, a pseudocientífica, consistiu na popularização da frenologia empreendida por Spurzheim, como foi dito acima.

Deste modo, a Frenologia recebeu críticas, das quais destacou-se aquela feita pelo filósofo francês Jean-Pierre-Marie Flourens (1794-1867). Flourens discordou de Gall defendendo a ideia de que o cérebro atua como unidade. Com isto, defendeu a não existência de órgãos especializados para as faculdades mentais. A seu ver o encéfalo é um órgão único, tendo o pensamento como única função; compreendendo que a alma é uma e reside nos hemisférios cerebrais, estes também deveriam representar uma unidade.

Divergindo dessas compreensões, White esboçou a própria compreensão em torno da cura de patologias, criticando a utilização da hipnose, a cura pelo descanso e a Frenologia. Sobre a hipnose, Ellen considerou que *“não é desígnio de Deus que nenhuma criatura humana submeta a mente e a vontade ao domínio de outra, tornando-se instrumento passivo em suas mãos”* (White, 1991, p. 345). Neste sentido, considerou que a hipnose seria um modo de Satanás agir e enganar as pessoas. Ellen também criticou a Frenologia, descrevendo-a como

uma “vã filosofia, se gloriando de coisas que não entendem, pressupondo um conhecimento de natureza humana que é falso” (White, comunicação pessoal, 12 de setembro de 1901). Em relação à cura pelo descanso, Ellen se opôs a tal prática por ter compreendido que, ao invés do descanso, a atividade física ou o envolvimento com o trabalho seriam fundamentais para a recuperação de pessoas acometidas de alguma doença. Em um dos artigos que publicou no *The Health Reformer*, lemos o seguinte:

Invalids should have out-door exercise. That class of invalids, who have made themselves such by sedentary habits, or constant mental labor, should have a change. It is bad counsel that tells these persons to refrain from physical exercise. The brain-weary ones should, in a great degree, let the mental powers rest, while they, and also those whose habits of life have been sedentary, should stir the physical energies. A part of the prescription for every such patient should be light physical labor, pleasant employment out of doors (White, 1868a, p.1).

Uma das propostas deste trabalho foi identificar como a Psicologia, a Medicina, entre outras áreas, chegaram até Ellen e como se deu o processo de divulgação delas por meio de seus escritos. Deste modo, o próximo capítulo contemplará esse debate, concentrando a investigação no campo da Psicologia e nos conceitos que hoje identificamos como sendo a ela pertencentes.

Ressalte-se que utilizaremos o jornal *Health Reformer (Good Health (America))*, [s.d.] por ter sido um dos periódicos que contou com a direção de James White, também fundador da IASD mas, principalmente, por consistir no periódico voltado para a população geral, a fim de conscientizá-la de como se obter melhor saúde por meio da mudança de hábitos entendidos enquanto danosos e prejudiciais.

Menciona-se, inicialmente, alguns dos posicionamentos em relação ao consumo de bebidas alcólicas, a crítica à ausência de atividade física na rotina da família, principalmente das crianças. Em muitas matérias deste jornal, Ellen criticou a educação oferecida às crianças, que se concentrava na atividade intelectual e menosprezava a atividade física.

Considerando que Ellen White destoava das mulheres de seu tempo, como aliás ocorria com as fundadoras das outras religiões mencionadas no início deste trabalho, nos questionamos sobre como Ellen pensava o papel da mulher, como ela entendia o papel da mulher na família, na religião etc. Isto é o que veremos no capítulo a seguir.

## 2 ENTRE A FAMÍLIA E A CIÊNCIA: AS MULHERES SEGUNDO ELLEN WHITE

O presente capítulo apresenta e discute artigos publicados por Ellen no periódico *Health Reformer*, durante as décadas de 1860 e 1870, bem como no *Good Health*, ao longo da década de 1880. Atribui-se ao *Health Reformer* o lugar de primeiro periódico de saúde publicado pelos Adventistas do Sétimo Dia, em Battle Creek, Michigan, circulando mensalmente. A princípio, era uma publicação não ilustrada e contava com pouco mais de uma dezena de páginas nas primeiras edições, e o valor cobrado pela assinatura anual era de um dólar. Este periódico foi publicado pelo *Western Health Reformer Institute*, tendo por objetivos divulgar o Instituto e orientar o público em geral sobre a prevenção e o tratamento de doenças, por meio da mudança de hábitos entendidos como danosos ou prejudiciais.

**Figura 3** – Imagem do *Western Health Reformer Institute*, em 1866.



Fonte: (Cameron & Rogers, 2015, p. 2)

O *Western Health Reformer Institute* foi uma instituição de saúde desenvolvida a partir dos princípios de saúde preconizados pela IASD, durante a segunda metade do século XIX, posteriormente conhecido como *Battle Creek Sanitarium*. O estabelecimento era sediado em Battle Creek, Michigan e sua inauguração ocorreu em 05 de setembro de 1866, tendo

entre seus primeiros diretores<sup>24</sup> John Norton Loughborough (1832 - 1924)<sup>25</sup>. Para que a instituição fosse inaugurada, seus idealizadores contaram com doções de recursos financeiros, feitas pelos próprios dirigentes e outras pessoas, membros da IASD local que foram visitadas por James White, Loughborough e Kellogg. A própria Ellen White doou 500 dólares para contribuir com os custos da instituição.

Ao ser inaugurado, o Instituto

Tinha ‘dois médicos, dois assistentes de banho, uma enfermeira (sem formação prévia), três ou quatro auxiliares, um paciente, alguma porção de transtornos e muita fé no futuro’. [...] Dois meses depois, Lay relatou que pacientes de nove diferentes estados e do Canadá estavam no instituto. Foi necessário alugar quartos adicionais na vizinhança para alojar os pacientes ambulatoriais (Schwarz & Greenleaf, 2009, p. 109).

Já neste período, portanto, os administradores planejavam a expansão do edifício e, novamente, empreendeu-se meios para a captação de recursos para esta finalidade, do mesmo modo que na fundação do Instituto. Apesar desta necessidade, comenta-se que Ellen White se opôs à ampliação do edifício, por conta de alguns receios que tinha: receava por um fracasso decorrente dessa acelerada expansão, além do que seu esposo e, também, diretor do estabelecimento, se encontrava enfermo pelo excesso de trabalho neste período, o que alguns comentadores classificaram como sendo depressão (Bonaci, 2017; Sepúlveda, 1998; White, 2015).

No entanto, em 1867 iniciou-se o processo de reconstrução que, subitamente, foi interrompido, pois “o conselho dos White prevaleceu, e os diretores desmancharam o que tinha sido feito e venderam os materiais de construção previamente adquiridos (Schwarz & Greenleaf, 2009, p. 110). Nessa época, embora com pouco mais de um ano de inauguração, o Instituto começou a enfrentar uma crise, pela falta de pessoal médico para administrar os

---

<sup>24</sup> Os demais dirigentes da Instituição em seu período de surgimento foram James White (1821-1881) e John Harvey Kellogg (1852-1943), que foi o primeiro diretor se destacou pelo tempo de gestão do Instituto (de 1873 a 1943), bem como por sua trajetória profissional

<sup>25</sup> Loughborough era natural de Nova Iorque, tornou-se pintor durante a juventude e, aos 17 anos de idade, tornou-se um pregador tendo como principal tema a segunda vinda de Cristo, tornando-se um dos pioneiros da IASD. Contribuiu com a expansão do adventismo atuando em diferentes Estados como Michigan, Ohio, Califórnia. Outra de suas contribuições foram as publicações de artigos em periódicos, bem como de obras sobre a história da IASD, das quais destacam-se “The great second advent movement: its rise and progress” (Loughborough, 1909b) e (Loughborough, 1873).

cuidados a 300 pacientes. Após três anos de funcionamento, o Instituto tinha uma dívida de 13 mil dólares e, entre outras causas, atribuiu-se isto ao fato de aceitarem pacientes membros da IASD pela metade do valor cobrado aos demais pacientes não adventistas. O fim desse período de crise veio com a eleição de James White para o cargo de presidente do Instituto, na década de 1870, o que contou também com o apoio de outros colaboradores, dentre os quais o Dr. Kellogg, que será apresentado mais adiante, neste capítulo.

Nessa década, foi dado início à construção de uma estrutura conhecida como *Old Main*, uma tentativa de expansão do espaço físico do Instituto. Essa estrutura passou por mudanças em sua forma ao longo da década de 1880 até que, em 1902, foi finalizada com 5 andares e ampliada. Na década de 1920, passou por nova expansão elevando-se para 14 andares e totalizando, em média, 264 quartos.

#### **Figura 4 – John Norton Loughborough**



Fonte: (Schwarz & Greenleaf, 2009, p. 85)

O periódico *Health Reformer*, publicado pelo *Western Health Reformer Institute* e também seguindo os princípios de saúde da IASD, buscava

To do all that lies in our power to instruct and benefit the people in relation to the right method of living; and if we did not also expect the hearty co-operation of those who have the health and well-being of the people at heart. It shall be our great object to lay before our readers facts of vital importance in relation to the health reform, and aim to instruct the people how to avoid sickness, or if sick, how to regain their health, and that without poisons. It shall be our constant aim to make the *Health Reformer* worthy

the patronage of an intelligent and candid public. Its contributors will be persons of experience, and of high mental and moral attainments. Its selections will be of the choicest kind (Lay, 1866, p. 8).

A revista teve como seu primeiro editor o médico Dr. Horatio S. Lay (1828-1900)<sup>26</sup> e sua primeira edição foi publicada em 01/08/1866. No decorrer das edições, artigos comentavam que a saúde física e mental seria resultado da ingestão adequada de água, da abstenção do álcool, do chá e do fumo etc. Além disto, o periódico recomendava uma dieta que excluía o consumo de carne, bem como de manteiga, sal e açúcar, entendidos como prejudiciais. Entre as recomendações acrescentava-se a preferência por duas refeições ao dia, para que houvesse o repouso do aparelho digestivo, o que não ocorreria com refeições frequentes, pouco espaçadas ao longo do dia (Andrews, 1866; Lay, 1866; Matteson, 1866).

Segundo Ellen White, o *Health Reformer* foi

O meio através do qual os raios de luz devem brilhar sobre o povo. Ele deve ser a melhor publicação do nosso país. Precisa ser adaptado às necessidades do povo comum, pronto para responder a questões próprias, explicar plenamente os princípios elementares das leis da vida e ensinar como obedecer-lhes e preservar a saúde (White, 1999, p. 553 conforme citado em Douglass, 2003, p. 304).

Os anos iniciais do então *Health Reformer* foram marcados por algumas dificuldades, dentre as quais o pequeno número de assinantes e a escassez de médicos para a escrita dos artigos. Isto levou a que o Dr. Lay tivesse “de contar principalmente com ministros adventistas em busca de matéria jornalística” (Schwarz & Greenleaf, 2009, p. 108). Sendo assim, os artigos publicados, inicialmente, discorreram sobre temas religiosos onde se utilizava trechos da Bíblia, bem como experiências religiosas vividas pelos autores.

Na década de 1870, o periódico enfrentou uma nova escassez de assinaturas por conta da sua proposta radical de reforma de saúde. Este movimento de reforma de saúde envolvia o abandono do consumo de carne, de café, do chá etc., como já dissemos. Apesar disso, entre os leitores do *Good Health*,

---

<sup>26</sup> Dr. Lay foi um médico adventista tido como pioneiro e redator do *Health Reformer*, e também esteve atuando na direção do *Western Health Reformer Institute*, em 1866 (Douglass, 2003b).

Muitos haviam atendido ao chamado para abandonar a carne, o chá, café e fumo, mas vivendo onde as frutas não eram abundantes e apenas algumas verduras estavam disponíveis na maior parte do ano, eles não se entusiasmaram com os limites adicionais à sua dieta (Schwarz & Greenleaf, 2009, p. 112).

Ao que parece, o radicalismo do *Health Reformer* em relação à dieta gerou uma nova queda de assinaturas. Buscando reverter esse quadro, James White assumiu a direção do *Health Reformer* em 1871, adotando uma posição mais moderada em relação à dieta. No entanto, por estar envolvido com a disseminação da IASD, abandonou a direção do *Health Reformer* em 1874.

Na década de 1870 o *Health Reformer* passou por mudanças, a começar pela direção, sendo então editado pelo Dr. John Harvey Kellogg (1852-1943)<sup>27</sup> a partir de 1874. Ainda nessa década, o periódico aumentou o número de páginas, chegando a 32, preservando o valor inicial cobrado pelas assinaturas. Em 1879 o *Health Reformer* teve o seu nome modificado para *Good Health* e esta alteração, durante o período em que Dr. Kellogg editava o periódico, ocorreu como um desdobramento da compreensão de que “as pessoas não mais se afeiçoariam amavelmente à ideia de ‘reformular’ sua saúde; elas estavam dispostas a ‘melhorá-la’. Um periódico como *Boa Saúde* era mais suscetível de ser lido. Logo ele tinha 20 mil assinantes” (Schwarz & Greenleaf, 2009, p. 113). Dr. Kellogg permaneceu como diretor do *Good Health* até 1943, apesar de ter se distanciado da IASD em 1906.

---

<sup>27</sup> Dr. Kellogg era natural de Michigan e, durante a infância, mudou-se com a família para Battle Creek, onde conheceram a IASD e tornaram-se membros desta igreja. Kellogg se destacou pelas invenções ao longo da sua trajetória, geralmente destinadas aos pacientes do *Western Health Reformer Institute*. Deste modo atribui-se a ele o pioneirismo no desenvolvimento de produtos alimentícios saudáveis, que têm em sua composição nozes e vegetais, que deveriam constar, a seu ver, na dieta dos pacientes internados nessa Instituição. Uma das invenções mais conhecidas foi o cereal matinal Kellogg's, que até hoje é comercializado, nos Estados Unidos e em outros países como o Brasil (Cameron & Rogers, 2015; Douglass, 2003b; Schwarz & Greenleaf, 2009).

**Figura 5** – Dr. John Harvey Kellogg



Fonte: (Schwarz & Greenleaf, 2009, p. 111)

No final do século XIX o periódico passou a publicar artigos ilustrados, despertando mais interesse da população, resultando na circulação de 54.264 cópias em 1883. Ressalte-se ainda que o periódico contou com 4000 assinantes identificados como não adventistas e foi comercializado até 1953.

Ellen White escreveu 74 artigos para o *Health Reformer* e 10 artigos para o *The Good Health*, de 1866 a 1889. Após leitura dos artigos, conforme descrito na Introdução, nós os categorizamos nas seguintes categorias: controle alimentar, degeneração, educação familiar, equilíbrio físico e mental, faculdades intelectuais, hereditariedade e saúde mental. Neste capítulo, vamos nos deter sobre as categorias “controle alimentar”, “equilíbrio físico e mental”, “faculdades intelectuais”, “saúde mental”, “educação familiar” e “hereditariedade” que indicam a visão de Ellen sobre a mulher.

Entretanto, é mister apontar que Ellen tratava de vários assuntos em cada um de seus textos, nossa categorização baseando-se no que apontava como mais presente. Assim, por exemplo, um dos artigos recebeu por título “*Homes duties of the father*” (White, 1877<sup>a</sup>, p. 300). Nele, Ellen discorreu sobre a responsabilidade dos pais no lidar com o desenvolvimento dos filhos, procurando alertá-los de que crianças devem ser ensinadas a ter autocontrole, de modo que consigam conter as próprias paixões. Com este intuito, recomendou que a educação das crianças não fosse fundamentada em punições, mas a partir de uma perspectiva religiosa e, também, através do exemplo prestado pelos próprios pais. Deste modo, estes deveriam abster-se de álcool, do fumo pois, para Ellen, eram incapacitantes ou, ainda, apetites

perversos que impediriam o cérebro de discriminar e, com isto, os pais não estariam em condições de educarem os filhos. Ellen conclui estas recomendações mencionando que, os pais que não se abstêm desses hábitos, terminam por perder a dignidade diante dos filhos (White, 1877a).

No decorrer dos artigos no *Health Reformer*, Ellen discorreu sobre a atuação da mulher exclusivamente no contexto familiar e, nestes artigos, considerou o modo como deveriam lidar com os filhos, com os cuidados atribuídos à infância (proteção, desenvolvimento das faculdades mentais, cuidados com a saúde física e mental etc.), tendo em vista ser esta uma fase de preparação ou formação do futuro adulto (White, 1877a).

Ellen concentrou-se no tema da educação dos filhos e como os pais poderiam atuar nesse processo, de modo que os infantes não desenvolvessem tendências compreendidas por ela como prejudiciais. Ressalte-se que Ellen desenvolveu outra discussão em torno da utilização do álcool e do cigarro. A seu ver, o tabaco paralisaria os nervos. Entretanto, enfatizou o impacto destes sobre os pais, como isto repercutiria na educação dos filhos e, deste modo, compreendemos que a categoria correspondente a este artigo fosse “Educação Familiar” e fizemos esta identificação na tabela (White, 1877c).

Entre os temas abordados por Ellen na categoria “Educação Familiar” encontram-se a atividade física, o uso do que hoje denominamos “fármacos”, a moda, a saúde mental, entre outros. Uma análise destes artigos possibilitou-nos perceber o quanto Ellen teceu relações entre os diferentes temas, principalmente por ter a infância como tema frequente nos artigos publicados no *Health Reformer* e no *Good Health*.

Ellen se referia à infância enquanto um período da vida onde o caráter e os hábitos são formados, de modo que repercutirão em toda a vida adulta e, a seu ver, a mulher(mãe) atuaria diretamente nesse processo de formação do caráter, contribuindo para o desenvolvimento de hábitos entendidos como saudáveis. Dentre estes, menciona a boa alimentação, ter um sono de qualidade, além de desenvolver o hábito da prática de atividade física. Neste sentido, as mulheres (mães) também teriam por responsabilidade ensinar os filhos a como lidar com as frustrações, como desenvolver autocontrole etc.

Este “zelo” pela infância deriva de acontecimentos anteriores ao século XIX na Europa mas cujas consequências se fizeram sentir também nos Estados Unidos. A infância passou a ser separada dos adultos no século XVII por ocasião da redução da taxa de mortalidade infantil e o surgimento de padres reformadores voltados para a preservação da inocência e da racionalidade atribuídas a essa etapa da vida (Ariès, 2014a). Esses

acontecimentos levaram à criação dos internatos, com o fito de prevenir os infantes da “poluição” decorrente da convivência com os adultos. Supondo a inocência em função da idade de modo invertido, organizou-se classes diferenciadas por idade e instalou-se o castigo como correção de qualquer desvio da pureza infantil.

Simultaneamente – e em decorrência - a esses acontecimentos, a família passou por mudanças. De instituição transmissora de linhagens de parentesco tornou-se um local para a “gestação de sentimentos” (A. A. L. Ferreira, 2013, p. 37). A residência, que antes era um espaço uniforme, cujos cômodos não eram divididos, passou a ser organizada em quartos, cômodos bem determinados. Ainda no século XIX, destacam-se dois acontecimentos influentes sobre a compreensão da infância:

Por um lado, o advento da Revolução Industrial e o ajustamento a novas demandas impõem um ensino de cunho mais técnico que moral. De igual modo, o ensino laico se instaura como tarefa do Estado. Ainda que o modelo de ensino religioso perseverasse, outros modelos mais atinentes à ciência laica se impunham. Mudanças sutis com relação à imagem da infância e às metas do ensino são a partir daí engendradas: a pureza como essência original da criança e alvo da educação desaparece do horizonte. Desponta uma nova infância preconizada por Jean Jacques Rousseau (1712-1778); sem racionalismo moral suposto pelos religiosos reformadores, mas marcada pelo primitivismo e por uma evolução a se concluir na idade adulta. Evolução natural, mas que supõe a constante correção de seu trajeto na direção do adulto cidadão e trabalhador (Ferreira, 2013, p. 37).

Este debate em torno da infância e as mudanças no modo de lidar com este “público” também foram acompanhados por outras discussões no decorrer do século XIX, que tiveram as mulheres por objeto, responsabilizando-as pelo cuidado e pelo fornecimento dos meios necessários para o desenvolvimento dos filhos.

Na medicina, em finais do século XIX e começo do século XX, houve debate sobre as diferenças entre os sexos a partir da anatomia e, por meio das reflexões em torno das estruturas corporais, determinava-se as funções sociais para os sexos. Nesse período, os médicos estavam debruçados no esquadrinhamento da mulher, alvo principal desses especialistas. Para os médicos, a mulher, por ter um crânio e esqueleto menores em relação ao homem, era mais fraca fisicamente e, intelectualmente, inferior. O fato de o crânio ser menor

não implicava somente nessa questão de inferioridade, mas representava uma limitação intelectual da mulher. Neste sentido,

As diferenças existentes nas pernas e quadris fariam com que a mulher tivesse mais dificuldade para a locomoção e se cansasse mais rápido, todavia, seu corpo seria mais flexível para suportar as mudanças pelas quais ela passa nas diversas fases de sua vida, que seriam relativas às tarefas reprodutivas, sua destinação natural (Messias, 2013, p. 55).

Ainda nessa perspectiva da medicina da época, a partir das características femininas já consideradas, associava-se as mulheres ao contato com a natureza, sobretudo a maternidade, pois o homem, compreendido como o detentor do raciocínio e da força física, dadas as suas características físicas, dentre as quais a musculatura mais desenvolvida, fora destinado aos trabalhos de modificação da sociedade, bem como às ciências e à política.

Portanto, a constituição anatômica da mulher era utilizada como justificativa médica para pressupor uma inferioridade intelectual e física em relação aos homens e, sendo assim, a mulher não deveria empenhar-se em outras atividades que não a maternidade e o cuidado dos filhos. Além disso, a dedicação aos estudos poderia causar desvios nas energias que promoveriam a maturidade do aparelho reprodutivo da mulher.

A mulher teve a sua atuação desvalorizada em outros espaços, ou quando voltada para outra atividade que não essa básica, a maternidade. Por esta ótica, entende-se que, a limitação feminina ao papel de procriação, também seria estendida à criação e educação dos filhos, não devendo ser permitido que outras atividades (como o exercício de uma dada profissão) interferissem nessas responsabilidades.

Como uma reação a esta perspectiva, o feminismo emergiu na França, na década de 1840, tendo como finalidade “a igualdade entre os sexos no que diz respeito aos direitos civis e políticos. Expandiu-se rapidamente pela Europa, principalmente Inglaterra e Estados Unidos e, posteriormente, para o restante do mundo ocidental” (Messias, 2013, p. 72).

Foi em meio a esses debates que Ellen White publicou os artigos, representando o pensamento médico e cultural de sua época, concentrando-se na infância, na família e o modo como as mulheres atuariam nesse contexto. Neste sentido, Ellen teceu relações com outros temas, que identificamos como sendo o controle alimentar, o equilíbrio físico e mental, a

saúde mental, as faculdades intelectuais, a hereditariedade e, por fim, a educação familiar, como veremos a seguir.

## 2.1 Controle alimentar

O primeiro tema que selecionamos foi o “Controle alimentar” e, neste caso, verificamos que Ellen o identificou como uma tarefa a ser desempenhada pelos pais, sobretudo pela mãe, no lidar com os filhos. Dos 84 artigos publicados nos periódicos mencionados, Ellen discorreu sobre este assunto em 12.

Destaque-se que Ellen se concentrou em outras discussões ao longo das suas publicações sobre alimentação. Em um dos artigos, por exemplo, discorreu sobre a existência de uma interação direta entre alimentação e percepção, de modo que a primeira interfere na segunda (White, 1877b).

Ellen foi enfática sobre o controle alimentar ser responsabilidade materna ao longo de cinco artigos, sendo estes localizados em ambos os periódicos (White, 1870, 1872, 1877b, 1877c; White, 1880). No entanto, no *Good Health*, Ellen debruçou-se sobre o tema da educação familiar que envolvia a formação do caráter dos filhos e como isto deveria ser realizado pela mãe.

Sendo assim, no que tange ao controle alimentar, Ellen se opôs a uma dieta onde ocorra o consumo de especiarias (carne, gorduras e tempero, bolo etc.) pois sobrecarregariam o estômago ocasionando um mal funcionamento da capacidade de discernimento, enquanto as paixões se tornariam soberanas neste caso. Por isto, os classificou como sendo alimentos estimulantes e, em decorrência, criticou uma mãe que alimentava o filho com os alimentos listados acima. Esta criança, segundo Ellen, era doentia e irritável em consequência da alimentação “inadequada” que, além do que já foi dito, tornava a criança egoísta pela satisfação das próprias paixões e pelo despertar de desejos anormais no estômago, - pois tais alimentos eram estimulantes e, portanto, causavam desordem no organismo, resultando em desejos anormais e apetites desordenados (White, 1870, 1877b, 1877c).

Deste modo, os pais (principalmente a mãe), deveriam ensinar aos filhos a não consumirem tais alimentos e, para isto,

The wife should have culture of mind and manners that she may be qualified to rightly train the children that may be given her. [...] And first, the mother needs to strictly discipline and cultivate all the faculties and affections of the mind and heart, that she may not have a distorted or one-sided character, and leave the marks of her deficiency or eccentricity upon her offspring [...] The mother needs the most perfect selfcontrol; and in order to secure this she should take all precautions against any physical or mental disorder. Her life should be ordered according to the laws of God and of health. As the diet materially affects the mind and disposition, she should be very careful in that particular, eating that which is nourishing but not stimulating, that her nerves, may be calm and her temper equable. [...] the first lesson to be taught them is self-control [...] (White, 1877c, p. 138)

Deste modo, o controle sobre a alimentação dos filhos, bem como a sua educação concentravam-se sobre a figura materna. Há de se ter o cuidado consigo mesma nesse processo, para que a mãe seja uma reforçadora desses comportamentos, cumprindo exatamente o que exige dos filhos, principalmente em se tratando de alimentação, compreendida como uma tendência herdada dos pais.

No *Good Health*, no artigo “Influence of Woman” (White, 1880b, p. 174-175), há uma descrição do papel feminino no lar. Observamos que Ellen se referiu a este assunto considerando-o, também, a partir da religião que partilhava. Reforçando a citação anterior publicada na *Health Reformer*, para Ellen a mulher

May elevate her own character, and just as she does this she is elevating and ennobling the characters of her family, and exerting a powerful though unconscious influence upon others around her. Why should not women cultivate the intellect? Why should they not answer the purpose of God in their existence? Why may they not understand their own powers, and realizing that these powers are given of God, strive to make use of them to the fullest extent in doing good to others, in advancing the work of reform, of truth and real goodness, in the world? Satan knows that women have a power of influence for good or for evil ; therefore he seeks to enlist them in his cause. He invents multitudinous fashions, and tempts the women of the present day, as he did Eve to pluck and eat, to adopt and practice these ever-changing, neversatisfying modes [...] (White, 1880b, p. 175)

Este assunto, a alimentação, imiscui-se com a perspectiva religiosa de Ellen, enquanto fundadora e membro da IASD. Por este motivo, optamos por apresentar, abaixo, como este assunto é desenvolvido por esta denominação e, com isto, contextualizar o que estamos aqui apresentando, pois a alimentação é um dos traços distintivos da IASD, quando comparada com outras denominações (Bonaci, 2017).

Para a IASD, a dieta vegetariana é a mais adequada, apesar de não constar como um dos seus pilares doutrinários. No entanto, o não consumo de bebidas alcoólicas, de carnes de origem suína e de frutos do mar é uma prática distintiva e doutrinária desta denominação. A respeito do consumo de carne, a IASD segue as recomendações dietéticas contidas no livro de Levíticos, sobretudo no capítulo 11, em que os animais, como um todo, são categorizados em puros e imundos. Em relação aos animais “terrestres”, são considerados puros e próprios para consumo os que possuem unhas fendidas e ruminam. Ressalte-se que, para a IASD, as duas são características obrigatórias e a ausência de uma destas indica que o animal é impróprio para consumo. Deste modo, a carne bovina, por exemplo, é considerada como apropriada para o consumo, pois o boi rumina e tem as unhas fendidas. Por outro lado, o coelho, apesar de ruminante, não possui a unha fendida; então é tido como impróprio para o consumo. O porco, por sua vez, tem unhas fendidas, mas não rumina e, sendo assim, também é tido como impróprio para o consumo.

Na obra “Nisto cremos” (*Nisto cremos {livro eletrônico}: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, 2017), lê-se o seguinte:

Por natureza, os animais imundos não constituem o melhor alimento. Muitos são tanto removedores de dejetos quanto predadores – desde o leão e o porco até o abutre e os peixes do tipo sugador, que habitam regiões profundas. Em vista de seus hábitos, é mais provável que sejam portadores de doenças (p. 376).

Em relação aos animais marinhos, têm-se outras características consideradas imprescindíveis para o consumo: a presença de escamas e barbatanas. Da mesma forma que em relação aos animais terrestres, somente os que possuem essas duas características são tidos como próprios para consumo. Ressalte-se que nem todos os peixes possuem ambas as características, o que os desqualifica para o consumo, como ocorre com o peixe conhecido como “cação”. Utilizando-se desse critério, considera-se não recomendável o consumo de frutos do mar por estes não possuírem as duas ou nenhuma das características acima.

Ainda com base em Levíticos 11, consideram-se inapropriadas para consumo as “aves de rapina”. Por esta ótica, os gaviões, a águia, o urubu etc. não devem ser consumidos. Já o peru, o frango, as codornas e o pato, por exemplo, são classificados como apropriados para consumo. Ainda com base nesse livro também se rejeitam os répteis e os anfíbios como alimento. Por fim, identificam-se também nos insetos algumas características discriminantes e determinantes para o consumo: “De todos os insetos que caminham sobre quatro pés, não podereis comer a não ser os seguintes: aqueles que tem patas além dos pés, para saltarem sobre a terra” (Levíticos capítulo 11, versículo 21). Deste modo, o grilo e o gafanhoto ilustram os insetos tidos como apropriados para o consumo.

A IASD tem um manual onde se encontram orientações que são adotadas por suas lideranças para lidar com diferentes questões, como as em que os membros infringem doutrinas. Neste manual, também se encontram observações a respeito da alimentação a ser adotada pelos membros desta denominação. Uma dessas observações refere-se ao consumo de bebidas alcóolicas que são mencionadas junto ao cigarro, o que pode representar a ideia de ser considerada, por esta denominação, uma droga ilícita:

Sendo o nosso corpo templo do Espírito Santo, devemos cuidar dele inteligentemente. Junto com adequado exercício e repouso, devemos adotar a alimentação mais saudável possível e abster-nos dos alimentos imundos identificados nas Escrituras. Visto que bebidas alcóolicas, o fumo e o uso irresponsável de medicamentos narcóticos são prejudiciais ao nosso corpo, também devemos abster-nos dessas coisas. Em vez disso, devemos empenhar-nos em tudo que submeta nossos pensamentos e nosso corpo à disciplina de Cristo, o qual deseja a nossa integridade, alegria e bem-estar (Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2016, p. 174).

Na citada obra “Nisto cremos” (*Nisto cremos {livro eletrônico}: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2017*), está presente a ideia de que as bebidas alcóolicas interferem na comunicação do homem com Deus. Segundo esta obra, tal comunicação ocorre na mente e, o álcool,

Afeta adversamente todas as funções mentais. À medida que o nível do álcool do organismo se eleva, o usuário da bebida avança através dos estágios de perda de coordenação, confusão mental, desorientação, estupor, anestesia, coma e morte. O uso

regular de bebidas alcóolicas conduzirá por fim à perda de memória, julgamento e capacidade de aprendizado ((Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2016, p. 346).

Um dos votos batismais, ou o termo de compromisso com a denominação, implica em não consumir bebidas alcóolicas e, também, não comercializá-las ou, ainda, fabricá-las. O não cumprimento deste princípio culmina em um procedimento conhecido como “disciplina”, em que o membro é temporariamente afastado das funções administrativas ou dos cargos que exerce na denominação mas, em nenhum momento, é impedido de frequentar a IASD.

A disciplina tem por intuito demonstrar um posicionamento da IASD em relação ao comportamento não condizente e ofensivo aos princípios que preza. Este conceito pode ser melhor compreendido a partir da categorização da disciplina. Na IASD, a disciplina é aplicada de duas maneiras: por voto de censura ou por um voto de remoção da qualidade de membro da igreja. O voto de censura ocorre quando a ofensa não é considerada grave O propósito da censura é possibilitar à igreja demonstrar desaprovação à ofensa por parte de algum membro e, também, pressionar outros membros que estejam em desacordo com as doutrinas a se “ajustarem”.

Um voto de censura é tomado por um período definido de no mínimo um mês e no máximo doze meses. Tal voto anula a eleição ou indicação do membro faltoso para todos os cargos e o priva do privilégio de ser eleito durante o período de vigência da censura. Os membros sob censura não têm o direito de participar, nem por voz nem por voto, dos assuntos administrativos ou de liderar atividades da igreja, tais como ensinar em uma classe de Escola Sabatina, et. Não serão, porém, privados do privilégio de tomar parte das bênçãos da Escola Sabatina, dos cultos ou da cerimônia da comunhão. Não poderão ser feitas transferências durante o período de censura (Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2016, p. 65)

Após o período de censura é feita uma avaliação sobre a conduta do membro - se, em disciplina, teve uma conduta satisfatória. Em caso positivo, serão devolvidos ao membro os privilégios anteriormente suspensos. Por outro lado, se a conduta não for satisfatória, a igreja local deverá atribuir-lhe a disciplina apropriada, no caso, a remoção.

Por fim, a disciplina por remoção da condição de membro é tida como a disciplina final a ser empreendida pela denominação e isto ocorre somente depois de “terem sido feitos todos os esforços para conquistá-lo” (p. 65). Isto é, quando o membro em disciplina, categoricamente, não demonstra estar em acordo com as doutrinas e práticas da IASD, mesmo após passar pelas sanções disciplinares e refletir sobre sua situação. Compreende-se, pois, que a visão de Ellen White a respeito dos cuidados com a alimentação situa-se dentro dos postulados da IASD.

## 2.2 Equilíbrio físico e mental, faculdades intelectuais e saúde mental

Os temas deste tópico envolvem debates que também serão contemplados em um capítulo posterior, pois se referem a artigos onde Ellen discutiu assuntos que entendemos como sendo do campo da psicologia. Incluímos aqui os artigos intitulados “*Words to christian mothers. On the subject life, and hapiness*” (White, 1871b), “*Words to Christian Mothers. On the subject of life, health, and happiness – No 4*” (White, 1871d), entre outros artigos destinados às discussões sobre o papel das mulher na família ou, ainda, que realizavam recomendações às mães em relação ao desenvolvimento físico e mental dos filhos. A partir isto, optamos por relacionar este tema a outros dois, faculdades intelectuais e saúde mental, tendo em vista que, no decorrer dos artigos investigados, observamos o quanto estes temas encontram-se vinculados.

Frequentemente Ellen se referia à infância em seus artigos e, então, discorria sobre como os pais, sobretudo a mãe, deveria atuar na educação dos filhos durante esta etapa da vida. Verificamos que esta discussão tinha por referência o conceito de saúde que, segundo Ellen, envolve o equilíbrio entre os âmbitos físico e o mental, observados, por exemplo, a partir da prática de atividades mentais e físicas, da circulação sanguínea, da moda, da utilização equilibrada de medicamentos etc. Chamou-nos a atenção em como estes assuntos foram relacionados ao ensino das crianças, ou seja, os pais deveriam orientar os filhos sobre estes temas e, para tal, a mãe assumiria o protagonismo deste processo, (White, 1871b, 1872c).

A importância do ensino das crianças está muito bem expressa no seguinte texto:

It is important in the education and moral training of children and youth, to the formation of characters on which depend their own happiness and the happiness of those with whom they associate, that they are taught to cultivate habits of self-denial and a love to do good to Other [...] Idleness is sin in the wealthy as well as in those who are poor. [...] Its impossible for us to enjoy health without labor. All the faculties should be called into use in order to be properly developed, and that men and women may have well-balanced mind. (White, 1873c, p. 220)

Neste artigo, Ellen discorreu sobre a educação familiar das crianças, que deveriam ser motivadas pela mãe a desenvolverem hábitos de renúncia dos próprios prazeres/desejos para que se tornassem pessoas com boa constituição moral e felizes; além disso, também devia ser ensinada a inseparabilidade entre o trabalho e a saúde, Ellen chegando a afirmar ser impossível a segunda sem o primeiro (White, 1873c, p. 220).

O trabalho contribui, portanto, com o desenvolvimento intelectual e moral dos filhos (White, 1873c). A falta de ocupação mental e a falta de atividade física, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento de hábitos de indolência e vícios. Por este motivo, as crianças deveriam ser ensinadas pela mãe a voltarem-se para a atividade física, pois esta equilibra o funcionamento da mente e promove o desenvolvimento do intelecto. Ressalte-se que atividade física, para Ellen, consistia em outras formas de lidar com o corpo além da prática de esportes, como atualmente compreendemos. Por meio da “atividade física”, Ellen se referia aos trabalhos domésticos, ao contato com a natureza, caminhadas em bosques etc. Por este motivo criticou, também, escolas onde as crianças eram confinadas por horas numa sala. Ao contrário disto, sustentou que as escolas deveriam ter disciplinas sobre o trabalho doméstico e não se concentrarem em atividades intelectuais somente, para que houvesse o equilíbrio entre o físico e o mental ao longo do desenvolvimento. Este interesse pelo trabalho, também reconhecido como atividade física por Ellen, está bem expresso abaixo:

I have been led to inquire, must all that is valuable in our youth be sacrificed, in order that they may obtain an education at the schools? The constant strain upon the brain, while the muscles are inactive, enfeebles the nerves, and students have an almost uncontrollable desire for change and exciting amusements. After confinement to study several hours each day, they are, when released, nearly wild. Some have never been controlled at home. They have been left to follow inclination, and the restraint of the

hours of study is, they think, a severe tax upon them; and not having anything to do after study hours, they are tempted to engage in mischief, for change. Their influence over other students is demoralizing. Those students who have had the benefits of religious teaching at home, and who are ignorant of the vices of society, frequently become the best acquainted with those whose minds have been cast in an inferior mold, and whose advantages for mental culture and religious training have been very limited. And they are in danger, by mingling in the society of this class, and in breathing an atmosphere that is not elevating, but tending to lower and degrade the morals, of sinking to the same low level as their companions. It is the delight of a large class of students, in their unemployed hours, to have a "scrape." And very many of the young who leave their homes innocent and pure, by associations at school, become corrupted. If there had been agricultural and manufacturing establishments in connection with our schools, and competent teachers had been employed to educate the youth in the different branches of study and labor, devoting a portion of each day to mental improvement, and a portion of the day to physical labor, there would now be a more elevated class of youth to come upon the stage of action, to have influence in molding Society. For young men, there should be establishments where they could learn different trades, which would bring into exercise their muscles as well as their mental power [...] (White, 1873d, p. 280)

Outra preocupação de Ellen era a adesão à moda da época, cujo interesse era intensamente atacado por ela, pois seguir a moda visava a satisfação dos próprios desejos. A seu ver, a moda desencadeia doenças decorrentes do vestuário e dos penteados utilizados principalmente pelas meninas. Neste contexto, os espartilhos foram criticados por Ellen por dificultarem a circulação sanguínea, por pressionarem a cintura das meninas e, conseqüentemente, também causarem um calor não natural nos rins, que, forçadamente, alteravam o seu funcionamento (White, 1871d).

Como destacou em um dos artigos,

The corsets which are again being generally worn to compress the waist is one of the most serious features in woman's dress. Health and life are being sacrificed to carry out: a fashion that is devoid of real beauty and comfort. The compression of the waist weakens the muscles of the respiratory organs. It hinders the process of digestion. The

heart, liver, lungs, spleen, and stomach, are crowded into a small compass, not allowing room for the healthful action of these organs. (White, 1871c, p. 156)

Entretanto, os espartilhos não eram as únicas ameaças à saúde física e mental das crianças. Ellen também criticou o modo como as crianças eram trajadas. Fomos, neste momento, surpreendidos com outras críticas feitas ao vestuário. Em um dos artigos, relacionou a morte de crianças às roupas que utilizavam, por estas não cobrirem todos os membros, como braços e pernas, então frequentemente expostos. Isto resultaria na concentração sanguínea nos órgãos mais internos, gerando sua sobrecarga e congestionamento. Por esta perspectiva há uma dificuldade de circulação nas regiões descobertas, o sangue então retornaria para o coração e isto causaria congestão no cérebro e nos pulmões (White, 1872a).

Outro aspecto sinalizado por Ellen refere-se ao penteado feminino da época ou, pelo menos, o que a moda estabeleceu como sendo ideal. Ellen mencionou a utilização de tranças, que foi se tornando muito comum em finais do século XIX. Porém, ressaltou que este penteado prejudicava o funcionamento cerebral, gerando um enfraquecimento na moral. O penteado mencionado aquece a região do crânio, causando uma excitação dos nervos localizados no cérebro. Deste modo há uma concentração sanguínea no cérebro, resultando em uma congestão deste. Ou, em suas próprias palavras:

Fashion binds upon the heads of women needless appendages. It requires them to sacrifice the natural form and beauty of the head for artificial deformity. These have a direct tendency to induce blood to the brain, because overheated by artificial braids of hair, cotton, or jute. In order to conform to fashion's standard,' the limbs are left nearly naked, with merely one thickness of woolen or cotton. When the air circulates about these unprotected limbs, the blood is driven from the extremities to the internal and more vital organs of the body. The result is congestion, to a greater or less extent, of these organs. It is painful to reflecting minds to thus see innocent children, as well as those of mature age, dressed like victims for sacrifice, in order to make a display. Women do not properly clothe their limbs, because it is not fashionable. For want of coverings, the blood is chilled back from the extremities, and the extra covering over the base of the brain attracts the blood to the head, and congestion of the brain is the result. The panniers, and extra coverings in overskirts worn over the sensitive organs

of the back, induce heat, and cause inflammation. The walk of females thus dressed is awkward and painful. The limbs, which should have even more coverings than any other portions of the body, because farthest from the center of circulation, are chilled, because not suitably protected. These organs are robbed of their due proportion of blood, therefore cannot be properly nourished, and the result is, the almost universally slender, undeveloped limbs [...] (White, 1874, p. 75)

Diante das supostas ameaças à saúde das crianças, Ellen sinalizava, então, para a responsabilidade materna de orientar os filhos sobre o próprio corpo por meio do ensino de fisiologia e de anatomia. A aprendizagem sobre estes assuntos deveria ser reforçada nas escolas, de modo que a criança compreendesse o funcionamento do próprio corpo, bem como dos riscos associados a má utilização de roupas bem como sobre as próprias capacidades físicas e mentais. Vemos, pois, que Ellen se opunha a um desenvolvimento desigual entre o físico e mental (White, 1871b).

O papel da mulher é, portanto, fundamental. Ellen mencionou a moda/costumes da época enquanto ameaças, atribuindo-lhes a deterioração do caráter dos filhos. Uma das críticas de Ellen ao vestuário feminino da época, dirigia-se ao uso comum pelas meninas, de utilizarem vestidos com uma argola (espartilhos) à altura da cintura, que pressionava a região prejudicando a circulação sanguínea e, quando isso ocorria, outras regiões do corpo não eram devidamente oxigenadas e exigia-se mais do coração para bombear o sangue pelo corpo. Entre as regiões afetados com baixa oxigenação, estava o crânio e um dos efeitos deste quadro segundo Ellen, era o mal funcionamento do cérebro, que impactava na capacidade de discernimento, (White, 1880a).

Surpreendeu-nos a forma como Ellen se referiu à moda da época no *Health Reformer*, em 01/01/1873, quando a comparou a uma forma de suicídio e, por isto, reforçou que os pais (não somente a mãe), deveriam orientar os filhos em como preservar a saúde física, mental e moral desde o nascimento, afirmando que a moda é prejudicial.

Mothers should improve the golden opportunities given them, in guiding their children in the way of knowledge, how they may preserve and improve their organism, that each particular faculty may be exercised and strengthened, and not abused and debilitated. Parents have no right to be ignorant of the great laws of life and health. They should teach their children from their cradle, by precept and example, the best

means of preserving physical, mental, and moral health; for their happiness and usefulness in this life is dependent upon health [...] (White, 1873b, p. 28)

Neste artigo, não só criticava o vestuário infantil da época em que os membros inferiores das crianças ficavam desprotegidos durante o inverno. Considerava, também, que o excesso de roupas e tecidos nos membros superiores concentrava o sangue em tais regiões, o que Ellen descreveu como sendo prejudicial, pois a circulação sanguínea não era proporcional em todos os membros – os membros desprotegidos não eram suficientemente oxigenados pela falta de circulação sanguínea. Por este motivo, compreendeu que viver segundo as exigências da moda era um risco para as crianças. Cientes disto, os pais deveriam alertá-las a respeito.

Our children should be instructed that they may be intelligent in regard to their own physical organism. They can at an early age, by patient instruction, be made to understand that they should obey the laws of their being, if they would be free from pain and disease. They should understand that their lives cannot be useful, if they are crippled by disease [...] (White, 1871, p. 59)

Por fim, observamos que, diante das inúmeras demandas relativas aos filhos, Ellen preocupou-se em sinalizar que a mãe deveria atuar como uma “médica do lar”, sendo responsabilizada, então, por administrar os medicamentos em casos de doenças das crianças. Para isto deveria ter conhecimento de assuntos relativos à anatomia e não confiar a saúde dos filhos a médicos desconhecidos. No entanto, a mãe também deveria ocupar-se do cuidado de si, principalmente no que tange aos próprios comportamentos e disposições, pois suas tendências seriam transmitidas aos filhos durante a gestação. Isto será considerado no tópico a seguir (White, 1873c).

### 2.3 Educação Familiar e hereditariedade

Ao longo dos artigos de Ellen White verifica-se o pressuposto que o caráter é formado no decorrer da infância. Acrescente-se a isto a ideia da formação de hábitos como o autocontrole e a temperança e, com isto, Ellen estabeleceu uma discussão em torno do futuro

da sociedade, visualizando-a a partir das experiências vivenciadas durante a infância, no núcleo familiar. A família seria o primeiro centro de formação social do ser humano e, sendo assim, a mãe necessitaria de uma “percepção aguçada” de modo que fosse possível proporcionar aos filhos uma educação que os preparasse para contribuírem com a sociedade. Dito de outra maneira, os hábitos formados na infância irão interferir no modo como o futuro adulto influenciará a sociedade. A formação dos hábitos ocorre por meio da repetição de atos durante a infância e isto repercutirá na fase adulta (White, 1877d).

Mas Ellen também relacionou a formação dos hábitos dos filhos com comportamentos maternos durante a gestação. Considerava que a ingestão de álcool durante a gestação representava um risco à saúde física, mental e moral do filho. Até mesmo o hábito de alimentação desregrada, ou alimentação em excesso, a glotonaria, a “gula”, pode ser transmitida aos filhos. Deste modo, as qualidades morais e físicas bem como os vícios seriam hereditários e, por isto, deveria haver vigilância sobre os próprios comportamentos, pois os filhos recebem um “selo de caráter” ao nascer e, por este motivo, os vícios dos pais são acentuados nos filhos.

The indulgence of perverted appetite is the great cause of the deterioration of the human race. The child of the drunkard or the tobacco inebriate usually has the depraved appetites and passions of the father intensified, and at the same time inherits less of his self-control, and strength of mind. Men who are naturally calm and strong-minded not infrequently lose control of themselves while under the influence of liquor, and, though they may not commit crime, still have an inclination to do so, which might result in the act if a fair opportunity offered. Continued dissipation makes these propensities a second nature. Their children often receive this stamp of character before their birth; for the appetites of the parents are often intensified in the children. Thus unborn generations are afflicted by the use of tobacco and liquor. Intellectual decay is entailed upon them, and their moral perceptions are blunted. Thus the world is being filled with paupers, lunatics, thieves, and murderers. [...] (White, 1878, p. 237)

Sendo assim, Ellen se referiu às doenças, à criminalidade, à imbecilidade etc. como resultantes dos apetites pervertidos. Da mesma forma, considerava que o ensino da abstinência do fumo e das bebidas alcóolicas deveria ser realizado durante a infância. Neste

sentido, considerava que os presídios da época estavam ocupados por inúmeros criminosos que cometeram delitos como consequência da embriaguez, o que entendia como sendo um apetite pervertido, sinalizando que, entre outras consequências, isto embotaria as faculdades mentais (White, 1878b; White, 1880a).

Além dos vícios, a transmissão de doenças também seria consequência da hereditariedade e das condições da humanidade após a “Queda” do homem, partindo, portanto, da perspectiva religiosa. Entretanto, também se referiu ao conceito de degeneração<sup>28</sup> para descrever esta condição. Neste caso, mencionou que no livro bíblico Gênesis não há relatos sobre o nascimento de crianças com doenças. No entanto, posteriormente

At the period of the first advent of Christ, so rapidly had the race degenerated that an accumulation of disease pressed upon that generation, bringing in a tide of woe and weight of misery inexpressible. God did not create the race in its present feeble condition. This state of things is not the work of Providence, but the work of man, brought about by wrong habits and abuses, by violating the laws God has made to govern his existence. Through the temptation of appetite, Adam and Eve first fell from their high, holy, and happy estate. Through the same temptation have the race become enfeebled. They have permitted appetite and passion to take the throne, and to bring into subjection reason and intellect. So long has the violation of physical law, and human suffering as the consequence, prevailed that men and women look upon the present state of sickness, suffering, debility, and premature death, as the appointed lot of humanity. Man came from the hand of his Creator perfect and beautiful in form, and so filled with vital force that it was more than two thousand years before the general violation of physical law was sensibly felt upon the race. More recent generations have been feeling the pressure of infirmity and disease still more heavily with every generation. The vital forces have been greatly weakened by indulgence of appetite and lustful passion. [...] (White, 1872b, p. 348-349)

Vale ressaltar que Ellen White viveu durante um período em que estava circulando a teoria da degeneração, que teve a sua formulação mais acabada com Bénédict Morel (1809 – 1873). Morel foi um psiquiatra austríaco e autor da obra *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces*

---

<sup>28</sup> O debate em torno deste conceito foi considerado na introdução desta tese.

*variétés maldives*", publicada em 1857. Anteriormente a Morel, o termo "degeneração" foi empregado para se referir à variação étnica e racial. Morel, por outro lado, usou o termo como uma mudança no biotipo do Homo Sapiens mas, na sua perspectiva, a mudança estaria associada à patologia mental (Schwarcz, 1993). De acordo com Morel, a degeneração consistia num desvio que, por mais "simples que fosse em sua origem" (Morel, 2008, p. 500) implica "elementos de transmissibilidade de tal natureza" que torna os indivíduos e os seus descendentes incapazes de desempenharem seus papéis enquanto seres humanos.

Segundo Ellen, a mãe desenvolve a função de educar por conta da maior convivência com os filhos e, conseqüentemente, os filhos seriam reflexos dos comportamentos e hábitos da mãe. Considerava que até mesmo cada palavra dita pela mãe iria influenciar na formação do caráter dos filhos. Deste modo, a influência materna pode resultar em emoções positivas como alegria e ânimo para o coração ou em desânimo e deformação do caráter. Ou seja, Ellen sinalizou que as palavras e os atos são influências educativas e são refletidas no caráter e na conduta dos filhos (White, 1880a; White, 1889).

Por conta dessa responsabilidade que lhe foi atribuída, a mãe deveria, antes, desenvolver em si mesma os comportamentos e hábitos que almejasse desenvolver nos filhos. Por este motivo, a mãe deve ter como características próprias o autocontrole e a disciplina. A perspectiva religiosa de Ellen está aqui presente pois a mãe deve assegurar aos filhos uma formação moral, entendida como uma compreensão das responsabilidades (White, 1889; White, 1880c, 1889).

Para ela, muitas mães contrariam essa proposta de educação, negligenciam as recomendações acima, o que resulta que muitos filhos comprometem o seu futuro pela aquisição de hábitos prejudiciais na infância, dos quais o egoísmo, a ociosidade, a invalidez em decorrência da ausência de atividade física, a ausência de habilidade para lidar com frustrações são os que mais chamam a atenção de Ellen (White, 1873, 1889), como se pode ver no texto abaixo.

In the early education of children, many parents and teachers fail to understand that the greatest attention needs to be given to the physical constitution, that a healthy condition of body and brain can be secure [...] his is the case with the minds of youth. They should be carefully and tenderly trained in childhood. They may be educated in the right direction or in the wrong, and they will in their future life pursue the course in -which they were directed in youth. The habits formed in youth will grow with the

growth and strengthen with the strength, and will generally be the same in after life, only continue to grow stronger. [...] There is but little stability and firmness of character, because the training and education of children from their cradle is superficial. Their character is built upon sliding sand. Self denial and self control have not been molded into their characters. They have been petted and indulged until they are spoiled for practical life. The love of pleasure controls minds, and children are flattered and indulged to their ruin. Children should be trained and educated so that they may calculate to meet with difficulties, and expect temptations and dangers [...] (White, 1872b, p. 378)

Quando as crianças não aprendem/desenvolvem a capacidade do autocontrole, passam a ter a mente dominada pelas paixões, tornam-se mais propensas a cometerem crimes, pois o domínio do apetite e das paixões paralisam as faculdades morais ou, ainda, debilitam a mente da criança. Novamente, resgata-se o papel da mãe nesse contexto, pois deve atuar na formação do caráter, no aperfeiçoamento intelectual e moral dos filhos. Neste sentido, Ellen mencionou o controle alimentar a ser exercido pela mãe ao disciplinar os filhos no que tange ao consumo de açúcar e carne, entre outros produtos, sendo isto um modo de controlar a própria vontade (White, 1872b).

Outro aspecto sinalizado por Ellen é a questão do confinamento. Em alguns artigos mencionou que a mãe deve motivar os filhos para terem contato com a natureza, para que se desenvolvam fisicamente. Inclusive, como vimos, criticou o sistema educativo da época, que matinha as crianças em salas de aula sem ventilação, levando as crianças ao estresse e à exaustão. Ellen também considerava que a educação não deve ser um simples treinamento, mas deve despertar o cultivo de todas as capacidades da criança, para que ela seja um ser racional

In households, and in schools, the education of children should not be like the training of dumb animals; for children have an intelligent will which should be directed to control all their powers. The dumb animals need to be trained; for they have not reason and intellect. The human mind must be taught self-control. It must be educated to rule the human being, while the animal is controlled by the master. The beast is trained to be submissive to his master. The master is mind, judgment, and will, for his beast. A child may be so trained as to have, like the beast, no will of his own. His

individuality may even be submerged in the one who superintends his training, and the will is to all intents and purposes subject to the will of the teacher. Children who are thus educated will ever be deficient in moral energy and individual responsibility. They have not been taught to move from reason and principle. Their will was controlled by another, and the mind was not called out, that it might expand and strengthen by exercise. They were not directed and disciplined with respect to their peculiar constitution and capabilities of mind, to put forth their strongest powers when required. Teachers should not stop here, but give especial attention to the cultivation of the weaker faculties that all the powers may be brought into exercise, and carried forward from one degree of strength to another, that the mind may attain due proportions. [...] (White, 1872a, p. 284)

Em linhas gerais, Ellen se opõe a medidas educativas que se concentram quase exclusivamente em atividades intelectuais ou, somente, em atividade física e sinaliza que, para a criança ter um desenvolvimento saudável, mente e corpo devem estar intimamente relacionados na resolução de “problemas”, com exercícios que a leve ao desenvolvimento. Do contrário, os resultados não são animadores, pois crianças com um desses aspectos pouco desenvolvidos não desfrutariam de saúde, seriam nervosas, doentes. A seu ver, os filhos devem ser motivados a exercitarem-se para que suas energias sejam utilizadas pela atividade física. Em síntese, saúde foi compreendida por Ellen como um resultado do equilíbrio entre atividade física e atividade mental enquanto práticas de cuidado de si (White, 1872a; White, 1880a).

Até o momento dissemos que Ellen White se referiu mais frequentemente às mulheres no contexto familiar nos artigos que escreveu nos dois periódicos. No entanto, não podemos deixar de comentar alguns artigos onde discorreu sobre o papel do pai na educação dos filhos, bem como as atividades que atribuiu ao mesmo. As matérias em que o papel do pai foi um tema específico foram publicadas em 1877, ambas recebendo por título “*Home duties of the father*” (White, 1877e, 1877g). Ellen indicou que algumas das atividades deveriam ser realizadas pelo pai, a saber, inspirar os filhos para que desenvolvessem o autocontrole e a intelectualidade, de modo que alcançassem uma perfeição de caráter. Para isto, o pai deveria engajar-se na investigação da mente dos seus filhos e procurar orientá-los por meio de uma moral religiosa, procurando evitar a aplicação de punições, que não garantiriam o êxito nesse processo. Semelhantemente ao dito em relação às mães, o pai também deveria ter

autodisciplina para que contasse com domínio próprio, paciência e simpatia, concebidas por Ellen como fundamentais para que os filhos tivessem um desenvolvimento saudável (White, 1877g). Assim, enquanto educador, não poderia fazer uso do cigarro ou do álcool, entendidos por Ellen como “poluentes do sangue” (White, 1871b, p. 155).

Em síntese, consideramos o parecer de Ellen em relação aos comportamentos maternos durante a gestação, que estes influenciariam na formação dos hábitos da criança, bem como em comportamentos futuros. Entretanto, fomos surpreendidos pela perspectiva de que isto não isenta o pai de responsabilidades consigo mesmo. Segundo White (1877g), o pai não poderia ser fumante ou consumir bebidas alcóolicas, pois transmite um comportamento nervoso e inquieto aos filhos. De forma semelhante aos cuidados maternos durante a gestação, o pai deveria, antes mesmo dessa fase, cuidar de si para que suas tendências “prejudiciais” não fossem transmitidas aos filhos geneticamente.

No decorrer dos artigos identificamos outros fatores considerados como obstáculos à educação por parte do pai. Em concordância com a religião, Ellen mencionou a excitabilidade e a exaustão, como consequências do apetite pervertido, o que impediria o pai de discriminar entre o certo e o errado. Como resultado do tabagismo, menciona ainda a ocorrência de paralisia dos nervos, das faculdades mentais e morais (White, 1877e, 1877g).

But to return to the father who has so unconcernedly resigned the fretful child to its mother. How is his time employed while she is doing the double duty of preparing the meal and quieting the child? Frequently he may be seen, his feet elevated to a level with his head, reading a newspaper and smoking a cigar. Tobacco, then, is his solace. There are his children, of various ages, and of restless, nervous temperament, transmitted to them by the tobacco or liquor-using father. But, after giving those children their stamp of character by his own morbid appetite and selfish indulgence, he shirks the responsibility of training them, and of correcting the faults which they have received as a legacy from him. [...] Fathers, the golden hours which you might spend in getting a thorough knowledge of the temperament and character of your children, and the best method of dealing with their young minds, are too precious to be squandered in the pernicious habit of smoking, or in lounging about the dram-shop. The indulgence of this poisonous stimulant disqualifies the father to bring up his children [...] (White, 1877e, p. 266)

A partir do que dissemos até aqui, percebe-se como Ellen se referiu a outros assuntos para discutir o tema da educação dos filhos. Isto consiste numa característica de sua escrita, tanto que a seguir, ao abordarmos outro tema onde a importância da atuação da mulher também está presente novamente acompanhamos este diálogo com outros temas como ocorreu em outras publicações. Considerando que fizemos o levantamento de todas essas matérias, vale ressaltar que observamos o quanto Ellen repetiu o seu posicionamento sobre os temas mencionados em muitos artigos e esta é outra característica da sua escrita.

No decorrer dos artigos publicados por Ellen percebemos uma perspectiva tradicional de mulher, considerada responsável pelos cuidados do lar e, principalmente, pela educação dos filhos. Neste sentido, articulando os princípios adventistas com o papel da mulher, Ellen sinalizou que esta deveria orientar os filhos em relação aos hábitos alimentares, evitando prejudicar a capacidade de percepção e discernimento. Devido à convivência mais frequente com os filhos, a mãe também deveria orientá-los sobre a moda por meio do ensino da fisiologia, de modo que as crianças, principalmente as meninas, compreendessem os riscos pela utilização dos espartilhos, bem como de penteados que impediriam a circulação sanguínea. Sendo assim, as crianças estariam exercitando o que White (1877g) descreveu como sendo hábitos de renúncia, fundamentais ao seu desenvolvimento. Surpreendeu-nos quando lemos que, além destes cuidados, a mulher também deveria observar a si mesma, ou seja, os próprios hábitos, o modo como dialoga com os filhos, entre outros aspectos.

Outra característica que observamos a partir das tabelas construídas (Apêndices A e B) foi o modo como as ideias acima estavam relacionadas a reflexões em torno da mente, do cérebro, bem como do funcionamento destes em consequência da alimentação, da prática de atividades físicas ou, mesmo, diante da ausência destes. Embora este capítulo tenha se concentrado em apresentar o modo como a mulher foi descrita por Ellen no *Health Reformer* e no *Good Health*, percebemos o quanto este assunto foi permeado por outras reflexões. Passamos a nos questionar então a respeito do que Ellen considerou sobre o funcionamento da mente e do cérebro. Neste sentido, também nos questionamos sobre a base dos conceitos whiteanos que mencionamos neste capítulo. Ellen se referiu a conceitos psicológicos seguindo uma base orgânica ou psicossocial? Estas provocações serão consideradas no próximo capítulo desta tese.

### 3 AS BASES ORGÂNICA E PSICOSSOCIAL DA PEDAGOGIA ESPIRITUAL DE ELLEN WHITE: INTERAÇÕES, REFLEXÕES E EMBATES.

No capítulo anterior discorreremos sobre a compreensão de Ellen White sobre as mulheres de seu tempo, a partir das descrições que fez a respeito do papel social destas, como centrado na criação e educação dos filhos, nas responsabilidades domésticas, entre outras. Chamou-nos a atenção que, em muitos destes artigos, constam reflexões e conceitos em torno do funcionamento do organismo. Por exemplo, quando Ellen criticou o uso de espartilho, considerou que este acessório dificultava a circulação do sangue e, por consequência, impactava na oxigenação do cérebro resultando num funcionamento deficitário deste órgão. Nestas condições, mencionou a ausência de força física, mental e moral como resultantes deste mal funcionamento, ressaltando que todo o corpo sofria “perturbações”(White, 1870, p. 92-93) pois, além do cérebro, outros órgãos como o coração, os pulmões e o estômago também eram afetados pelo uso de espartilho, como detalharemos adiante (White, 1871).

No entanto, o espartilho não foi o único a ser identificado como causador do mal funcionamento do organismo. Ellen também relacionou este quadro à má alimentação, à falta de atividade física – ou o excesso desta – além de considerar prejudiciais o uso de álcool, de tabaco, de chá e do vinho. Uma das formas de prevenção identificada em seus artigos se encontra na educação das crianças, cuja formação social e de personalidade (e de caráter), foram atribuídas às mães, que deveriam instruir os infantes sobre o funcionamento do próprio organismo (White, 1872).

A partir disto algumas questões se apresentam, por exemplo: como Ellen se apropriou dos conceitos psicológicos ao longo dos seus artigos? Ao considerar os conceitos psicólogos, Ellen seguiu uma base orgânica ou psicossocial? Ainda nos questionamos sobre o modo como compreendeu o funcionamento da mente e do cérebro. Neste sentido, estaria se referindo ao conhecimento científico da época ou ao senso comum? Essas e outras questões serão discutidas neste capítulo. Da mesma forma que no capítulo anterior, desenvolveremos o presente capítulo a partir da discussão de temas – “Controle Alimentar”, “Educação Familiar”, “Equilíbrio Físico e Mental”, “Faculdades intelectuais”, e “Saúde Mental” – onde discorreremos sobre como Ellen White relacionou esses temas a conceitos psicológicos de base orgânica. Ressalte-se que alguns dos assuntos acima serão analisados simultaneamente já

que identificamos uma proximidade temática e analítica entre eles no decorrer da leitura e análise dos artigos.

### 3.1 Controle Alimentar e Faculdades Intelectuais

Este tópico encontra-se diretamente relacionado à dieta adventista, bem como a algumas das restrições desta dieta, principalmente no que tange ao consumo de álcool, café, vinho, tabaco, entre outras substâncias, como consideramos anteriormente nesta tese. Ao todo, localizamos 12 artigos no *Health Reformer* e no *Good Health* que Ellen White destinou à discussão sobre alimentação e o impacto desta no funcionamento do cérebro e da mente.

Em um primeiro artigo que revisamos, White (1870b) se opôs ao consumo de açúcar, de carne, bem como de manteiga e queijo, mas nos chamou a atenção que, neste artigo, ela tenha se referido ao conceito de “doença” como uma consequência do apetite depravado, descrito por ela como aquele que se volta para alimentos compreendidos como estimulantes (carne, temperos, gordura etc.) ou se satisfaz pelo consumo destes. Sendo assim, nos questionamos sobre o conceito de doença que, nos escritos de Ellen, também foi indiretamente associado ao pecado.

Os conceitos de saúde e de doença relacionam-se diretamente com o contexto social, político e cultural, tornando necessária uma investigação criteriosa para a sua compreensão, já que seus significados não são universais. Deste modo, deve-se levar em consideração as concepções científicas, filosóficas e religiosas de uma determinada época para ter melhor compreensão sobre o que exatamente é “saúde” num dado contexto. Por exemplo, houve um período em que

A masturbação era considerada como uma conduta patológica capaz de resultar em desnutrição (por perda da proteína contida no esperma) e em distúrbios mentais. A masturbação era tratada por dieta, por infibulação, pela imobilização do ‘paciente’, por aparelhos elétricos que davam choque quando o pênis era manipulado e até pela ablação da genitália. Houve época, também, em que o desejo de fuga dos escravos era considerado enfermidade mental (Scliar, 2007, p. 30).

O desejo de fuga dos escravizados foi denominado drapetomania, em 1851, pelo médico estadunidense Samuel Adolphus Cartwright (1793 - 1863), que o entendeu como uma enfermidade mental. O tratamento proposto por Cartwright para esta “enfermidade” consistia em açoites, também aplicável a casos em que se notava a falta de motivação (disestesia etiópica) entre os escravizados para realizarem o trabalho forçadamente atribuído a eles.

Os casos acima ilustram como alguns comportamentos foram patologizados e, assim, “tratados” em um determinado período. Scliar (2007) ressaltou, além disso, as compreensões de saúde e doença no decorrer da história nas diferentes sociedades e culturas que se estabeleceram ao longo dos séculos, o que vamos sumarizar brevemente a seguir.

Na mitologia grega, divindades foram associadas à saúde, por exemplo, Asclepius, além de Higieia e da Panacea. A primeira divindade, Asclepius, era a divindade da medicina; Higieia era uma das manifestações de Athena (deusa da razão) e as práticas de culto a ela estavam associadas às práticas de higiene; por fim, a Panacea era a deusa da cura, representando, então, que tudo pode ser curado. Estas compreensões foram anteriores a Hipócrates de Cós (460 a.C-377 a.C), a quem se atribui o título de “pai da medicina”. Para Hipócrates, o corpo humano era composto por quatro fluidos (humores): a bile amarela, a bile negra, a fleuma e o sangue. Cada humor corresponde a uma das quatro estações do ano, compartilhando, então, as características da estação que se relaciona. Sendo assim, a bile amarela é quente e seca, predominando no verão; a bile negra, por sua vez, é fria e seca, e prevalece no outono; a fleuma é fria e úmida, sendo predominante no inverno e, finalmente, o sangue, é quente e úmido, predominando na primavera. Na perspectiva hipocrática, o conceito de **saúde** é definido em função do equilíbrio e da mistura destes humores. Por outro lado, o desequilíbrio e a separação dos humores foram compreendidos como **doença**. Ou seja, Hipócrates “via o homem como uma unidade organizada e entendia a doença como uma desorganização desse estado [...] (Castro et al., 2006, p. 39).

Diferindo desta perspectiva, a concepção “mágico-religiosa” parte do pressuposto de que a doença ocorre por meio de forças alheias ao organismo que são introduzidas neste por conta do pecado ou da maldição. Por exemplo, “para os antigos hebreus, a doença não era necessariamente devida à ação de demônios ou de maus espíritos, mas representava, de qualquer modo, um sinal da cólera divina, diante dos pecados humanos” (Scliar, 2007, p. 30). Sendo assim, a doença foi relacionada diretamente com o pecado e se manifestava visivelmente, evidenciando quem praticou pecado, como no caso da hanseníase. Pessoas com a doença então denominada de lepra eram isoladas e proibidas de qualquer contato com outros

membros da sociedade. Pensava-se, então, que as doenças eram castigos divinos como uma resposta (punição) aos pecados da humanidade (Rodrigues, 2020).

Entre os judeus os preceitos religiosos encontram-se mais frequentemente relacionados às leis dietéticas – em parte se assemelham aos adventistas do sétimo dia quanto à alimentação –, numa tentativa de prevenir doenças, principalmente as transmissíveis. Sustentavam, então, que pessoas com doenças de pele não poderiam preparar alimentos, pois as lesões na pele poderiam conter micróbios que seriam transmitidos por meio do alimento preparado.

O médico e filósofo Cláudio Galeno (129-199), de Pérgamo, revisitou a teoria de Hipócrates e, partindo da perspectiva dos quatro temperamentos, sinalizou que a causa da doença era endógena, observada pela constituição física ou através de hábitos que causavam desequilíbrio. Para Galeno,

Os corpos são afetados pela composição do ar que os rodeia, sendo secos em misturas secas de ar, molhadas em misturas úmidas, e igualmente aquecidos em misturas quentes e resfriados em misturas frias. Assim, uma vez que o inverno é úmido e frio, a fleuma, sendo úmida e fria, aumenta, ocorrendo o mesmo com as outras ações e humores.

Defende que cada um dos humores é dominado por cada um desses atributos, de modo que não são inatos a ele. Aduz que se um humor se fosse apenas um frio extremo – ou o calor, ou a secura, ou a umidade – deixariam de ser fluidos e seriam corpos sólidos. Afirma, ainda, que esses atributos estão presentes, em alguma medida, em cada um dos quatro humores, razão pela qual é necessária a mistura e equilíbrios desses fluídos (Rodrigues, 2020, p. 115).

As perspectivas de Hipócrates e de Galeno foram combatidas por Aureolos Teofrastos von Honheim (1493-1541), mais conhecido como Paracelso, que elegeu três componentes fundamentais da Natureza: o enxofre, mercúrio e o sal. O enxofre conferiria substância e estrutura aos corpos; o mercúrio, por sua vez, daria fluidez, elasticidade e volatilidade aos corpos e, por fim, o sal forneceria cor, solidez e imutabilidade. Essa tríade – enxofre, mercúrio e sal – interage no Universo e no corpo humano. Algumas dessas interações geram doenças no corpo, por exemplo, “a expansão e secreção do sal em lugares indesejáveis, como a pele por exemplo, causaria ulcerações, câncer ou gangrena” (Porto, 1997).

Segundo Porto,

Paracelso considerou a própria Criação do Universo como um processo de separação alquímica empreendido por Deus; a partir de então, toda a Natureza também operaria quimicamente. O homem, visto por Paracelso como o microcosmo - ou seja, como a síntese do Universo todo - também deveria ser estudado por meio da alquimia. Daí a importância atribuída por Paracelso aos chamados remédios químicos (isto é, à preparação alquímica de medicamentos - especialmente minerais e metais), e às analogias entre processos químicos e o funcionamento do corpo humano. (Porto, 1997, p. 570)

Acrescente-se que Paracelso compreendia a doença como sendo endógena ao ser humano, ou seja, localizada em sua constituição física ou ainda, em hábitos que gerassem o desequilíbrio entre os elementos mencionados. Sendo assim, propôs a cura pelos elementos semelhantes, baseado no princípio de que, se os processos que ocorrem no corpo são químicos, os remédios mais indicados também deveriam ser químicos. Isto o motivou a administrar pequenas doses de minerais e metais a seus pacientes (Castro et al., 2006).

Durante a Idade Média, com a hegemonia da Igreja Católica, prevaleceu a perspectiva de que a doença seria uma consequência do pecado estando a cura relacionada à fé. Ao mesmo tempo, a teoria hipocrática foi mantida nesta concepção de doença, já que se disseminou a ideia de que era necessário manter a temperança no comer e no beber, na continência sexual e, também, no controle das paixões. Com isto, buscava-se evitar viver contra a natureza, ou seja, contra tudo que causasse um funcionamento anormal do organismo, como alimentar-se demasiadamente (Castro et al., 2006; Scliar, 2007).

Com o desenvolvimento da anatomia e da mecânica na modernidade, a perspectiva humoral perdeu espaço afastando-se do conceito de doença, que passou, então, a ser localizada nos órgãos. Nesta discussão, menciona-se o anatomista francês François Xavier Bichat (1771-1802) que definiu saúde como sendo o silêncio dos órgãos e, deste modo, a doença foi sendo dissociada da teoria hipocrática (Castro et al., 2006).

No final do século XIX,

Registrou-se aquilo que depois seria conhecido como a revolução pasteuriana. No laboratório de Louis Pasteur e em outros laboratórios, o microscópio, descoberto no

século XVII, mas até então não muito valorizado, estava revelando a existência de micro-organismos causadores de doença e possibilitando a introdução de soros e vacinas. Era uma revolução porque, pela primeira vez, fatores etiológicos até então desconhecidos estavam sendo identificados; doenças agora poderiam ser prevenidas e curadas. (Scliar, 2007, p. 34)

Com estas observações, percebemos que, em diferentes épocas e culturas, os conceitos de saúde e de doença não foram hegemônicos. No entanto, a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1945 e 1948, respectivamente, contribuiu para que houvesse um consenso entre as nações acerca do conceito de saúde, que passou a ser descrita como “o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social”.

Como dissemos, as publicações de Ellen que investigamos datam de meados do século XIX e princípios do XX. Por conta da sua religiosidade, articulou uma série de temáticas religiosas aos diversos temas sobre os quais discorreu em sua produção, especialmente à Psicologia. Retornando à sua perspectiva sobre alimentação, vemos a noção de que o apetite depravado sobrecarrega o estômago em sua função durante a digestão (White, 1870b). Além disso, Ellen mencionou que isto interfere no funcionamento do cérebro e dos nervos, desencadeando uma supressão da moral e do intelectual. Sua principal ideia nesta discussão é que a mente é afetada diretamente pela alimentação (White, 1878b). Destinaremos os próximos parágrafos à elucidação de como Ellen associou alimentação à moralidade, às faculdades superiores e ao desenvolvimento do caráter. Inicialmente, ressalte-se que Ellen considerou que “*Many do not seem to understand the relation the mind sustains to the body. If the system is deranged by improper food, the brain and nerves are affected, and the passions are easily excited*” (White, 1870b, p. 112).

De um modo geral, Ellen sinalizou que o descuido em torno da alimentação desencadearia uma série de consequências, articulando aí sua perspectiva religiosa, como se pode ver no segmento seguinte:

God gives man no permission to violate the laws of his being. But man, through yielding to Satan's temptations to indulge intemperance, brings the higher faculties in subjection to the animal appetites and passions; and when these gain the ascendancy, man, who was created a little lower than the angels, with faculties susceptible of the

highest cultivation, surrenders to the control of Satan. And he gains easy access to those who are in bondage to appetite. Through intemperance, some sacrifice one-half, and others two-thirds, of their physical, mental, and moral powers. Those who would have clear minds to discern Satan's devices, must have their physical appetites under the control of reason and conscience. The moral and vigorous action of the higher powers of the mind is essential to the perfection of Christian character. [...] health of body and strength of intellect are sacrificed upon the altar of self-gratification, and man is brought to speedy ruin. (White, 1878a, p. 74)

No decorrer dos artigos onde discorreu sobre este tema, Ellen também comentou que a predominância das paixões afeta a capacidade de discernir entre o certo e o errado devido ao mal funcionamento da mente nestas ocasiões. A seu ver, a predominância das paixões caracteriza-se pela alimentação em demasia/desregrada de um modo geral, bem como pelo consumo de vinho, de álcool ou, ainda, pelo uso de tabaco, o que criticou incansavelmente ao longo dos artigos. As faculdades intelectuais ou superiores tornam-se degradadas e enfraquecidas nestas condições.

Ellen White também enfatizou o que denominou como “leis do ser” (White, 1870c). Este conceito foi descrito a partir de sua crença religiosa de que Deus não autorizaria que o ser humano violasse as leis do seu ser. Por outro lado, Satanás utiliza tentações para escravizar o ser humano por meio de apetites e paixões de modo que a intemperança se instaure e acarrete um déficit nas faculdades física, mental e moral. Quando isto ocorre, o corpo fica em um estado patológico, enfermo, capaz de causar desorganização no intelecto, impedindo a pessoa de ter uma comunhão com Deus. É necessário, portanto, ter cuidado. Isto implicaria, inicialmente, uma forma de interação consigo mesmo, um cuidado de si, por meio da abstenção do apetite ou das paixões, que seriam, em linhas gerais, o prazer.

Este estado de busca pela purificação da alma a partir do “mergulho” na própria alma, bem como a distinção dos pensamentos divinos das armadilhas do demônio veem desde o século II d.C, da constituição da ética cristã a partir das filosofias helênicas, principalmente o estoicismo. Nessa época, descreve-se o homem buscando purificar a própria alma, distinguindo os pensamentos divinos das armadilhas do demônio. Para isto, teria que mergulhar na própria alma, compreendê-la (Ferreira, 2006).

Ferreira (2006) observou que as técnicas e os cuidados de si se modificaram ao longo do tempo, divergindo, inclusive, do modo como se concebe hoje, a saber, uma

“universalidade de nosso modo de subjetivação atual, baseado numa reflexividade sobre si, em que buscamos desbastar, na densa floresta da nossa vida interior; a cidadela do verdadeiro eu” (Ferreira, 2006, p. 15). Na Antiguidade greco-romana, as técnicas de cuidado de si não apontavam para uma busca do autoconhecimento, mas a busca pelo autogoverno, pelo autocontrole. Não se verifica, nessa época, a existência de uma interioridade individualizada. A interioridade nesse período não estaria “ancorada em um ‘eu’. Para Vernant, esse ‘eu’ da Antiguidade clássica se assemelha mais a um ele” (Ferreira, 2006, p. 16).

Na passagem para a modernidade, com todas as modificações econômicas, políticas e sociais, não se busca mais a purificação da alma ou ainda, não se busca mais estabelecer essas distinções ou purificar-se. Na modernidade busca-se a afirmação de si. Analisando o que poderia ter influenciado essa mudança na passagem da Antiguidade cristã para a modernidade, Ferreira (2006) sustenta a ideia de que, a partir do século XVI, passaram a existir outras formas de relação consigo. Uma dessas formas foi a sexualidade. A separação entre os domínios público e privado, característica dos Estados Modernos, é considerada uma prática que contribuiu para que essa transição ocorresse.

À guisa de ilustração das consequências da não abstenção do apetite e do prazer, Ellen se referiu à história de Salomão, personagem bíblico:

[...] His shattered nerves and wasted frame showed the result of violating Nature's laws [...] Solomon was conscious of the evil growing out of the indulgence of perverted appetite, yet seemed powerless to work the required reformation. He was aware that physical strength, calm nerves, and sound morals can only be secured through temperance. He knew that gluttony leads to drunkenness, and that intemperance in any degree disqualifies a man for any office of trust. Gluttonous feasts, and food taken into the stomach at untimely seasons, leave an influence upon every fiber of the system; and the mind also is seriously affected by what we eat and drink. [...]" (White, 1878b, p. 173)

Neste artigo, Ellen se refere aos efeitos do vinho, presente no organismo de Salomão, em seu intelecto de modo que as suas faculdades intelectuais foram enfraquecidas e a mente degenerada. Na mesma matéria Ellen desqualificou pessoas para cargos de liderança em casos de vícios, pois eles causam tonturas, perda de memória, distúrbios do cérebro, entre outros.

Em um artigo de 01 de março de 1883, no *The Good Health*, White (1883) considerou outros efeitos do apetite não controlado, tais como violência, perda de energia e doenças. No caso do consumo de vinho, considerou como consequência a corrupção do sangue, o enfraquecimento do intelecto (como já visto no caso de Salomão) e das faculdades mentais. O consumo de vinho foi descrito, também, como apetite intemperante, capaz de entorpecer o cérebro e tornar o corpo do usuário doente. Ainda nesta discussão Ellen discorreu sobre hereditariedade, por meio da qual as doenças e a imbecilidade são transmitidas aos filhos em função dos pais terem o sangue corrompido e inflamado pelo uso de vinho. Acrescenta ainda que a formação do caráter do filho tem o seu início antes do nascimento, por meio da influência da alimentação da mãe que, em casos de consumo de bebidas alcólicas, põe em risco a saúde física, mental e moral do bebê (White, 1880).

A utilização do tabaco também foi reprovada por Ellen White, pois torna as pessoas “reckless in their deportment, vulgar and turbulent in their conversation, and frequently seek low and debased society, excusing themselves under the plea of custom and the ways of the world” (White, 1878c, p. 204). Ao uso do tabaco também relacionou o amortecimento do cérebro e dos nervos.

Sendo assim, observamos que a relação entre controle alimentar, faculdades intelectuais e emoções estão diretamente relacionadas na perspectiva whiteana. Ellen ainda ressaltou que a dispepsia ocasiona irritabilidade, impaciência. Os órgãos digestivos tornam-se enfraquecidos e, por isso, demandam por alimentos e bebidas estimulantes. Diante disso, comentou que o sistema nervoso utiliza a energia que seria necessária futuramente, passando por um momento de fortalecimento temporário, que é seguido por depressão (White, 1887). Em síntese, a noção de saúde em Ellen White foi vinculada a esse debate em torno da temperança.

Esta discussão presente nos artigos de Ellen White se aproxima da perspectiva da Higiene Mental, movimento que teve a sua origem nos Estados Unidos com Clifford Whittingham Beers (1876-1943), no início do século XX. Este movimento teve o objetivo de melhorar o tratamento destinado aos doentes mentais e promover saúde mental (Souza & Boarini, 2008). Deste modo, a Higiene Mental se refere aos cuidados necessários para que haja saúde mental, dos quais uma alimentação saudável, que abrange o equilíbrio no consumo de álcool, de remédios e de substâncias psicoativas. A higiene mental também preconiza a prática de atividade física e relacionamentos saudáveis como estratégias necessárias para a

preservação da saúde (Parry, 2010). A história da Higiene Mental se relaciona com a trajetória e seu fundador.

Clifford era natural de New Haven (Connecticut) e pertenceu a uma família com histórico de depressão, de suicídio e crises de ansiedade. Segundo Parry (2010), era filho do casal Ida Cooke e Robert Beers, que tiveram 5 filhos, dos quais um faleceu ainda na adolescência, sofrendo de convulsões frequentemente. Clifford e os outros irmãos atingiram a fase adulta, mas faleceram em instituições de saúde mental. Ainda na juventude, Clifford passou por episódios de depressão durante a sua formação na Yale University's Sheffield Scientific School, em finais da década de 1890. Em 1900, tentou cometer suicídio jogando-se da janela de seu quarto e foi hospitalizado para que se recuperasse dos ferimentos. Enquanto esteve neste local, Clifford teve alucinações e paranoia. Ao retornar para casa sua família decidiu interná-lo, pois seu estado mental foi se agravando.

Entre os anos de 1900 e 1903, então, teve passagens pelo Stamford Hall, The Hartford Retreat e Connecticut State Hospital. Após sofrer maus tratos e abusos físicos, resolveu fazer uma campanha por reforma, relatando suas experiências de internação na obra "*A mind that found itself*" (1908). O livro despertou a atenção do psiquiatra suíço Adolf Meyer (1866 – 1950), que se uniu ao movimento de reforma iniciado por Clifford. O movimento de reforma tinha por objetivo melhorar os atendimentos aos doentes mentais além de prevenir doenças mentais e promover saúde mental. Como resultado, desenvolveu-se ainda, nos Estados Unidos, o Comitê Nacional de Higiene Mental, em 1909 que, entre outras atuações, forneceu subsídios para pesquisas sobre as causas dos distúrbios psiquiátricos, além de financiar treinamentos para estudantes de medicina. O Comitê ainda organizou uma revista, a *Hygiene and Understanding the Child* a fim de conscientizar a sociedade sobre a saúde mental.

O movimento iniciado por Clifford foi se espraiando pela sociedade e, também, no cenário internacional. Em 1930, Clifford organizou o International Congress for Mental Hygiene em Washington, contando com a presença de representantes de 53 países. Ainda neste período, Clifford esteve sobrecarregado e deprimido e terminou sendo internado por ele mesmo, em 1939, no Butler Hospital, em Rhode Island. Ele permaneceu neste local pelos últimos anos de vida e veio a falecer em 1943.

Durante o levantamento dos artigos de Ellen White, nos impressionou o quanto relacionou a alimentação à saúde mental e considerou, ainda, como esta pode causar sobrecarga dos órgãos. Outro aspecto sinalizado por Ellen, como dissemos, foi a ideia de que o consumo de tabaco e álcool comprometeria as faculdades mentais ou, ainda, prejudicaria a

percepção humana. Deste modo, percebemos o quanto o discurso de Ellen sobre estes assuntos estava adequado ao seu tempo e às novas ideias sobre Higiene Mental. Abaixo, consideramos outras temáticas que foram assunto em seus artigos e que, surpreendentemente, continuam direcionando nosso olhar para a Higiene Mental.

### 3.2 Saúde mental e equilíbrio físico e mental

Estes dois temas foram recorrentes em muitos artigos publicados por Ellen White, geralmente considerados simultaneamente, de modo que optamos por não discuti-los em tópicos distintos nesta tese. Por meio da investigação feita, observamos o quanto foram frequentes e dialogaram com outros temas, como moda, atividade física, funcionamento da mente etc. conforme apresentaremos a seguir. Inicialmente, vale ressaltar o que Ellen White definiu como sendo saúde, pois esta perspectiva fundamenta as demais considerações que fez sobre os temas mencionados.

Segundo White (1872a) a saúde resulta de uma distribuição equilibrada do sangue pelo corpo de modo que os órgãos atuem sem esforço, em harmonia. Assim, quando o organismo não se encontra nesta condição, ele está em um estado patológico. Com isto nos questionamos sobre o momento em que o desequilíbrio e o estado patológico poderiam ocorrer ou o que, supostamente, poderia representar uma ameaça a este equilíbrio. A este respeito lê-se que “Health cannot be enjoyed where there is not an equal circulation of the blood; therefore, the clothing should be so arranged upon the body that the blood will not be obstructed in its course from the heart and lungs to the extremities” (White, 1872a, p. 154).

No trecho acima foi dito, indiretamente, que as roupas podem obstruir a circulação sanguínea pelo corpo e, esta circunstância,

Leaves the blood to become impure, and induces congestion of the brain and lungs, and causes diseases of the head, the heart, the liver, and the lungs. The fashionable style of woman's dress is one of the greatest causes of all these terrible diseases. (White, 1868, p. 21)

A moda da época sugeria o uso de vestidos apertados na cintura e, principalmente, espartilhos. Como vimos no capítulo anterior, Ellen White criticou severamente o uso do espartilho, pelos impactos que identificou como negativos no funcionamento orgânico. As críticas ocorreram numa época em que o espartilho era popular entre as mulheres.

A popularização do espartilho no século XIX foi descrita como uma consequência da Revolução Industrial e a democratização da moda. O espartilho era

Uma peça do vestuário feminino baseada na sustentação do tronco e na redução da cintura por meio de barbatanas metálicas e amarrações nas costas. Durante o século XIX, a maioria das peças consistia de metal ou barbatana de baleia, envoltos em tecidos resistentes, e era fechado por laços que passavam por ilhoses (conforme esses laços eram apertados, o tronco era mais ou menos comprimido. [...] O propósito do espartilho era levantar e dar forma aos seios, melhorar a postura, e diminuir levemente a cintura, atribuindo ao tronco a forma de ‘V’ (Fernandes, 2010, p. 9).

A princípio, o espartilho era usado como acessório para alongar e atribuir curvas ao corpo das mulheres. Na década de 1870, no entanto, outra função foi atribuída ao espartilho, de caráter moral. Num período em que se relacionava a roupa à moralidade, o espartilho era uma ferramenta para a preservação do respeito à mulher, também sendo essencial para a feminilidade.

Para Fernandes, e como já vimos nesta tese, a mulher era vista socialmente no século XIX como mais frágil que o homem, inferior a este, naturalmente vaidosa, um ser da paixão, da imaginação, sendo inferior intelectualmente em relação ao homem, à mulher foi atribuído o papel natural de reprodução. Em finais do século XVIII e princípios do século XIX era comum a perspectiva de que “por causa da inferioridade intelectual e sexual, sua incapacidade de raciocínio, que às mulheres cabe apenas o papel natural da reprodução da espécie” (Fernandes, 2010, p. 14).

A mulher também foi descrita como um ser entre o anjo e a criança, completamente dependente da figura masculina. Isto foi se estendendo ao longo do século XIX, de modo que as mulheres foram associadas ao espaço privado, sendo símbolos deste espaço por sua suposta fragilidade biológica e, por isto, deveria ser protegida do público (mundo exterior). Com isto reforça-se a compreensão da mulher enquanto dependente do homem, tendo por responsabilidade o cuidado dos filhos e do lar (Blay, 2001).

Este debate em torno do espartilho também foi tecido considerando as classes a que as mulheres pertenciam: burguesia ou operária. No primeiro caso, as mulheres eram rigorosamente reservadas ao privado, sequer tinham participação nas finanças e tudo ficava a cargo do marido, como descrito. No entanto, nos meios operários ou populares urbanos, as mulheres contribuíam com as finanças, ou seja, era “socialmente aceitável” que circulassem pelas cidades para que obtivessem renda.

Logo, temos duas classes de mulheres: as mulheres burguesas, conhecidas como as “senhoras do lar” e as operárias “donas de casa”. Esta categorização também se notava nas diferentes funções atribuídas às duas classes:

À dona de casa cabia dar à luz e criar seus filhos, cuidar da manutenção da família, dos trabalhos domésticos não-remunerados (alimentação, aquecimento, conservação da casa e das roupas, transporte de águas etc.). A dona de casa ainda dependia do salário do marido, mas à diferença da burguesa, realizava outros serviços para contribuir com a renda da família, como atividades comerciais (venda em bancas ou cestos), faxina, lavagem de roupas, trabalhos de costura, tomar conta de crianças, recados e entregas domésticas. Suas tarefas implicavam circulação pela cidade. Nesse sentido, ela era mais livre para andar pela cidade do que a burguesa, que tem uma relação interior/exterior muito mais regulada (Fernandes, 2010, p. 18).

Ressalte-se que, neste caso, as mulheres do operariado também atuavam ao lado de homens, como em minas, não estando inteiramente vestidas, como normalmente era visto naquela época. Deste modo, as diferenças entre as classes (burguesia e operariado) tornam-se mais nítidas, e isto também se verificou no uso de espartilhos.

O uso de espartilho pela burguesia e pela classe trabalhadora foi diferente, o que resultou em uma forma de competição feminina. Enquanto as mulheres da burguesia usavam a peça para reforçar e proteger sua distinção social, as trabalhadoras, em parte, a utilizavam para ofuscar ou fugir de sua origem, com a esperança de ‘entrar no mundo melhor’ (Fernandes, 2010, p. 19).

A distinção entre as mulheres também se verificou no modo como utilizavam os espartilhos: espartilho justo impossibilitava a mulher para trabalho, significando que esta

então pertenceria à burguesia. Já as mulheres da classe operária, por conta do trabalho exaustivo e da rotina, optavam pelos *jumps*, um modelo mais frouxo e que garantia uma melhor mobilidade durante no trabalho. Além disto, pensava-se que espartilhos com cordões bem apertados significavam virtude enquanto espartilhos frouxos denotavam moral duvidosa por parte de quem os usava. Deste modo, distinguia-se as mulheres também pelo vestuário. O padrão de beleza e de moral da época presumia o uso de sapatos e luvas justos, vestido e espartilho. Sendo assim, uma mulher da classe trabalhadora que fizesse uso de espartilhos e das demais peças/acessórios teria a possibilidade de ascender socialmente caso conseguisse casar-se com um homem de recursos, por estar seguindo os padrões da época.

O espartilho também gerou debates e polarizações no campo da medicina que, em parte, se opôs ao seu uso por causar deformidades nos órgãos internos e prejudicar a respiração das mulheres. O vestuário feminino pesava entre cinco e quinze quilos, “composto de espartilho, camadas de corpetes, três ou mais anáguas, uma armação de saia ou crinolina, um vestido comprido, além de acessórios como xales, toucas ou chapéus” (Fernandes, 2010, p. 20).

Contrapondo-se ao uso do espartilho, White (1871) sinalizou que a compressão da cintura das mulheres, pelo uso desse acessório, causava o enfraquecimento dos músculos e dos órgãos que atuam na respiração, como pulmões e o coração. Isto, por sua vez, dificultava a respiração. Mas, além destas dificuldades, Ellen mencionou que o espartilho também ocasionava abortos espontâneos. Ressalte-se que Ellen identificou outros males causados pelo espartilho, como tornar o sangue viciado, a partir do momento em que há a compressão dos pulmões e, por isso, não receberem oxigênio suficiente; além de enfraquecer, como mencionamos acima, o espartilho gera a sobrecarga dos órgãos vitais como fígado, coração e pulmões. Uma das preocupações de Ellen com esse quadro de circulação aquém do necessário são os efeitos sobre o cérebro. Ela relacionou a congestão cerebral ao sangue viciado (White, 1877).

Ellen se referiu à moda da época como sendo adoecedora por implicar no uso de roupas que, como mencionado, causavam congestionamento sanguíneo pressionando partes do corpo ou, ainda, não protegiam as extremidades do corpo (dedos, mãos e pés) em períodos de inverno, interferindo também na circulação. A seu ver, o frio representa um risco à circulação do sangue, quando não se utiliza agasalhos ou roupas que aqueçam o corpo como um todo. Neste sentido, criticou a moda porque a vestimenta da época também não protegia contra o frio. Nesses casos, o sangue se concentra em órgãos mais internos, localizadas na

região do tórax, pelo uso de agasalhos que aquecem esta região. Por outro lado, as extremidades do corpo geralmente encontram-se descobertas e expostas ao frio, não recebendo a circulação ideal. O sangue circula com dificuldades nessas regiões e retorna resfriado para o coração e pulmões culminando em uma inflamação do cérebro e em outros quadros, como convulsões (White, 1872a).

Neste último caso, Ellen se referiu, principalmente, às crianças e ao vestuário que não as protegia do frio, além de, no caso das meninas, pressionarem a cintura e outras regiões do corpo. Durante o inverno, as meninas eram vestidas com saias curtas, de modo que os pés e outros membros ficavam expostos ao frio. No máximo se utilizava uma meia fina para cobrir os tornozelos e, deste modo, o sangue circulava com dificuldades nessas regiões. Nesses casos, White (1874) recomendou a utilização de lã sobre essas regiões, para que as crianças não sofressem de nenhuma congestão ou inflamação no cérebro, no coração, como em outros órgãos. O conceito de doença, para Ellen, parte da não distribuição equilibrada do sangue. Por exemplo, no caso de regiões desprotegidas e expostas ao frio, o coração atua de modo forçado para distribuir o sangue nessas regiões e, com isso, enfraquece. Com o enfraquecimento do coração, segue-se a palpitação, dores no coração, acompanhadas por um colapso generalizado e, por fim, a morte (White, 1874).

A preocupação com o traje infantil, neste caso, relaciona-se à proteção em relação ao clima mas, historicamente, percebe-se como o vestuário infantil sofreu mudanças e isto, de certo modo, articula-se à compreensão da infância ao longo dos séculos. Até o século XIII a infância permaneceu indiferenciada da fase adulta, sendo pouco particularizada no cotidiano e se pôde chegar a esta conclusão observando os trajes utilizados pelos infantes em imagens e gravuras que representavam famílias, como Ariès descreve em seu famoso trabalho (Ariès, 2014a), onde observou que “assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno do seu corpo, ela era vestida como outros homens e mulheres de sua condição” (Ariès, 2014b, p. 70) e isto ocorria logo nos primeiros anos de vida. Sendo assim, o traje medieval relacionado à infância era similar ao traje adulto.

No século XVI, entretanto, foram identificadas algumas mudanças na maneira como as crianças eram vestidas, sobretudo os meninos. As crianças menores (os meninos), que contavam entre 8 meses até aos dois anos de idade, aproximadamente, usavam saia, vestido e avental; sendo este um hábito durante o século XVI. Quando estava começando a caminhar colocava-se tiras em seu vestido, usadas como guias para auxiliá-la. Isto era comum até os quatro, cinco anos de idade. Aqui, destaca-se que as meninas continuavam sendo vestidas

como mulheres adultas, “a separação entre crianças e adultos ainda não existia no caso das mulheres” (Ariès, 2014b, p. 71).

Com isto, nos questionamos o que seriam os vestidos. Segundo Ariès (2014, p. 75),

O vestido das crianças nada mais é do que o traje longo da Idade Média, dos séculos XII e XIII, antes da revolução que substituiu no caso dos homens pelo traje curto, com calças aparentes, ancestrais do nosso traje masculino atual. Até o século XIV, todo o mundo usava um vestido ou túnica, mas a túnica dos homens não era a mesma das mulheres. Geralmente era mais curta, ou então aberta na frente.

Foi passagem do século XVI para o século XVII que o traje para as crianças (meninos e meninas) passou a contar com um ornamento não encontrado no traje das mulheres adultas, marcando então uma diferença entre a infância e a adultez. Este ornamento consistia em duas fitas largas que eram presas aos vestidos, atrás dos ombros e pendentes nas costas, descritas como signos da infância neste período compreendido entre os séculos XVII e XVIII. Essa distinção da criança que, inicialmente, era trajada como os adultos, foi reforçada por trajes abandonados pelos adultos, por exemplo, o vestido, as túnicas e as toucas. No século XIII, a touca ainda era usada por homens adultos, para prender o cabelo durante o trabalho. As mudanças no vestuário contribuíram para a separação da infância da adultez. No entanto, o que Ellen estava sinalizando era que as roupas infantis não eram suficientes para protegê-las do clima.

Este debate ocorreu em um período em que os médicos, majoritariamente, procuravam estabelecer diferenças entre os sexos, partindo da perspectiva de que o sexo feminino era uma versão inferior do masculino. Sendo assim, as mulheres eram responsabilizadas quase que exclusivamente pela procriação, pela educação e pelo cuidado dos filhos, os cuidados domésticos etc., como dissemos acima. Essa perspectiva machista também repercutia na compreensão médica das doenças que acometiam as mulheres.

Alguns médicos inclusive declararam que a causa das doenças femininas era a educação superior, aquela que não era voltada para as artes domésticas. Médicos que simpatizavam tanto com os movimentos feministas quanto com a reforma do vestuário eram minoria. A maioria que apoiava a abolição do espartilho, e que encorajava as

mulheres a buscarem educação superior, acreditava que essa educação deveria estar voltada a seus afazeres domésticos (Fernandes, 2010, p. 33).

O espartilho foi criticado também por gerar enfraquecimento da musculatura abdominal, podendo atrofiá-la e, acrescente-se, o seu uso prolongado provoca deformações na costela. Entre os males provocados pelo uso do espartilho também se situa a compressão do diafragma, resultando na redução da inspiração e, deste modo, impactando também o funcionamento pleno dos pulmões.

Esta oposição ao espartilho culminou no que ficou conhecido como Reforma do Vestuário, inicialmente protagonizada por Amelia Bloomer (1818 - 1894), que passou pela Inglaterra com o objetivo de divulgar um traje feminino conhecido como *bloomer*. O *bloomer* era composto por um corpete, por uma saia que se estendia até abaixo do joelho e, sob a saia, calças que se estendiam até o tornozelo, como alternativa ao espartilho. Além do *Bloomer*, os vestidos da reforma também surgiram como alternativas e críticas aos espartilhos. O vestido da Reforma era semelhante aos trajes medievais e renascentistas.

Este Vestido não afeta a circulação e a respiração, além de proteger os membros inferiores e favorecer a prática de atividades físicas por não pressionar a cintura e outras regiões do corpo das mulheres. Os Vestidos da Reforma deveriam ir até entre 23 e 25cm do chão, para que os membros inferiores não ficassem descobertos. Destaque-se que Ellen também criticou o uso de vestidos longos por dificultarem a locomoção e, por terem contato com o chão, levava as mulheres a arrastarem, na base do vestido, lixos e contaminação para o interior de suas residências.

O Vestido da Reforma gerou um embate entre os médicos pois não havia uma perspectiva hegemônica acerca do uso do espartilho. Em parte, aceitava-se a utilização do espartilho tendo como pressuposto a fragilidade do corpo feminino e a falta de sustentabilidade inerente a esta condição. Deste modo, o espartilho conferiria ao corpo feminino a sustentabilidade. Por outro lado, condenava-se o espartilho, pois se entendia que este causava constrição do estômago, bem como dificuldades no controle da micção, além de anemia entre outras doenças. Acrescente-se que

Apesar de boa parte dos profissionais apoiarem a reforma do vestuário no que se dizia respeito à saúde, eles eram frequentemente hostis às ambições de reformistas do

vestuário que acreditavam que o vestuário feminino e os direitos de mulheres eram assuntos praticamente indivisíveis (Fernandes, 2010, p. 32).

De modo geral, a moda foi criticada por Ellen, que não deixou de se referir aos penteados da época. O penteado de então, sobretudo o feminino, era composto por tranças muito justas. Para White (1871), este penteado aquecia a região e excitava os nervos espinhais localizados no cérebro. Isto ocorria devido à concentração de sangue no cérebro e resultava num enfraquecimento da moral ou, ainda, corrompia o funcionamento da mente e do coração pelo desequilíbrio da circulação sanguínea. A seu ver, mentes desequilibradas são mentes queixosas, sem a total capacidade de discernimento, tanto que relacionou o vestuário à mente, no sentido de que, pelo vestuário, lê-se a mente, podendo-se atribuir-lhe um estado saudável ou doentio. Essa descrição remete ao princípio de circulação sanguínea equilibrada, a base do conceito de saúde para esta autora.

Em torno desta compreensão de saúde, Ellen White concentrou-se em outros temas relacionando-os à circulação sanguínea – como a prática de atividade física, contato com a natureza, entre outros – o que compreendemos como meios de possibilitar um equilíbrio entre o físico e mental, sendo este mais um aspecto fundamental para se desfrutar de saúde. Se as roupas da moda prejudicavam a saúde gerando doenças, por diversos motivos, nos chamou atenção a aprovação de Ellen ao Vestido da Reforma que, entre outros benefícios, permitia a prática de atividade física. Este tema imiscuiu-se a outros no decorrer dos artigos de sua autoria, um dos quais é a invalidez.

Entre as causas de invalidez sinalizadas por White (1868a) estão o sedentarismo e o trabalho mental constante. O sedentarismo causa sobrecarga dos órgãos e, relacionando isso à dieta, Ellen ressalta que o próprio cérebro, fica sobrecarregado pela alimentação que não é dispendida em atividade física. Por outro lado, quando se referiu ao excesso de atividade mental, propôs que houvesse o descanso das faculdades mentais pelo desgaste causado por essa atividade. Em ambos os casos foi indicada atividade física. Sobre isto, lê-se que

Some who have broken down because of too much brain-labor, and not enough physical exercise, feel disinclined to enjoy out-door exercise. If they cease brain-work, they do not wish to do anything. And it is difficult for these to recover health, for the reason that it is nearly impossible to control their minds. Their active minds, when not otherwise engaged, will be dwelling upon themselves. The imagination is diseased,

and they often think themselves in a deplorable condition when they are not. Give such suitable employment, and let them feel that their lives are not useless', but that they are doing some good, although it be but little, and they will be far less inclined to dwell upon themselves. Pleasing out-door labor is the grand remedy for such. Let their time be divided. Let them spend a portion of each day in pleasant in-door occupations, a portion out in the air and sunshine, working among vegetables, fruits, flowers and plants, and a portion in rest. This doing system is a great blessing to both body and mind. While doing something, the mind is diverted from self, and has something to do besides chasing after symptoms, aches and pains. And physical exercise will bring into use muscles and nerves that have been inactive, and have become weak for want of use. As these invalids exercise and strengthen their feeble, flabby muscles, the brain becomes less inclined to wearing activity. The work now becomes better divided between the organs of the system. (White, 1868a, p. 1-2)

No decorrer de uma das matérias sobre invalidez, White (1872c) se referiu ao cérebro como a capital do corpo e aos nervos cerebrais como reguladores do corpo. Na ocasião, discorreu a respeito de como o cérebro se comunica com o corpo e, a partir disso, como o corpo do inválido reage a uma intervenção médica - que consiste em cura pelo banho, o que hoje conhecemos como hidroterapia ou terapia aquática. Sendo assim, lê-se que

[...] By the brain nerves, mental impressions are conveyed to all the nerves of the body, as by telegraphic wires, and they control the vital action of every part of the system. All the organs of motion are governed by the communication they receive from the brain. If invalids receive the idea that a bath will injure them, the mental impression is communicated to all the nerves of the body. The nerves control the circulation of the blood ; therefore the blood is, through the impression of the mind, confined to the blood-vessels, and the good effect of the bath lost, because the blood is prevented by the mind and will from flowing readily, and from coming to the surface and stimulating, arousing, and promoting circulation [...] (White, 1872c, p. 187)

A hidroterapia, reabilitação aquática ou fisioterapia aquática consiste na utilização da água no estado sólido, líquido ou gasoso como forma de terapia. O registro da utilização da

água para esta finalidade é muito antigo, desde 2400 a.C quando os hindus e outros povos utilizavam a hidroterapia para combater a febre.

Há outros nomes para a utilização da água para fins terapêuticos, como hidrática, hidroginástica, terapia pela água etc., sendo que as expressões mais utilizadas são reabilitação aquática ou hidroterapia (esta, do grego “*hydor*”, “*hydatos*” = água + “*therapeia*” = tratamento). O uso da água para fins terapêuticos pode ocorrer de inúmeras maneiras, por exemplo, hidroterapia oral, duchas quentes ou frias, saunas, entre outras.

Na civilização grega, por volta de 500 a.C, as escolas de medicina eram criadas próximas às fontes, para que se promovesse a cura por meio do banho. Deste modo, Hipócrates utilizou a hidroterapia como técnica de cura em pacientes que sofriam de doenças reumáticas, neurológicas, icterícia, espasmos musculares e doenças articulares.

Durante o Império Romano, o banho foi utilizado para a higiene e prevenção de lesões nos atletas. Destaca-se que eram banhos onde se variava a temperatura da água, “desde muito quentes (*caldarium*), mornos (*tepidarium*) até mais frios (*frigidarium*)” (Biasoli & Machado, 2006, p. 225). Com o tempo, esses banhos foram sendo utilizados para repouso, atividades intelectuais e recreativas. Na década de 330 d.C, no entanto, os banhos foram destinados, principalmente, à cura e tratamento de doenças reumáticas, paralisias e lesões.

Já na época moderna, em 1700 o médico alemão Johann Siegmund Hahn (1696-1773) propôs o uso da água para o tratamento de doenças, como úlceras. Embora a hidroterapia tenha sido empregada anteriormente, como vimos acima, reconhece-se que seu surgimento enquanto hidroterapia científica ocorreu com o médico Sir John Floyer (1649-1734) na década de 1690, com a publicação de trabalhos como “*An inquiry into the right use and abuse of hot, cold and temperate baths*” (Floyer, 1697).

As perspectivas de Floyer foram se disseminando porque influenciou

O professor Fridrich Hoffmann da Universidade de Heidelberg para incluir as doutrinas de Floyer em suas aulas. De Heidelberg, esses ensinamentos foram levados para a França. Depois disso, o Dr. Currie, de Liverpool, Inglaterra, escreveu trabalhos relatando sobre hidroterapia, fornecendo-lhe uma base científica em seus experimentos. Esses trabalhos foram traduzidos em várias línguas. (Cunha et al., 1998, p. 127)

Na Alemanha, o fundador da Igreja Metodista, John Wesley (1703 - 1791), publicou em 1747 a obra “An easy and natural way of curing most diseases”, onde se referiu ao uso da água para fins terapêuticos, disseminando, portanto, tal perspectiva já veiculada pelo Dr. Currie, na Inglaterra. Segundo Cunha et al. (1998), os banhos quentes com vapor, precedidos por banhos frios, tornaram-se uma tradição, sendo popularizados por gerações.

No século XIX, a hidroterapia prosseguiu com técnicas que incluíam compressas e banhos sedativos. Na década de 1830, Vicent Priessnitz (1799 - 1851) utilizou banhos ao ar livre para o tratamento de doenças. Esses tratamentos consistiam em banhos frios, banhos de chuveiro e bandagens. Essas técnicas foram modificadas pelo naturalista Sebastian Kniepp (1821 - 1897), alternando aplicações de água fria com morna e, depois, banhos onde o paciente imergia parte do corpo em tanques ou piscinas com temperaturas diferentes. Seus tratamentos por meio da água também consistiam em molhar o corpo em duchas e banhos em chuveiros onde a água estivesse com temperaturas diferentes (Biasoli & Machado, 2006).

Ainda no século XIX, houve a fundação da Escola de Hidroterapia e Centro de Pesquisa em Viena, pelo professor austríaco Winterwitz (1834-1912), que também lançou as bases fisiológicas da hidroterapia. Nesse instituto recebeu alguns alunos estrangeiros, dos quais o Dr. Kellog, mencionado no capítulo 2 desta tese, que contribuiu com Winterwitz no decorrer dos estudos sobre os efeitos fisiológicos de aplicações de calor e frio, bem como em pesquisas a respeito dos fundamentos da hidroterapia (Cunha et al., 1998).

Outro americano que se interessou pela pesquisa sobre hidroterapia foi o Dr. Simon Baruch, que também viajou para Europa a fim de estudar com o Dr. Winterwitz. Entre os temas que investigou estão “os princípios e métodos da água como tratamento de várias doenças como febre tifoide, gripe, insolação, tuberculose, neurastenia, reumatismo crônico, gota e neurite” (Cunha et al., 1998, p. 128). Dr. Baruch é tido como o primeiro professor de hidroterapia na Universidade de Columbia (Biasoli & Machado, 2006).

Cunha et al. (1998) sinalizaram também para o conceito de *spa*, um local cuja estrutura é construída em um local na natureza onde há a presença de uma nascente natural. O *spa* mais antigo nos Estados Unidos ficou conhecido como Berkeley Springs, localizado em West Virginia, na segunda metade do século XVIII. Os autores ressaltaram que “muitas pessoas que sofriam de reumatismo visitaram esse lugar em que as águas eram ditas curativas” (p. 128). O *spa* então tornou-se um hotel com a capacidade para abrigar até 2000 pessoas.

No entanto, o *spa* mais famoso nesse país foi o Saratoga Springs, em Nova Iorque. As águas deste *spa* foram consideradas medicinais na década de 1790 e, em 1794, construiu-se

uma estrutura contendo casa para banhos e chuveiros destinados a pessoas com deficiência física.

O uso da água para fins terapêuticos fazia, portanto, parte da cultura em que Ellen White foi criada. Assim, para ela (White, 1872c), o banho torna os músculos mais flexíveis e revigora a mente e o corpo, contribuindo para que o intelecto se torne mais claro, restaurando as faculdades mentais, de modo que retornem ao seu pleno funcionamento. Isso também restauraria o inválido por sedentarismo ou por excesso de atividade mental, caso o paciente avaliasse positivamente a intervenção médica. O banho possui outros benefícios, a saber, acalma os nervos, renova a energia de alguns órgãos como o estômago e o fígado. Até a digestão foi relacionada ao banho, como sendo uma atividade potencializada por ele. Além disso o banho contribui com a circulação sanguínea e, com isto, previne-se até mesmo o resfriado.

No entanto, quando a vontade do paciente se opõe à intervenção médica

[...] The brain sends this intelligence- to the nerves of the body, and the blood-vessels, held in obedience to their will, cannot perform their office and react after a bath. There is no reason in science or philosophy why an occasional bath, taken with studious care, should do any one anything but real good. Especially is this the case where there is but little exercise to keep the muscles in action, and to aid the circulation of the blood through the system. Bathing frees the skin from accumulation of impurities which are constantly collecting, keeps the skin soft and supple, thereby increasing and equalizing the circulatio. [...]" (White, 1872c, p. 188)

Este trecho reforça um conceito também mencionado por Ellen em outro artigo (White, 1871a), onde enfatizou a noção de que a vontade atua sobre o corpo. Isto está presente em uma definição da etiologia da doença: a de que doença ocorreria por falta de vontade. Por meio do trecho acima notamos como Ellen relacionou a atividade cerebral à cura, enquanto a vontade decorre de uma avaliação da situação que, por meio do cérebro, seria comunicada aos nervos do corpo e aos vasos sanguíneos, submissos ao cérebro. É neste sentido que afirmou o protagonismo do cérebro, de que tudo é cérebro, inclusive em se tratando de cura de doenças. Em outros momentos do artigo, atribuiu à mente o processo de cura do corpo e, à medicina, o preparo da mente do paciente para lidar com esse processo. Deste modo, compreendemos que

isto poderia ter motivado Ellen a ter discorrido incansavelmente sobre saúde mental ou, ainda, sobre como se obter saúde mental.

Até o momento nos concentramos sobre a perspectiva whiteana sobre a alimentação, o equilíbrio entre o físico e mental – onde até a circulação sanguínea foi assunto – e a moda, como sendo uma ameaça a saúde mental. Embora Ellen White tenha se referido à saúde mental como tendo base orgânica, em outros momentos relacionou a saúde mental ao convívio com outras pessoas, à experiência de estar em contato com a natureza ou, ainda, ao trabalho que, a seu ver, é uma dádiva divina (White, 1876), aproximando-se daquela discussão de Weber (2004) que nos referimos em capítulos anteriores. Deste modo, Ellen considerou o que identificamos como sendo a **base psicossocial** de parte dos conceitos psicológicos ao longo dos artigos que publicou. Vale ressaltar que parte dessa discussão já foi considerada no capítulo 2 desta tese, quando discorreremos sobre as influências materna e paterna na formação dos filhos. A seguir nos debruçaremos sobre este assunto.

### 3.3 **Base Psicossocial: natureza, relações humanas e trabalho.**

Por meio da análise do referencial teórico whiteano realizado neste trabalho, é possível afirmar que, para Ellen, o ser humano se constitui através da interação que estabelece com outras pessoas e, nessa experiência, transforma o outro e modifica a si mesmo. Estas interações ocorrem em ambientes como trabalho, escolas e, também, no lar, onde o ser humano recebe, por meio da família, a primeira comunicação com os valores e normais sociais (Torres & Neiva, 2011). No entanto, Ellen sinalizou outros aspectos em relação a estes assuntos, como discutiremos a seguir.

Inicialmente, White (1873) apresentou o trabalho enquanto uma necessidade para a formação do ser humano, devendo ser desenvolvido desde a infância, pois confere às crianças uma constituição firme, por meio do desenvolvimento físico e mental. O trabalho também foi compreendido por White como benéfico para o desenvolvimento da mente e da moral, como lemos abaixo.

[...] The physical should be cultivated and properly developed, as well as the mental. The first and constant care of parents should be that their children may have firm

constitutions, that they may be sound men and women. It is impossible to attain this object without physical exercise. Children, for their own physical health and moral good, should be taught to work, even if there is no necessity as far as want is concerned. If they would have virtuous and pure characters, they must have the discipline of well-regulated labor, which will bring into exercise all the muscles. The satisfaction children will have in being useful, of denying themselves to help others, will be the most healthful pleasure they ever enjoyed [...] Physical labor will not prevent the cultivation of the intellect. Far from this. The advantages gained by physical labor will balance them, that the mind shall not be overworked. The toil will then come upon the muscles, and relieve the wearied brain. [...] A sound body is required for a sound intellect. [...] All the powers of the mind should be called into use, and developed, in order for men and women to have well-balanced minds. The world is full of one-sided men and women, because one set of the faculties are cultivated, while others are dwarfed from inaction. [...] (White, 1873, p. 125)

O trabalho foi relacionado à atividade física e aos benefícios associados a esta, principalmente aqueles que decorrem da circulação sanguínea equilibrada pelo corpo, ou pela atuação do corpo e da mente durante o desenvolvimento do trabalho, de modo que não ocorra a sobrecarga de um destes. Por aumentar a circulação sanguínea, o trabalho reduz a quantidade de impurezas no sangue (White, 1873b).

Chamou-nos à atenção o valor atribuído ao trabalho enquanto formador do caráter humano. Partindo desse pressuposto é que Ellen, em outros momentos, estendeu críticas ao sistema escolar de sua época, que confinava as crianças em salas de aula por um período muito extenso e, por isso, não desenvolviam trabalhos manuais, não se envolviam com atividade física suficientes para a saúde física e mental (White, 1873b).

Pelo excesso de atividade intelectual e confinamento em salas de aula, geralmente pouco ventiladas, o cérebro sofre pressão, enquanto os nervos tornam-se enfraquecidos pela ausência de atividades que envolvam os músculos. Este quadro, para White (1873b), contribui para que os estudantes passem a ter desejos incontroláveis por mudança e divertimentos excitantes. Novamente estamos diante da discussão em torno do equilíbrio entre o físico e o mental e, não por acaso, Ellen sugeriu que houvesse alternâncias entre atividades intelectuais e físicas nas escolas, pois isto contribuiria para que os alunos fossem capazes de suportar um

esforço mental sem prejuízos e com o caráter estável. A seu ver o trabalho possui o papel de ocupar a mente, fortalecer o corpo e desenvolver, então, as faculdades físicas e mentais.

Por outro lado, Ellen também listou uma série de consequências para o que definiu como “inação” (White, 1876, p. 266), expressão atribuída ao estado em que há ausência de trabalho ou de atividade física: aquisição de vícios, propensão à leitura de romances – que se referiu como sendo um hábito maléfico, capaz de tornar a mente doentia, por meio de fantasias; os jovens tornam-se sentimentais pelos pensamentos gerados pela leitura deste conteúdo – entre outras. Nessa perspectiva de trabalho, Ellen foi adiante e relacionou a inação ao crime, pois compreendeu que a ociosidade “avilta” a alma, pois ocorre o enfraquecimento do entendimento.

O trabalho, então, foi descrito como uma dádiva divina, devendo ser desempenhado com excelência. Por isto, a ociosidade foi relacionada ao diabo que, por sua vez, cumpriria seus propósitos de arruinar o ser humano por meio da condição degradante decorrente da inação, que resulta em hábitos prejudiciais. Portanto, para esta autora, o trabalho, além de equilibrar a mente, proporciona o cultivo do intelecto. Outro aspecto relacionado ao trabalho realizado em contato com a natureza são consequências como a redução da ansiedade, do estresse, bem como a perda de interesse por hábitos prejudiciais à saúde física, mental e moral (White, 1871b).

Em relação à educação de crianças, Ellen enfatizou alguns cuidados, seguindo a perspectiva religiosa que partilhava. As crianças deveriam ser instruídas para que, desde cedo, estivessem em contato com o trabalho, doméstico ou manual, de modo que sua atenção estivesse voltada para essas atividades e não ficasse vulnerável às influências da moda, que já descrevera como prejudiciais e uma ameaça a saúde (White, 1874b).

Outro artigo publicado por Ellen (White, 1872b) também veiculou a concepção de que, até mesmo em casos de invalidez, o trabalho moderado deveria ser recomendado para que os doentes, pois deste modo usufruiriam do contato com a natureza e da comunicação com outras pessoas. Estes aspectos foram considerados por Ellen como necessários para a sua recuperação, já que o conceito de saúde, a seu ver, envolve ar puro, atividade física e atividade intelectual.

Os temas mencionados neste capítulo – controle alimentar e faculdades intelectuais; saúde mental e equilíbrio físico e mental; base psicossocial – foram considerados relevantes no pensamento de Ellen pela frequência que apresentaram nos artigos publicados, bem como pelo modo como foram articulados durante a consideração de determinados conceitos ou na

descrição de quadros compreendidos como patológicos. Isto está presente sobretudo em suas reflexões em torno da saúde mental, onde se referiu a inúmeros aspectos que, a seu ver, impactariam nessa dimensão da vida humana, que também relacionou a sua perspectiva religiosa. Esta, por sua vez, está presente em todos os níveis de sua análise, desde a escolha dos temas até a determinação de causalidade e consequências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese investigou como Ellen White se referiu à psicologia em dois periódicos estadunidenses – *Health Reformer* e *Good Health* – onde publicou quase uma centena de artigos sobre a teologia, a medicina, a moda, a Psicologia, entre outros temas. A princípio, tínhamos em mente outros jornais como fontes primárias para esta pesquisa, o *The Adventist Review and Sabbath Herald* e o *Signs of The Times*. Porém, por meio de uma revisão cuidadosa, percebemos que estes eram jornais onde circulavam artigos de cunho teológico, onde Ellen White mais se referiu às doutrinas da IASD, como a guarda do sábado, a salvação pela fé etc. Isto nos motivou a repensar as fontes, até que encontramos o *Health Reformer*, o primeiro jornal da IASD centrado no tema da saúde e que teve como público-alvo a população em geral. Nele, Ellen White procurou discorrer sobre como obter melhor saúde e como evitar hábitos adoeceadores nas dimensões física e mental.

Inicialmente, imaginávamos que a sua produção sobre a psicologia consistisse, exclusivamente, em críticas ao magnetismo animal e à frenologia, as principais teorias do século XVIII e XX. (White, 1904). No entanto, após revisão sistemática de suas publicações no *Health Reformer* e no *Good Health*, fomos surpreendidos com outras abordagens em torno da psicologia – o equilíbrio entre o físico e o mental; a importância do controle alimentar para a saúde mental etc. Com isto, não estamos dizendo que Ellen deixou de fazer menções a temas religiosos, mas que relacionou estes assuntos à Psicologia de diversas maneiras. Em um desses casos, disse que quando o cérebro tornava-se indisposto pelo excesso de atividade intelectual, a pessoa tornava-se vulnerável à influências de Satanás (White, 1868a).

No geral, a surpresa ocorreu em função da minha experiência confessional. Por ser adventista desde a infância, era comum ouvir relatos sobre a Psicologia através de pastores e líderes da denominação que, por vezes, se apropriavam de Ellen White em suas apresentações. Nestas ocasiões, concentravam-se nas críticas feitas por Ellen à hipnose, ao ato de permitir que outras pessoas “controlassem” a nossa mente. Em outros momentos referiam-se à psicologia enquanto uma área “perigosa” ou uma ameaça à fé, se o(a) terapeuta não partilhasse dos mesmos princípios cristãos. Embora Ellen tenha criticado a psicologia e tenhamos considerado isto, percebemos outras maneiras de se referir a esta área por meio da revisão atenta dos seus artigos.

Por exemplo, Ellen partiu do pressuposto de que a saúde está diretamente relacionada à distribuição equilibrada do sangue pelo corpo e, então, todos os fatores que dificultavam este processo deveriam ser evitados. Quando criticou o uso de espartilho, considerou que este acessório dificultava a circulação do sangue por pressionar a região da cintura e, por isso, o cérebro não recebia a devida oxigenação e tal condição interferia na capacidade de discernimento e isto também já implicava numa doença, a seu ver.

O espartilho era um acessório comum naquela época, mas Ellen também criticou outras roupas que estavam na moda, como os vestidos e agasalhos que não protegiam as extremidades do corpo contra o frio. Quando expostas ao frio, as extremidades deixavam de receber o sangue idealmente, pois este permanecia nas regiões do corpo mais aquecidas por agasalhos, geralmente a região do tórax. Novamente estamos diante da circulação sanguínea prejudicada, uma ameaça à saúde segundo White (1873). Esta atenção que Ellen dava a aspectos do cotidiano, como o vestuário, e o relacionava tanto ao conhecimento científico de que dispunha quanto às suas convicções religiosas é um dado que percorre todos seus textos.

Para Ellen, não é possível usufruir de saúde mental na ausência de saúde física e vice-versa. Em seus textos, tece relações diretas entre os benefícios da atividade física e aos riscos do sedentarismo, bem como sobre os benefícios do controle alimentar,

Como um dos interesses centrais do adventismo em seus primórdios era a evangelização, a busca de novos adeptos, vimos que isto está presente em Ellen por meio de seus textos sobre a infância e a educação insiste que os pais – principalmente a mãe – deveriam observar o modo como estão “vestindo” os seus filhos, pois a roupa impacta diretamente na saúde. A mãe deveria atentar também para a alimentação, evitando o consumo de açúcar pelos filhos, para que isto não desencadeasse um apetite pervertido e comprometesse o caráter dos infantes.

Acompanhando a perspectiva de relações de gênero da época, e o papel reservado à mulher, observamos que a formação do caráter infantil era atribuída por Ellen White quase que exclusivamente, à figura materna e, por esse motivo, a mãe deveria ter saúde física e mental para arcar com esta responsabilidade (White, 1872d). De qualquer forma, Ellen não se esqueceu dos pais, reservando-lhes o papel de modelo moral. Assim, o pai não deveria ter vícios, deveria ter controle sobre os próprios apetites para que a sua influência fosse eficaz no processo de educação dos filhos. Em síntese, e o pai, assim como a mãe, necessita de autodisciplina para que tenha paciência e simpatia com os filhos; por meio do autocontrole os pais teriam êxito na educação dos filhos, que aprenderiam pelo exemplo

Também neste processo se situa a necessidade de orientar as crianças no lidar com os próprios desejos, de modo que desenvolvam o autocontrole. Este processo não deveria ser fundamentado em punições – o que o behaviorismo radical viria a propor anos depois, mas no exemplo fornecido pelos pais.

Ainda em relação ao tema da educação dos infantes, é importante ressaltar as críticas feitas por Ellen ao sistema educacional da época, tanto em relação ao longo período de confinamento em salas de aula pouco ventiladas, quanto à falta de atividades físicas, proposta que se aproxima dos ideais da Escola Nova que se fixará no século XX.

Por meio das recomendações e críticas às propostas pedagógicas da época, observamos o quanto Ellen priorizou uma educação para além do ensino teórico. As crianças, como dissemos, deveriam ser orientadas também sobre os cuidados domésticos, sobre as finanças – ou a respeito de deveria administrar os próprios recursos financeiros –, sobre anatomia, para que pudessem lidar com o próprio corpo – o que nos lembra a crítica atual, principalmente no meio religioso, sobre a educação sexual nas escolas.

De todo modo, quando analisamos as opiniões de Ellen White sobre os inúmeros assuntos mencionados nesta tese, notamos o quanto esteve dialogando com pareceres médicos da época, embora o fizesse, majoritariamente, por meio de críticas. Por exemplo, quando criticou a prescrição de repouso para pacientes que sofriam de invalidez. Enquanto a medicina recomendava o repouso, Ellen sugeria que o inválido estivesse em contato com a natureza, exercitando-se ao ar livre (White, 1868a).

Embora Ellen White tenha se referido diretamente à Psicologia, por meio das críticas que fez ao mesmerismo e a hipnose, concluímos que, de um modo geral, ela não se referiu à Psicologia científica de seu tempo para estruturar seus artigos. Entretanto, utilizou-se de “regras do bom viver” a partir de hábitos que compreendeu como saudáveis, para sustentar a tese de que somente pelo cuidado do corpo e da mente, seria possível desfrutar de saúde. A partir do que vimos, percebemos que o pensamento de Ellen mais se aproximou da perspectiva da Higiene Mental, movimento que se organizou nos Estados Unidos, no início do século XX. Este, inclusive, pode ser o objeto de uma pesquisa futura.

## REFERÊNCIAS

- A Bíblia Sagrada* (2º ed). (1999). Sociedade Bíblica do Brasil.
- Andrews, J. N. (1866). Health Reformer. *Flesh as food for man*, 1(1), 9–11.
- Ariès, P. (2014a). *História social da criança e da família* (2º ed). LTC.
- Ariès, P. (2014b). O traje das crianças. Em *História social da criança e da família* (2º ed, p. 70–81). LTC.
- Arreguy, M. E. (2010). A leitura das emoções e o comportamento violento mapeado no cérebro. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 20(4), 1267–1292.
- Authier - Revuz, J. (1998). A encenação da comunicação no discurso de divulgação científica. Em *Palavras incertas. As não-coincidências do dizer*. (p. 107–132). Unicamp.
- Azevedo, L. (2002). *Novo tempo do rádio: Radiodifusão e cotidiano no Brasil 1923—1960*. Universidade Federal Fluminense.
- Balmer, R. ([s.d.]). *Religious Diversity in America*. National Humanities Center. Recuperado 20 de julho de 2020, de <http://nationalhumanitiescenter.org/tserve/twenty/tkeyinfo/reldiv.htm>
- Barros, J. D. (2013). *O campo da história: Especialidades e abordagens* (9º ed). Vozes.
- Bednarowski, M. F. (2011). Outside the mainstream: Women’s religion and women religious leaders in Ninetheenth-Century America. *Journal of the American Academy of Religion*, XLVIII(2), 207–231.
- Biasoli, M. C., & Machado, C. M. C. (2006). Hidroterapia: Aplicabilidades clínicas. *Revista Brasileira de Medicina*, 63(5), 225–237.
- Blay, E. A. (2001). 8 de março: Conquistas e controvérsias. *Estudos Feministas*, 9, 601–607.

- Bonaci, J. (2017). *De Ellen White a Sandra Roberts: Apontamentos para a história das mulheres Adventistas do Sétimo Dia (1919-2013)*. Universidade Federal de Uberlândia.
- Brekus, C. A. (2017). Women and Religion in Colonial North America and the United States. Em C. A. Brekus, *Oxford Research Encyclopedia of American History*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199329175.013.35>
- Burt, M. D. (2015). *Understanding Ellen White*. Pacific Press Publishing Association.
- Cameron, P. U., & Rogers, L. (2015). The Western Health Reform Institute. Em L. Rogers (Org.), *Changing attitudes to science within Adventist health and medicine from 1865 to 2015* (p. 2). Avondale Academic Press.
- Carrow, J. W., Hargrove, B., & Lummis, A. T. (1983). American churches and “women’s place”. Em *Women of the cloth: A new opportunity for the churches*. Haper and Row.
- Carvalho, F. L. G. (2013). Ellen G. White e a Igreja Adventista do Sétimo Dia: Carisma e dominação carismática. *Estudos de Religião*, 27(1), 123–136.
- Carvalho, F. L. G. (2014a). A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: Inserção e desenvolvimento institucional. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 6(3), 1057–1075.
- Carvalho, F. L. G. (2014b). A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: Inserção e desenvolvimento institucional. *Revista Pistis Praxis*, 6(3), 1057–1075. <https://doi.org/10.7213/pp.v6i3.8159>
- Carvalho, J. (1987). *Os bestializados*. Companhia das letras.
- Castro, M. G., Andrade, T. M. R., & Muller, M. C. (2006). Conceito de mente e corpo através da história. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 39–43.
- Chalhoub, S. (2001). *Lar, trabalho e botequim: O cotidiano dos trabalhadores brasileiros do Rio de Janeiro da belle époque*. (2<sup>o</sup> ed). Unicamp.

- Cunha, M. C. B., Labronici, R. H. D. D., Oliveira, A. S. B., & Gabbai, A. A. (1998). Hidroterapia. *Revista Neurociências*, 6(3), 126–130.
- Darius, F. A., & Pancotte, R. P. ([s.d.]). *A educação holística de Ellen White: Sitz im Leben e apontamentos iniciais*. 14.
- De Certeau, M. (2000). *A escrita da história*. Forense Universitária.
- Degani-Carneiro, F. (2017). *Investimentos evangélicos em Psicologia no Brasil: A Psicologia no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil na segunda metade do século XX*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Dorneles, V. (2017). *Nisto cremos {livro eletrônico}: As 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (H. Grellmann, Trad.). Casa Publicadora Brasileira.
- Douglass, H. E. (2003a). A escritora prolífica. Em *Mensagem do Senhor* (3<sup>o</sup> ed, p. 108–123). Casa Publicadora Brasileira.
- Douglass, H. E. (2003b). *Mensagem do Senhor* (3<sup>o</sup> ed). Casa Publicadora Brasileira.
- Ebbinghaus, H. (1908). *Psychology, an Elementary Text-Book*. Heath & CO. Publishers.
- Fausto, B. (1995). *História do Brasil*. Edusp.
- Fernandes, A. C. B. (2010). *Corpo espartilhado e corpo libertado: Os debates sobre a abolição do espartilho no New York Times durante a década de 1890*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Ferreira, A. A. L. (2006). O múltiplo surgimento da psicologia. Em *História da psicologia: Rumos e percursos* (p. 13–46). Nau editora.
- Ferreira, A. A. L. (2013). O múltiplo surgimento da psicologia. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: Rumos e percursos* (3<sup>o</sup> ed). Nau editora.
- Ferreira, P., & Souza, R. (2018a). Educação adventista: Origem, desenvolvimento e expansão. *Revista Brasileira de História da Educação*, 18, 1–17.

- Ferreira, P., & Souza, R. (2018b). Educação adventista: Origem, desenvolvimento e expansão. *Revista Brasileira de História da Educação, 18*, 1–17.
- Fonseca, I. B. (2015). *Análise dos escritos sobre educação de Ellen Gould White e a educação popular de Paulo Freire*. Centro Universitário Salesiano de São Paulo.
- Gavroglu, K., Papanelopoulou, F., Simões, A., Carneiro, A., Diogo, M. P., Sanchez, J. R. B., Belmar, A. G., & Nieto-Galan, A. (2008). Ciência e tecnologia na periferia européia: Algumas reflexões historiográficas. *Hist. Sci, XLVI*.
- Germano, M. G., & Kulesza, W. (2007). Popularização da ciência: Uma revisão conceitual. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física, 24*(1), 7–25.
- Gill, R. (2002). Análise do Discurso. Em M. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático* (2<sup>o</sup> ed, p. 244–270). Vozes.
- Good Health (America)*. ([s.d.]). Recuperado 11 de agosto de 2021, de <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=F9D3>
- Gould, S. J. (2014). *A falsa medida do homem* (3<sup>o</sup> ed). Martins fontes.
- Groba, L. (2022). *O Mal Dito: O discurso de oposição à Resolução 01/99 do Conselho Federal de Psicologia e sua história*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Jemison, T. H. (1955). *A prophet among you*. Pacific Press Publishing Association.
- Karnal, L. (2007). A formação da nação. Em L. Karnal, S. Purdy, L. E. Fernandes, & M. V. Morais (Orgs.), *História dos Estados Unidos: Das origens ao século XXI*. Contexto.
- Lay, H. S. (1866). Health Reformer. *To the reader, 1*(1), 8.
- Leahey, T. H. (2013). *Historia de la Psicología* (7<sup>o</sup> ed). Pearson Educación, S.A.
- Lorenzetti, L., & Delizoicov, D. (2001). Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. *Ensaio, 3*(1).
- Loughborough, J. N. (1873). *The hope of the gospel*. Steam Press of the Seventh-Day Adventist Publishing Association.

- Loughborough, J. N. (1909a). *The Great Second Advent Movement: Its Rise and Progress*.  
Review and Herald Publishing Association.
- Loughborough, J. N. (1909b). *The great second advent movement: Its rise and progress*.  
Review and Herald Publishing Association.
- Luca, T. (2005). Fontes impressas. História do, nos e por meio dos periódicos. Em *Fontes Históricas*. (p. 111–153). Editora Contexto.
- Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (R. Sales, Trad.; 22<sup>o</sup> ed). (2016). Casa Publicadora Brasileira.
- Massimi, M. (2010). Métodos de Investigação em História da Psicologia. *Psicologia em Pesquisa*, 4(2), 100–108.
- Matteson, J. (1866). Health Reformer. *Light*, 1(1), 20–21.
- Messias, M. C. N. (2013). *Traumas femininas na Belle Époque Carioca: Entre anarquistas e espíritas*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Monteiro, D. B. da R., & Jacó-Vilela, A. M. (2013). Fios, seduções e olhares: Os primórdios “psi” nas terapias para corpos e mentes perturbados. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: Rumos e percursos* (3<sup>o</sup> ed, p. 161–180). Nau editora.
- Moorhead, J. H. ([s.d.]). *Religion in the Civil War: The northern perspective*. National Humanities Center. Recuperado 14 de julho de 2020, de <http://nationalhumanitiescenter.org/tserve/nineteen/nkeyinfo/cwsouth.htm>
- Moreira, I. C. (2006). A inclusão social e a popularização da ciência no Brasil. *Inclusão Social*, 1(2), 11–16.
- Morel, B.-A. (2008). Tratado das degenerescências na espécie humana. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.*, XI(3), 497–501.

- Nery, A. (2018). Mente e espírito. A psicologia está descobrindo o papel da religião na saúde emocional. *Revista Adventista*, 113, 12–17.
- Nobre, W. F. (2019). *Ciência e Religião na História da Psicologia no Brasil: O Instituto de Psicologia e a Igreja Católica*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Noll, M. A. (1992a). European expansion and catholic settlement. Em *A history of christianity in the United States and Canada* (p. 9–29). William B. Eerdmans Publishing Company.
- Noll, M. A. (1992b). The english reformation and the puritans. Em *A history of christianity in the United States and Canada* (p. 30–53). William B. Eerdmans Publishing Company.
- Ortega, R., & Hansen, C. J. (2017). História e futuro. Em P. G. Barash, B. F. Cullen, R. K. Stoelting, M. K. Cahalan, M. C. Stock, R. Ortega, & S. R. Sharar (Orgs.), *Fundamentos de anestesia clínica* (p. 3–14). Artmed.
- Parry, M. (2010). From a patient's perspective: Clifford Whittingham Beers' work to reform mental health services. *American Journal of Public Health*, 100(12), 2356–2357.
- Pinsky, C., & Luca, T. (2015). *O historiador e suas fontes* (1<sup>o</sup> ed). Contexto.
- Porto, P. A. (1997). Os três princípios e as doenças: A visão de dois filósofos químicos. *Química Nova*, 20(5), 569–572. <https://doi.org/10.1590/S0100-40421997000500021>
- Portugal, F. T. (2013). Comparação e genealogia na psicologia inglesa no século XIX. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: Rumos e percursos* (3<sup>o</sup> ed, p. 121–138). Nau editora.
- Prestes Filho, U. F. (2006). *O indígena e a segunda mensagem do advento: Missionários adventistas e os povos indígenas na primeira metade do século XX*. Universidade de São Paulo.

- Rémond, R. (1989). As primeiras colônias (1607-1763). Em *História dos Estados Unidos*. Martins fontes.
- Rodrigues, C. L. (2020). Humores e temperamentos: Considerações sobre a teoria hipocrática. *Revista Páginas de Filosofia*, 9(2), 109–120.
- Rosa, A., Huertas, J., & Blanco, F. (1996). *Metodología para la Historia de la Psicología*. Alianza Editorial.
- Santos, T. C. (2016). *Liberdade de consciência na obra o grande conflito de Ellen G White*. Pontífica Universidade Católica de São Paulo.
- Schunemann, H. (2003). A inserção do adventismo no Brasil através da comunidade alemã. *Revista de Estudos da Religião*, 3(1), 27–40.
- Schwarcz, L. (1993). *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. Companhia das letras.
- Schwarcz, L., & Starling, H. (2014). *Brasil: Uma biografia*. Companhia das letras.
- Schwarz, R. W., & Greenleaf, F. (2009). *Portadores de Luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (1º ed). UNASPRESS.
- Scliar, M. (2007). História do conceito de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 17(1), 29–41.
- Sepúlveda, C. (1998). *Elena G. White: Lo que no se contó* (1º ed). Asociación Casa Editora Sudamericana.
- Sorj, B., & Grin, M. (2008). *Judaísmo e Modernidade: Metamorfoses da tradição messiânica*. Centro Edelstein. <https://doi.org/10.7476/9788599662656>
- Souza, M. L., & Boarini, M. L. (2008). A deficiência mental na concepção da Liga Brasileira de Higiene Mental. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 14(2), 273–292.

- Stout, H. S. ([s.d.]). *Religion in the Civil War: The southern perspective*. National Humanities Center. Recuperado 20 de julho de 2020, de <http://nationalhumanitiescenter.org/tserve/nineteen/nkeyinfo/cwsouth.htm>
- Teixeira, C. F. (2012a). *A teologia do compromisso no pensamento de Ellen G. White: Uma perspectiva da liberdade cristã*. Universidade Metodista de São Paulo.
- Teixeira, C. F. (2012b). *A teologia do compromisso no pensamento de Ellen G. White: Uma perspectiva da liberdade cristã*. Universidade Metodista de São Paulo.
- Torres, C. V., & Neiva, E. R. (Orgs.). (2011). *Psicologia social: Principais temas e vertentes*. Artmed. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788536326528>
- Viera, J. C. (2018). *The voice of the spirit*. Pacific Press Publishing Association.
- Weber, M. (1921). Os tipos de dominação. Em *Economia e Sociedade* (p. 139–188). Editora da UNB.
- Weber, M. (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Martins Fontes.
- White, A. L. (2015). *Ellen White: Mulher de visão*. Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (2014). *Mente, caráter e personalidade, volume 1: Guia para a saúde mental e espiritual*. Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. H. (1868a). Health Reformer. *Exercise for invalids*, 3(1), 1–3.
- White, E. G. H. (1868b). Health Reformer. *The dress reform. An appeal to the people in this behalf*, 3(2), 21–23.
- White, E. G. H. (1870a). Health Reformer. *Creatures of circumstance*, 5(5), 92–93.
- White, E. G. H. (1870b). Health Reformer. *Convenient food*, 5(6), 118–119.
- White, E. G. H. (1870c). Health Reformer. *Convenient food*, 5(6), 111–113.
- White, E. G. H. (1871a). Health Reformer. *Will power*, 6(5), 132–133.
- White, E. G. H. (1871b). Health Reformer. *Spring has come*, 5(9), 196–197.
- White, E. G. H. (1871c). Health Reformer. *Fashionable life*, 6(2), 58–60.

- White, E. G. H. (1871d). Health Reformer. *Words to Christian Mothers. On the subject of life, and happiness*, 6(5), 154–155.
- White, E. G. H. (1871e). Health Reformer. *Dress*, 6(5), 155–158.
- White, E. G. H. (1871f). Health Reformer. *Words to christian mothers. On the subject of life, health, and happiness – No 4*, 6(6), 184–187.
- White, E. G. H. (1872a). Health Reformer. *Words to christian mothers. Treatment of infant children*, 7(1), 26–29.
- White, E. G. H. (1872b). Health Reformer. *The reform dress*, 7(5), 154–157.
- White, E. G. H. (1872c). Health Reformer. *Genuine, or false, and its bearing on invalids*, 7(6), 186–188.
- White, E. G. H. (1872d). Health Reformer. *Unprincipled neatness*, 7(9), 253.
- White, E. G. H. (1872e). Health Reformer. *Proper education*, 7(9), 284–286.
- White, E. G. H. (1872f). Health Reformer. *Degeneracy - education*, 7(11), 348–350.
- White, E. G. H. (1872g). Health Reformer. *Proper education*, 7(12), 378–380.
- White, E. G. H. (1873a). Health Reformer. *Dress Reform*, 8(1), 27–30.
- White, E. G. H. (1873b). Health Reformer. *Education*, 8(1), 26–27.
- White, E. G. H. (1873c). Health Reformer. *Proper education*, 8(4), 124–125.
- White, E. G. H. (1873d). Health Reformer. *Proper education*, 8(5), 156–157.
- White, E. G. H. (1873e). Health Reformer. *Proper education*, 8(6), 188–190.
- White, E. G. H. (1873f). Health Reformer. *Proper education*, 8(7), 220–222.
- White, E. G. H. (1873g). Health Reformer. *Proper education*, 8(9), 280–282.
- White, E. G. H. (1874a). Health Reformer. *Children's winter dress*, 9(1), 5.
- White, E. G. H. (1874b). Health Reformer. *Fashionable dress*, 9(3), 74–76.
- White, E. G. H. (1876). Health Reformer. *Labor as a blessing*, 11(9), 266–267.
- White, E. G. H. (1877a). Health Reformer. *The follies of fashionable dress*, 10(2), 40–42.

- White, E. G. H. (1877b). Health Reformer. *The duties of a mother*, 12(3), 74–75.
- White, E. G. H. (1877c). Health Reformer. *The primal cause of intemperance*, 12(4), 106–108.
- White, E. G. H. (1877d). Health Reformer. *The primal cause of intemperance. Second paper*, 12(5), 138–140.
- White, E. G. H. (1877e). Health Reformer. *The importance of early training*, 12(6), 172–174.
- White, E. G. H. (1877f). Health Reformer. *Home duties of the father*, 12(9), 266–268.
- White, E. G. H. (1877g). Health Reformer. *Duty know ourselves*, 1(1), 2–3.
- White, E. G. H. (1877h). Health Reformer. *Home duties of the father*, 12(10), 300–302.
- White, E. G. H. (1878a). Health Reformer. *Temperance essential to christian character*, 13(3), 74–75.
- White, E. G. H. (1878b). Health Reformer. *The apostasy of Solomon. The lessons of his life*, 13(6), 172–174.
- White, E. G. H. (1878c). Health Reformer. *A lesson for the times. Number one*, 13(7), 204–206.
- White, E. G. H. (1878d). Health Reformer. *A lesson for the times. Number two*, 13(8), 236–238.
- White, E. G. H. (1878e). Health Reformer. *A lesson for the times. Number four*, 13(10), 298–299.
- White, E. G. H. (1880). Good Health. *Influence of woman*, 15(6), 174–175.
- White, E. G. H. (1883). Good Health. *Temperance a christian duty*, 18(3), 78–79.
- White, E. G. H. (1889). Good Health. *Education*, 24(5), 146–147.
- White, E. G. H. (1904). *Testimonies for the church volume eight*. Ellen G. White Estate.
- White, E. G. H. (1905). *The ministry of healing*. Pacific Press Publishing Association.
- White, E. G. H. (1977). *A ciência do bom viver*. Casa Publicadora Brasileira.

- White, E. G. H. (2003). *Primeiros Escritos* (10<sup>o</sup> ed). Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. H. W. (1880a). Good Health. *Appeal to mothers*, 15(2), 44–46.
- White, E. G. H. W. (1880b). Good Health. *The mother's influence*, 15(4), 108–109.
- White, E. G. H. W. (1880c). Good Health. *Incidents by the way*, 15(11), 336–339.
- White, E. G. H. W. (1889). Good Health. *Education from a christian stand-point*, 24(7), 208–209.
- Yamamoto, M. E. (2013). A psicologia comparada. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: Rumos e percursos* (3<sup>o</sup> ed, p. 161–180). Nau editora.

## APÊNDICE A

**Tabela 2**

Relação dos artigos publicados por Ellen White no *The Health Reformer*

Ano	Data	Vol	Nº	Título do artigo	Página	Psicologia	Categoria	Base: orgânica / psicossocial
1866	01/08/1866	1	1	Duty know ourselves	p. 2-3	Formas de afetar as faculdades perceptivas, educação física e moral dos filhos, enfraquecimento das faculdades morais, hábitos maléficis herdados dos pais.	Controle alimentar	Orgânica
1866	01/09/1866	1	2	Drug Medication	p. 19	Mal humor, irritações, medicação, alimentação associados ao estado emocional.	Educação familiar	Orgânica
1866	01/10/1866	1	3	Parents their own physicians	p. 35- 37	Indisposição das crianças associadas a indulgências com apetites pervertidos (exposição ao frio, falta de fresco, irregularidade na alimentação ou roupas inapropriadas).	Controle alimentar	Orgânica

---

<b>1868</b>	01/07/1868	3	1	Exercise for invalids	p. 1-3	Deterioração da raça por hábitos pervertidos. Aqui relaciona à alimentação desequilibrada. Inválidos devido ao sedentarismo ou exceção de trabalho mental. Repouso das faculdades mentais. Relação entre atividade física e bem-estar físico e mental.	Saúde mental	Orgânica
<b>1868</b>	01/08/1868	3	2	The dress reform. An appeal to the people in this behalf.	p. 21-23	Congestão cerebral, doenças de cabeça (não especificou quais).	Saúde mental	Orgânica
<b>1868</b>	01/09/1868	3	3	The dress reform. An appeal to the people in this behalf. (concluded from last month)	p. 41 - 42	O vestido da reforma é ajustado para acomodar facilmente, não obstrui a circulação do sangue, nem afeta a respiração. Os pés são protegidos do frio. O exercício matinal é a proteção mais segura contra resfriados, tosse, congestionamentos do	Equilíbrio físico e mental	Orgânica

---

---

						cérebro, dos pulmões, dos rins e previne centenas de doenças. O vestido da reforma favorece a prática de exercício físico, necessário para desfrutar de saúde e felicidade.		
<b>1870</b>	01/11/1870	5	5	Creatures of circumstance	p. 92 - 93	Dificuldades geradas pelo uso de vestimentas "inadequadas". Relação saúde x vestimenta. Comprometimento das forças vitais. Mentes desequilibradas, ausência de força física, mental e moral.	Saúde mental	Orgânica
<b>1870</b>	01/12/1870	5	6	Convenient food	p. 111-113	Relação entre alimentação, moral e intelectual. Comportamentos x alimentação. O impacto da alimentação sobre as paixões inferiores, bem como sobre o cérebro e os nervos. A indulgência do apetite lesiona a constituição do ser, bem como	Controle alimentar	Orgânica

---

---

						as forças mental e moral.		
<b>1871</b>	01/01/1871	5	7	Will-power	p. 132-133	Relação saúde, doença e vontade. Vontade atua na mente e no corpo. Preparo da mente (medicina). Cura do corpo pela mente. Atividade física e faculdades mentais e físicas, recuperação dos inválidos. atividade física restaura o inválido. Educação das meninas. Atribuição de responsabilidades. Lidar com doenças leves e indisposições com alimentação regrada e atividade física. A indolência na alimentação enfraquece as faculdades físicas, mentais e	Saúde mental	Orgânica
<b>1871</b>	01/02/1871	5	8	Mothers and their daughters	p. 154-155		Educação familiar	Psicossocial

---

---

 morais.

<b>1871</b>	01/03/1871	5	9	Spring has come	p. 196-197	Redução dos prazeres prejudiciais à saúde. Aprimoramento físico, mental e moral das crianças.	Saúde mental	Psicossocial
<b>1871</b>	01/04/1871	5	10	Death In-doors	p. 230 - 231	Doenças originadas em casa por falta de ar puro. Superação da depressão de espírito com atividade física.	Saúde mental	Orgânica
<b>1871</b>	01/05/1871	5	11	Beautiful may	p. 260-261	Bem-estar diante da natureza	Saúde mental	Orgânica
<b>1871</b>	01/06/1871	5	12	June has come	p. 292-294	Alegria e consciência limpa restauram a saúde. Exercício físico gera alegria e recupera os inválidos. Recomendações de saúde para os inválidos.	Saúde mental	Orgânica

---

---

1871	01/07/1871	6	1	Christian Recreation	p. 24- 25	Uso das faculdades físicas e mentais para a "glória de Deus". Perversão do amor pelo belo. A mente do inválido deve ser direcionada para a natureza. Refletir sobre os cuidados de Deus proporciona o esquecimento das enfermidades, traz alegria.	Saúde mental	Psicossocial
1871	01/07/1871	6	1	Florence Nightingale. her views of the sick room—good and bad air— dress	p. 26 - 27	Degeneração da raça.	Degeneração	Orgânica
1871	01/08/1871	6	2	Fashionable life	p. 58- 60	Hábitos artificiais são incapacitantes. Crítica à moda. Influência da mãe determina o caráter dos filhos. Os filhos devem ser ensinados que não se deve viver para a satisfação de prazeres. As crianças devem ser ensinadas sobre o próprio	Saúde mental	Psicossocial

---

---

					<p>corpo. Todos têm uma tendência natural para o sentimentalismo. Os pais devem direcionar a mente dos filhos para que amem a verdade e a abnegação. a preservação da constituição e o temperamento amável.</p> <p>Condutas erradas obscurecem as faculdades mentais.</p> <p>Orgulho, vaidade e idolatram embotam os sentimentos.</p> <p>Quem cuida de uma criança (babá), acaba por transmitir o seu temperamento.</p> <p>Mudança de hábitos. Momento de perturbação do organismo.</p>		
<b>1871</b>	01/09/1871	6	3	<p>Words to Christian Mothers. On the subject of life health, and happiness</p> <p>p. 90-91</p>	<p>Hereditariedade</p> <p>Psicossocial</p>		
<b>1871</b>	01/09/1871	6	3	<p>Voice from Delaware</p> <p>p. 91 - 92</p>	<p>Saúde mental</p> <p>Orgânica</p>		

---

---

1871	01/10/1871	6	4	Words to christian mothers	p. 120-123	<p>Hábitos errados comprometem as esferas física e mental. Um hábito formado dificilmente pode ser mudado. Felicidade é alcançada quando se opõe à moda. A moda debilita, escraviza. O penteado moderno das mulheres prejudicam o funcionamento do cérebro. Gera-se enfraquecimento da moral. O penteado aquece a região e excitam os nervos espinhais localizados no cérebro. Concentra-se o sangue no cérebro gerando imprudência na moral. Isto corrompe a mente e o coração. Cérebro calmo e claro e nervo estável demandam circulação sanguínea equilibrada.</p> <p>Educação das crianças relacionada às mães. Ensino da fisiologia e da anatomia. Força</p>	Saúde mental	Orgânica
1871	01/11/1871	6	5	Words to christian mothers. On the subject of life, and happiness	p. 154-155	<p>Hábitos errados comprometem as esferas física e mental. Um hábito formado dificilmente pode ser mudado. Felicidade é alcançada quando se opõe à moda. A moda debilita, escraviza. O penteado moderno das mulheres prejudicam o funcionamento do cérebro. Gera-se enfraquecimento da moral. O penteado aquece a região e excitam os nervos espinhais localizados no cérebro. Concentra-se o sangue no cérebro gerando imprudência na moral. Isto corrompe a mente e o coração. Cérebro calmo e claro e nervo estável demandam circulação sanguínea equilibrada.</p> <p>Educação das crianças relacionada às mães. Ensino da fisiologia e da anatomia. Força</p>	Educação familiar	Orgânica

---

---

						mental e moral dependentes da saúde física. Críticas à moda.		
<b>1871</b>	01/11/1871	6	5	Dress	p. 155-158	Pelo vestuário lê-se a mente. Influência do vestuário sobre a saúde mental. A moda impacta no funcionamento da mente.	Saúde mental	Orgânica
<b>1871</b>	01/12/1871	6	6	Words to christian mothers. On the subject of life, health, and happiness – No 4	p. 184-187	Espartilhos prejudicam a circulação sanguínea. Gera enfraquecimento dos músculos. Para educar os filhos a mãe deve ter nervos calmos, saúde, raciocínio e capacidade de reflexão. Críticas à moda, espartilhos. Criam um calor não natural, causa irritação nos rins, que não desempenham a função que deveriam cumprir.	Saúde mental	Orgânica

---

1872	01/01/1872	7	1	Words to christian mothers. Treatment of infant children	p. 26-29	Época de degeneração, crianças nascem com constituição debilitada. Hábitos errôneos dos pais transmitem imbecilidade para os filhos. Diversões excitam a mente. Trabalho físico é saudável para a mente. A consciência de fazer o bem/correto é o melhor	Saúde mental	Orgânica
1872	01/03/1872	7	3	Sentimentalism	p. 92 - 93	remédio para os enfermos. Os que possuem faculdades morais obscuras não representam o cristianismo. Ociosidade dá espaço para tristezas imaginárias. O apreço pela moda faz perder o gosto pelo natural e conduz a	Saúde mental	Psicossocial
1872	01/04/1872	7	4	Dress of women	p. 122 - 125	mente para o artificial. Cultivam-se qualidades mentais inferiores. Orgulho e moda tornam-se paixões dominantes.	Saúde mental	Psicossocial
1872	01/05/1872	7	5	The Reform Dress	p. 154 - 157	Conceito de saúde. Não obstruir o fluxo do coração e	Saúde mental	Orgânica

---

						pulmões.		
						Existência de pessoas que sofrem de doenças, que podem se tornar imaginárias.		
						Atividade física deve acompanhar a rotina dos enfermos. Cérebro é a capital do corpo. Os nervos provenientes do cérebro controlam o corpo. Banho acalma os nervos, músculos ficam mais flexíveis, mente e corpo revigorados, entre outras. Temperamento alegre e mente esperançosa curam. Excesso de alimentação sobrecarrega o		
1872	01/06/1872	7	6	Genuine, or false, and its bearing on invalids	p. 186 - 188		Saúde mental	Orgânica
				Experience.				
1872	01/07/1872	7	7	Genuine or false, and its bearing on invalids – number two	p. 218 - 220	cérebro. "Cura pelo movimento". Faculdades da mente e músculos têm a sua função. Faculdades se influenciam mutuamente.	Equilíbrio físico e mental	Orgânica

---

---

1872	01/08/1872	7	8	Unprincipled neatness	p. 253	Mães tem a sagrada missão de educar a mente das crianças. Atuam na formação do caráter. Deve impressionar a mente das crianças com a natureza. Deve ensiná-las que Deus é amor.	Educação familiar	Psicossocial
------	------------	---	---	--------------------------	--------	---	-------------------	--------------

---

---

1872	01/09/1872	7	9	Proper education	p. 284- 286	<p>Responsabilidade dos pais e professores na educação. Deve-se variar o modo de instrução para se despertar as faculdades da mente. A educação inicial da criança molda o seu caráter. Isto compreende a prática da temperança, educação física, mental, moral e religiosa.</p> <p>Ensino do autocontrole para as crianças. Crianças treinadas sem autocontrole tornam-se deficientes em energia moral e responsabilidade individual. Faculdades mais fracas devem ser trabalhadas para que se desenvolvam em igualdade com as demais. Crianças que não aprendem a exercer a própria vontade não possuem um caráter estável. O treinamento rígido, sem direcionamento, produz uma</p>	Educação familiar	Psicossocial
------	------------	---	---	---------------------	----------------	--	-------------------	--------------

---

---

classe fraca em poder mental e moral. Críticas às salas de aula sem ventilação. O confinamento nesses ambientes torna as crianças doentes, nervosos. Causa exaustão do sistema nervoso. A mente é a capital do corpo, todos os órgãos são submetidos a mente. O consumo de carne de porco, manteiga, queijo, entre outros, enfraquecem o intelecto. É necessário reforçar o aspecto físico para que suporte o esforço mental. A mãe pode conduzir a mente das crianças para Deus. Crianças devem ser motivadas a atividade física, não somente o confinamento nas salas.

---

---

					A obediência aos dez mandamentos evitaria a onda de doenças deste mundo. Prazeres e sofrimentos são atribuídos à obediência ou transgressão da lei natural. Hábitos pecaminosos destroem a saúde e os nervos cerebrais. A “queda” de Adão e Ava por conta do apetite intemperante.			
1872	01/10/1872	7	10	Moral and physical law	p. 314 - 315	Condescender com o apetite enfraquece as faculdades morais, crimes são ignorados e as paixões controlam a mente, ocorrendo a eliminação dos bons impulsos (resultado de comer e beber em excesso). Doença decorre da violação das leis da saúde. Faculdades são paralisadas por hábitos errôneos.	Saúde mental	Orgânica

---

---

1872	01/10/1872	7	10	Mental hygiene	p. 315-317	<p>O despertar das sensibilidades morais faz com que se cumpra as convicções da consciência.</p> <p>Pela condescendência pecaminosa gera-se doenças de todos os tipos. É uma classe degradada física, mental e moralmente.</p> <p>Raça degenerada implica em doenças. Pais transmitem hábitos pervertidos e doenças que corrompem o sangue e envenenam o cérebro.</p>	Saúde mental	Psicossocial
1872	01/11/1872	7	11	Degeneracy - education	p. 348-350	<p>Faculdades morais são obscurecidas pela não obediência às leis de saúde.</p> <p>Filhos não são educados para negar o apetite e restringir desejos. Monotonia do estudo cansa a mente.</p>	Hereditariedade	Psicossocial

---

---

1872	01/12/1872	7	12	Proper education	p. 378- 380	<p>Disposição e hábitos formados na infância são manifestos no homem adulto. Crianças que não aprendem o autocontrole tem a mente dominada pelo amor ao prazer. Aumento de crimes relacionados ao não controle das paixões. O apetite e a paixão debilitam a mente.</p> <p>As diversões excitantes diminuem o intelecto e corrompem a moral. Os pais devem despertar a sensibilidade moral dos filhos para as leis de Deus e para a sua obediência.</p> <p>À mãe foi atribuída a responsabilidade de cultivar a mente e aperfeiçoar o intelectual e a moral dos filhos.</p> <p>Pais devem disciplinar a mente</p>	Educação familiar	Psicossocial
1873	01/01/1873	8	1	Education	p. 26- 27	<p>dos filhos. A educação na infância afeta a vida adulta.</p> <p>Vícios cauterizam as</p>	Educação familiar	Psicossocial

---

---

					consciências. Jovens podem se tornar inválidos por permanecerem em casa, sem contato com ar puro.		
					A moda feminina é uma forma de suicídio gradativo. Desde o berço os pais devem ensinar os filhos formas de preservar a saúde física, mental e moral.		
					Temos órgãos e faculdades distintas, se um destes estiver debilitado os demais serão afetados. Exercício físico melhora o humor, acelera o sangue e vitaliza o organismo.		
1873	01/01/1873	8	1	Dress Reform	p. 27-30	Equilíbrio físico e mental	Psicossocial
					A moda deixa os membros inferiores das crianças desprotegidos ao ar frio.		
					Mãe exerce influência duradoura sobre o caráter do filho. Qualidades morais e físicas são transmitidas.		
1873	01/01/1873	8	1	Earnest words to mothers	p. 30-31	Hereditariedade	Psicossocial

---

---

					Trabalho beneficia a mente e a moral dos filhos. Falta de ocupação da mente e das mãos resultam em hábitos de indolência e vícios. Aspectos físico e mental devem ser igualmente desenvolvidos.			
1873	01/04/1873	8	4	Proper education	p. 124-125	Leitores de romances e ficções vivem em um mundo imaginário, tornam-se sentimentais, com fantasias doentias, são diminutos em intelecto. Escolas deveriam contar com professores de trabalho doméstico, de modo que o físico e mental fossem equilibradamente desenvolvidos.	Equilíbrio físico e mental	Psicossocial

---

---

1873	01/05/1873	8	5	Proper education	p. 156- 157	Leis da natureza: cérebro, nervos e músculos devem estar em movimento ativo. Saúde e felicidade decorrem do funcionamento perfeito de cada órgão. Pouco exercício enfraquecem o corpo e geram doenças em um ou mais órgãos. Crianças não devem ser dispensadas de esforço físico. Pais que não educam as filhas no trabalho doméstico e na economia contribuirão para a formação de um caráter que tornará a vida desta miserável.	Equilíbrio físico e mental	Psicossocial
------	------------	---	---	---------------------	----------------	--	-------------------------------	--------------

---

---

1873	01/06/1873	8	6	Proper education	p. 188- 190	<p>Quem se empenha em trabalho ativo e útil em abnegada benevolência terão felicidade.</p> <p>Inação e ociosidade estão enfraquecendo as forças vitais das moças. Ociosidade traz debilidade e confirma hábitos errôneos. É direito da mulher dirigir a expansão mental dos filhos. Deve compreender o funcionamento do organismo dos filhos para saber como livrá-los dos venenos das drogas médicas. A regulação dos hábitos de comer e vestir-se, trabalhar e descansar prolonga a saúde e a felicidade. É direito da mulher melhorar a mente do marido.</p>	Saúde mental	Psicossocial
------	------------	---	---	---------------------	----------------	---	--------------	--------------

---

---

1873	01/07/1873	8	7	Proper education	p. 220- 222	<p>Crianças devem ser ensinadas a desenvolver hábitos de abnegação e amor para que seu caráter seja formado. É impossível ter saúde sem trabalho. Todas as faculdades devem ser postas em atividade para que se tenha mente bem equilibrada.</p> <p>Saúde decorre da quantidade adequada de exercícios ativos.</p> <p>Exercício diário adequado fortalece os músculos, auxilia na digestão e induz ao sono.</p>	Equilíbrio físico e mental	Psicossocial
1873	01/08/1873	8	8	Movements	p. 26- 27	<p>Isto associado a uma dieta sem gorduras e especiarias, condimentos restauram a saúde do inválido. As faculdades da mente e os músculos perdem o seu poder se não forem exercitados.</p>	Equilíbrio físico e mental	Orgânica

---

---

1873	01/09/1873	8	9	Proper education	p. 280- 282	<p>Crítica ao sistema escolar. A constante pressão sobre o cérebro e os músculos inativos causa enfraquecimento dos nervos. Alunos que tiveram ensino religioso em casa associam-se com facilidade com aqueles de formação diferente e isto rebaixa e degrada a moral dos primeiros.</p> <p>Necessidade de educar os jovens em relação à atividade mental e trabalho físico. Isso resultaria em uma classe de jovens com um caráter estável.</p> <p>Isto fará com que os jovens suportem considerável esforço mental sem prejuízo. Saúde física como essencial para o desenvolvimento da moral e do caráter cristão.</p>	Equilíbrio físico e mental	Psicossocial
------	------------	---	---	---------------------	----------------	--	-------------------------------	--------------

---

---

1874	01/01/1874	9	1	Fashion! Feebleness! Death!	p. 4 - 5	<p>A moda preza por uma vestimenta que deixa desprotegidos os membros inferiores e os braços, mãos.</p> <p>Há uma concentração de tecidos na região do tórax, implicando em uma concentração sanguínea nos órgãos de tal região do corpo.</p> <p>As extremidades são resfriadas e o coração tem de fazer mais esforço para impulsionar o sangue para as extremidades. A maioria das doenças tem a sua origem na distribuição desigual do sangue. O coração tende a fazer mais força para distribuir o sangue nas extremidades resfriadas, este órgão enfraquece, segue-se a palpitação, dor no coração, colapso geral e morte.</p>	Saúde mental	Orgânica
1874	01/01/1874	9	1	Children's	p. 5	Compreensão de saúde pela	Saúde mental	Orgânica

---

---

				winter dress		distribuição do sangue pelo corpo.		
						A mãe deve se dedicar à formação do caráter dos filhos.		
						A moda propõe acessórios e penteados que induzem o sangue para o cérebro e		
1874	01/03/1874	9	3	Fashionable dress	p. 74-76	superaquece causando congestionamento do cérebro.	Saúde mental	Psicossocial
						Os membros mais distantes do centro de circulação deveriam receber mais tecidos, não são adequadamente nutridos. Um corpo doente afeta a mente.		

---

---

1875	01/08/1875	10	8	Power of Appetite	p. 232 - 234	<p>Relação mente e corpo.</p> <p>Intemperança no comer ou beber, desperdício das energias físicas enfraquecem o poder moral. Condescendência com o apetite resulta em debilidade física e "amortece" os órgãos perceptivos. A degeneração da raça se deu pela condescendência do apetite pervertido. Faculdades morais e mentais se fortalecem pela combinação de trabalho físico e esforço mental. Intemperança no comer e beber embota as emoções. A temperança é essencial para a saúde e para o exercício vigoroso de todas as funções do corpo. O esforço dos músculos e o exercício da mente preservam o vigor mental e físico. Excitação temporária do sistema é</p>	Equilíbrio físico e mental	Orgânica
------	------------	----	---	----------------------	-----------------	---	-------------------------------	----------

---

---

seguida por depressão e ocorre a diminuição da força dos órgãos excitados. O apetite satisfeito terá a demanda mais frequente e o sistema se torna debilitado. Recomenda-se não provar, não manusear chá, café, vinhos, fumo, ópio e bebidas alcólicas. Alimentos cárneos, chá, café preparam o caminho para estimulantes mais fortes, com o tabaco. O fumo leva ao apetite pelas bebidas alcólicas. Estas afetam a energia nervosa. O excesso de comida é prejudicial, faculdades vitais são enfraquecidas ao eliminar o excesso de comida. Exercício físico combinado com esforço mental acelera a circulação do sangue. Na ausência de exercício físico os nervos das

---

---

emoções são sobrecarregados,  
enquanto os nervos do  
movimento ficam inativos.  
Desgasta-se os órgãos mentais.  
Abstinência e controle de todas  
as paixões preserva o intelecto.

---

---

1876	01/09/1876	11	9	Labor as a blessing	p. 266 - 267	O trabalho ocupa a mente, fortalece o corpo e desenvolve as faculdades. O crime e o vício decorrem da ociosidade. A ociosidade enfraquece a mente, avilta a alma e perverte o entendimento. Crianças com mentes não treinadas desenvolvem hábitos ruins e são insatisfeitas. Os pais devem assumir a formação dos hábitos nos filhos.	Equilíbrio físico e mental	Psicossocial
1876	01/11/1876	11	11	Home Adornment	p. 334- 335	Necessidades do orgulho e da moda causam ansiedade e atormentam a mente. Casas adequadas para o repouso da mente e do corpo são ventiladas.	Educação familiar	Psicossocial
1876	01/12/1876	11	12	Home Thoughts	p. 362 - 363		Saúde mental	Psicossocial

---

---

1877	01/01/1877	12	1	Proper dress	p. 10-11	<p>Saúde decorre da distribuição equilibrada de sangue pelo corpo. A moda não permite que isto aconteça. As extremidades do corpo ficam desprotegidas, sendo resfriadas, enquanto há acumulação de sangue nos órgãos vitais. A cabeça, pulmões, rins, coração e fígado têm muito sangue. Esta concentração causa congestão e inflamação.</p>	Saúde mental	Orgânica
1877	01/02/1877	12	2	The follies of fashionable dress	p. 40 - 42	<p>Os vestidos apertados da moda são prejudiciais para a saúde. Os pulmões são comprimidos por faixas justas, espartilhos que impedem a livre circulação do sangue. Pulmões, quando comprimidos, não recebem a quantidade de oxigênio necessária, o sangue torna-se viciado e segue-se a doença. O confinamento em casa,</p>	Saúde mental	Orgânica

---

---

privação de luz solar e  
exercício ao ar livre completam  
a ruína iniciada por hábitos  
errôneos. O vestuário da moda  
termina por deixar turvo os  
espíritos e destruir a alegria e a  
paz da mente. Hábitos que  
prejudicam o corpo também  
prejudicam a mente.

---

---

1877	01/03/1877	12	3	The duties of a mother	p. 74-75	Muitos são arruinados pelo resto da vida por negligência do treinamento adequado durante a primeira infância. Falta de saúde impede o cultivo das faculdades mentais. Durante a educação dos filhos a mãe necessita de nervos calmos, julgamento claro e raciocínio sólido. Ociosidade prejudica a saúde. As faculdades da mente são diminuídas pela falta de cultivo. A mãe deve educar a própria mente e o coração para as responsabilidades. Deve estudar o comportamento dos filhos para que seja capaz de moldar as mentes destes. Muitas falhas e crimes resultam da negligência dos pais no processo de educação dos filhos.	Educação familiar	Psicossocial
------	------------	----	---	------------------------	----------	---	-------------------	--------------

---

---

1877	01/04/1877	12	4	The primal cause of intemperance	p. 106- 108	A doença como resultado do abuso das faculdades físicas e mentais. O trabalho excessivo prejudica a mente e corpo. A intemperança em qualquer aspecto impacta a saúde e está na base de todas as doenças. A paixão e apetite são nocivos. Comida estimulante cria um desejo por estimulantes mais fortes. Causam desordem no organismo. Os primeiros passos para a intemperança são dados na juventude. Os pais devem assegurar um caráter bem desenvolvido e boa saúde física para os filhos. É seu dever controlar e dirigir a mente dos filhos. Temperança deve ser ensinada desde a primeira infância.	Controle alimentar	Psicossocial
------	------------	----	---	--	----------------	--	--------------------	--------------

---

---

1877	01/05/1877	12	5	The primal cause of intemperance. Second paper	p. 138- 140	Os pais assumem o papel de professor. A mãe precisa se precaver de qualquer distúrbio físico ou mental e deve ordenar a vida segundo as leis de saúde, ingerindo alimentos nutritivos e não estimulantes. Isso preservará os nervos e o temperamento calmos. O consumo de doces, manteiga, bolo etc. faz que as crianças se tornem dispépticos. Quando os órgãos digestivos atuam em demasia tornam-se enfraquecidos e as faculdades mentais são enfraquecidas. Estímulo antinatural e o desgaste das forças vitais tornam os filhos impacientes, nervosos.	Controle alimentar	Psicossocial
------	------------	----	---	---	----------------	---	--------------------	--------------

---

---

1877	01/06/1877	12	6	The importance of early training	p. 172-174	<p>O caráter é formado na infância. O futuro da sociedade depende dos jovens que crescem nela. O preparo dos filhos exige cultivo da mente, faculdades físicas e mentais saudáveis. O caráter e o intelecto dos filhos são formados seguindo um padrão dos pais. Deve-se fortalecer os pontos fracos de seu caráter e reprimir os fortes para que tenham a mente bem equilibrada. A mãe deve investir em atividade física e tempo ao ar livre para que esteja sempre revigorada e alegre para a seu trabalho.</p>	Educação familiar	Psicossocial
------	------------	----	---	----------------------------------	------------	---	-------------------	--------------

---

---

1877	01/07/1877	12	7	The Mother's Work	p. 202	"[...] "A percepção das crianças é rápida, e elas discernem tons pacientes e amorosos do comando impaciente e apaixonado, que seca a umidade do amor e da afeição no coração das crianças. A verdadeira mãe cristã não afastará seus filhos de sua presença por causa de sua irritabilidade e falta de amor compassivo. [...] Nossos filhos são apenas os membros mais jovens da família do Senhor, a nós confiados para educar sabiamente, para disciplinar pacientemente, para que formem um caráter cristão e sejam qualificados para abençoar os outros nesta vida e desfrutar a vida futura [...]" (White, 1871, p. 202).	Educação familiar	Psicossocial
------	------------	----	---	----------------------	--------	---	-------------------	--------------

---

---

1877	01/08/1877	12	8	The mother's duty – Christ her Strength	p. 234- 236	Filhos são reflexos dos hábitos e comportamentos da mãe. Deve cultivar em si comportamentos e hábitos que almeja nos filhos. Amor, alegria, paz, longanimidade, gentileza, fê e caridade são componentes do caráter cristão. O pai fumante, alcóolatra transmite o comportamento inquieta e nervoso aos filhos. O alcoolismo e o tabagismo desqualificam o pai para a criação dos filhos. Suas faculdades físicas, morais e mentais são paralisadas pelo uso do estimulante. Portanto, não podem ensinar aos filhos o controle sobre o apetite e paixões. O tabaco paralisa os nervos.	Educação familiar	Psicossocial
1877	01/09/1877	12	9	Home duties of the father	p. 265- 268		Educação familiar	Psicossocial

---

---

1877	01/10/1877	12	10	Mrs. White's adress	p. 290- 294	Trabalho desnecessário em relação a ostentação no vestuário gera cansaço e infelicidade, encurta a vida. Inconscientemente difundimos nosso caráter. Devemos cuidar da nossa influência inconsciente para que não desequibre os outros. A maioria dos sofrimentos são autocriados. Egoísmo é dedicar tempo lamentando esperanças frustradas, obscurecendo o círculo familiar.	Saúde mental	Psicossocial
------	------------	----	----	------------------------	----------------	--	--------------	--------------

---

---

1877	01/10/1877	12	10	Home duties of the father	p. 300-302	Crianças em que as faculdades mentais predominam possuem força de vontade para controlar a mente e ações. Há crianças com paixões animais quase irresistíveis. Não se obtém muitos resultados punindo as crianças. O pai deve conduzir a mente dos filhos por meio da moral religiosa. O pai deve estudar a mente dos filhos e alcançá-las. Os pais devem inspirar o desejo nos filhos de alcançarem a mais alta inteligência e perfeição de caráter. Isto deve ser feito com simpatia e tolerância cristãs. Os pais devem ter autocontrole para que consigam, pelo exemplo, ensinar aos filhos a governarem as propensões erradas. Pai que usa estimulante prejudicial, hábitos	Educação familiar	Psicossocial
------	------------	----	----	---------------------------	------------	--	-------------------	--------------

---

---

degradantes não sustenta a própria dignidade diante dos filhos. Os pais devem cuidar para que não tenham apetite pervertido. Tabaco, álcool, entre outros são incapacitantes. O apetite antinatural impede o cérebro de agir e discriminar.

---

---

					<p>Pais devem criar filhos com força de caráter. Hábitos são formados na primeira infância, gostos são adquiridos, faculdades mentais se expandem, autocontrole é adquirido, princípios são inculcados desde o berço e determinarão o futuro do homem ou da mulher.</p>		
1877	01/11/1877	12	11	<p>Importance of preserving physical health</p>	<p>p. 328-329</p> <p>Intemperança e moral frouxa geram corrupção e crimes. Boa saúde física é uma forma de aperfeiçoar o caráter e fazer com que o jovem resista aos apetites degradantes. Corpo e mente estão interligados.</p> <p>Consciência deve ser sustentada por nervos firmes, circulação saudável e atividade/vigor da saúde geral.</p> <p>A juventude é o momento de criar hábitos bons.</p>	Educação familiar	Psicossocial

---

---

1877	01/12/1877	12	12	Education of our daughters	p. 362-363	Cumprir tarefas leva a ganho de memória e equilíbrio de espírito, estabilidade de caráter. Os trabalhos atribuídos aos filhos devem levar ao desenvolvimento físico e ao cultivo da mente e do caráter. O trabalho fortalece a mente e os músculos. O trabalho diário fecha as portas para as tentações.	Educação familiar	Psicossocial
------	------------	----	----	----------------------------	------------	--	-------------------	--------------

---

---

1878	01/02/1878	13	2	Our children – Importance of early training	p. 44- 45	<p>Hábitos intemperantes diminuem o crescimento físico e mental. Comer, beber, estudar ou divertir-se em excesso. Falta de treinamento em casa ou na escola prepara os jovens para vícios e, as jovens, para as loucuras e abusos da moda. É fácil direcionar a mente das crianças. Quando os maus hábitos são formados é quase impossível moldar o caráter. Filhos precisam da influência firme e moderadora do pai combinada com o amor compassivo e gentil da mãe. A mente das mulheres se debruça sobre a moda. As suas faculdades inventivas são utilizadas para prepararem pratos que tentam o apetite.</p>	Educação familiar	Psicossocial
------	------------	----	---	---	--------------	---	-------------------	--------------

---

---

1878	01/03/1878	13	3	Temperance essential to christian character	p. 74 - 75	<p>Condescender com a intemperança submete as faculdades superiores aos apetites e paixões animais. A intemperança sacrifica as faculdades físicas, mentais e morais. Ação moral e vigorosa das faculdades superiores da mente é essencial para o desenvolvimento do caráter cristão. Autogratisação sacrifica o intelecto e a saúde do corpo. O apetite prevalece sobre a afeição natural. O cérebro e nervos são amortecidos pelo uso do tabaco.</p>	Controle alimentar	Orgânica
------	------------	----	---	--	---------------	--	--------------------	----------

---

---

1878	01/04/1878	13	4	The apostasy of Solomon. The mount of offense	p. 106 - 108	Condescendência com apetites leva a ruína. Apetite e paixão rapidamente assumem a ascendência sobre a razão e juízo. Faculdades morais tornam-se enfraquecidas levando a incapacidade para julgar entre o certo e o errado. Degradação das faculdades superiores da mente é uma escravidão mais temível que prisões.	Faculdades intelectuais	Orgânica
1878	01/05/1878	13	5	The apostasy of Solomon. His idolatry and dissipation	p. 140 - 142	Salomão teve o intelecto obscurecido pelos efeitos do vinho. As faculdades mentais se enfraqueceram e foram degradadas por hábitos lascivos. Suas sensibilidades foram embotadas e a consciência cauterizada. Sua mente foi degenerada e foi moldada pessoas inescrupulosas. O apetite e	Controle alimentar	Orgânica

---

---

					paixões devem ser firmemente controlados.			
					Salomão arruinou os seus nervos e debilitou o seu corpo por desrespeitar as leis do ser.			
					O mal cresce com a condescendência com o apetite.			
					Gula leva a embriaguez.			
					Intemperança desqualifica para o exercício de cargo de confiança. A mente é afetada pelo que comemos e bebemos.			
1878	01/06/1878	13	6	The apostasy of Solomon. The lessons of his life	p. 172-174	Efeitos do vício: tontura de cabeça, perda da força, perda de memória, distúrbios do cérebro, coração e pulmões. Gênio e crime formam uma triste combinação. Virtude e integridade são destruídas nas pessoas escravizadas pelos apetites e paixões. Não é fácil retomar o autocontrole.	Controle alimentar	Orgânica

---

---

1878	01/07/1878	13	7	A lesson for the times. Number one	p. 204 - 206	Utilização de vinho e do tabaco faz com que jovens se tornem imprudentes no comportamento. Não se deve sustentar hábitos perniciosos, pois enfraquecem as suscetibilidades morais dos filhos. A observação da lei de Deus impediria bêbados, embriagados de fumo, angústia e crime.  Crimes são como resultado direto da embriaguez. As prisões estão cheias de criminosos pelo uso de bebidas alcóolicas. Pais que usam vinho	Controle alimentar	Orgânica
1878	01/08/1878	13	8	A lesson for the times. Number two	p. 236- 238	e licor deixam uma constituição frágil para os filhos, debilidade mental e moral, apetites anormais, temperamento irritável e inclinação para o vício. A condescendência com o apetite	Hereditariedade	Psicossocial

---

---

1878	01/09/1878	13	9	A lesson for the times. Number three	p. 266-267	<p>pervertido é a causa da degeneração da raça humana.</p> <p>Filhos de pais alcólatras herdaram do pai o apetite depravado e as paixões do pai são intensificadas. Homens calmos e de mente forte perdem o controle de si sob a influência de bebidas alcólicas.</p> <p>O apetite enfraquece as faculdades do intelecto e a saúde. Pode-se avançar em raciocínio e edificar um caráter e valor moral pelo uso frequente do intelecto.</p> <p>Vida luxuosa e o uso do vinho corrompem o sangue, inflamam as paixões e produzem doenças. Pais deixam as doenças como um legado aos filhos. O homem intemperante transmite as suas inclinações</p>	Faculdades intelectuais	Orgânica
1878	01/10/1878	13	10	A lesson for the times. Number four	p. 298-299		Hereditariedade	Orgânica

---

---

aos filhos. Licenciosidade, doença e imbecilidade são transmitidas de pai para filho, de geração em geração. A miséria é acumulada nas gerações seguintes. O gosto pelo tabaco leva o desejo por estimulantes mais fortes, como o licor, ingerido devido a alguma doença imaginária ou para prevenir alguma possível doença. Cria-se, portanto, um apetite antinatural por estimulantes prejudiciais e excitantes, que é fortalecido pelos anos.

---

---

1878	01/11/1878	13	11	A lesson for the times. Number five	p. 330 - 332	O temperamento perverso deve ser enquadrado na infância, o quanto antes. Filhos com disposição rápida e apaixonada devem ser tratados amavelmente e firme pelos pais. Traços de caráter que impedem o crescimento das falhas devem ser nutridos. A condescendência dos filhos com a disposição perversa resulta em ruína. As faltas se fortalecem com os anos e impedem o desenvolvimento da mente e impedem desequilibra os traços de caráter. Os crimes podem ser atribuídos à falta de treinamento ou falta de educação dos filhos no lar.	Hereditariedade	Psicossocial
------	------------	----	----	-------------------------------------	--------------	---	-----------------	--------------

---

## APÊNDICE B

Tabela 3 - Relação dos artigos publicados por Ellen White no *Good Health*

Ano	Data	Volume	Número	Título do artigo	Página	Psicologia	Categoria	Base: orgânica / psicossocial
1880	01/01/1880	15	1	Appeal to mothers	p. 12-14	Moldar, polir e refinar o caráter do filho é dever da mãe. Os pais são os exemplos para os filhos. No lidar com os filhos devem exercer o domínio próprio, paciência, amor e tolerância. Na infância, o intelecto toma forma e as afeições estão recebendo direção e força. Atos repetidos tornam-se hábitos. O futuro de milhares é determinado pela educação na infância.	Educação familiar	Psicossocial

---

<b>1880</b>	01/02/1880	15	2	Appeal to mothers	p. 44-46	Herança de hábitos. O caráter correto do filho tem a sua base nos hábitos de estrita temperança da mãe antes do nascimento. O álcool ingerido pela mãe põe em risco a saúde física, mental e moral dos filhos. Pais que se entregam ao excesso do comer e beber ou na satisfação de propensões animais mitigam seu sangue corrompido e apetite viciado aos filhos. Traços de caráter, apetites pervertidos são transmitidos aos filhos. A indulgência com bebidas alcóolicas e com o tabaco desgasta as forças física e moral.	Hereditariedade	Orgânica
<b>1880</b>	01/03/1880	15	3	The work of parents	p. 76-77	Educar os filhos é uma nobre obra dos pais. A mãe pode formar um caráter nobre, virtuoso nos filhos ou incentivar neles os traços que levarão a ruína.	Educação familiar	Psicossocial
<b>1880</b>	01/04/1880	15	4	The mother's influence	p. 108-109	Cada palavra dita pela mãe influencia na formação do caráter dos filhos. A influência pode alegrar o coração ou trazer desânimo e	Educação familiar	Psicossocial

---

---

					deformar o caráter. A obra mais elevada de uma mulher é moldar o caráter de seus filhos.		
					A responsabilidade primordial da mãe é moldar o caráter do filho.		
					Costumes e moda arruinam os filhos. Hábitos errados e perniciosos deterioram a família nos âmbitos físico, mental e moral. A mulher que desenvolve suas faculdades, seu caráter, exerce influência inconsciente sobre as pessoas a sua volta. Qualidades mentais devem ser moldadas para cumprirem o propósito designado por Deus. Pais devem educar os filhos para que estes liberem as energias da alma pelo exercício. Percepção, julgamento, memória e demais faculdades devem ter a mesma força para que resultem em mentes bem equilibradas. A negligência no desenvolvimento de uma das faculdades impede o cumprimento do desígnio de Deus. As faculdades	Educação familiar	Psicossocial
<b>1880</b>	01/06/1880	15	6	Influence of woman	p. 174-175		

---

---

						influenciam e dependem umas das outras. Os filhos herdam tendências dos pais. Não se deve permitir que o apetite e o hábito se sobreponham à razão.		
<b>1880</b>	01/11/1880	15	11	Incidents by the way	p. 336-339	Mãe com dificuldades de autocontrole. Autocontrole. A mãe quem molda as mentes dos filhos. Alimentação regrada (ao final da matéria - pouca coisa)	Educação familiar	Psicossocial
<b>1882</b>	01/11/1882	17	11	Bible temperance. Appetites and passions	p. 336-338	Relação entre alimentação e saúde. Alimentação ruim impacta no pensamento. Enfermidades como consequências da má alimentação. Não recomenda o consumo de café, chá, álcool etc. Hábitos formados na infância dificilmente são modificados.	Controle alimentar	Orgânica

---

---

1883	01/03/1883	18	3	Temperance a christian duty	p. 78 - 79	Condescendência com a paixão e com o apetite resultam em excesso e violência. Devassidão e abominações enfraqueceram as energias e trouxeram doenças de todo o tipo sobre a raça. Vida luxuosa, uso do vinho corrompem o sangue, inflama as paixões e produz doenças. Doenças são um legado dos pais aos filhos, por meio do sangue inflamado e corrompido. Licenciosidade, doença e imbecilidade são transmitidas. Homens que bebem álcool possuem intelecto e as faculdades mentais enfraquecidos. Apetite intemperante entorpece o cérebro, enfraquece o cérebro e torna o corpo doente.	Controle alimentar	Orgânica
------	------------	----	---	-----------------------------	------------	---	--------------------	----------

---

---

1887	01/12/1887	22	12	Temperance in all things	p. 369	<p>Dispepsia gera irritabilidade, impaciência. Intemperança alimentar. Órgãos digestivos enfraquecidos impede a satisfação do apetite e demanda-se por alimentos e bebidas estimulantes. Estimula-se o Sistema Nervoso. "O sistema nervoso, tendo sido indevidamente excitado, toma emprestado energia para uso presente de seus recursos futuros; e todo esse fortalecimento temporário do sistema é seguido de depressão".</p> <p>Temperança no comer e beber é essencial para a saúde e para o exercício de todas as funções do corpo.</p>	Controle alimentar	Orgânica
1889	01/05/1889	24	5	Education	p. 146-147	<p>Palavras e atos dos pais são influências educativas, refletindo no caráter e na conduta dos filhos. Pais devem disciplinar a mente dos filhos desde a primeira infância até a idade adulta. O primeiro conhecimento recebido pela criança é mais duradouro e influencia na formação</p>	Educação familiar	Psicossocial

---

---

1889	01/07/1889	24	7	Education from a christian stand-point	p. 208-209	<p>do seu caráter. A mãe começa a educar os filhos no círculo familiar, de modo que o caráter destes seja formado e os habilite para a vida.</p> <p>Formação do caráter dos filhos coube à mãe.</p> <p>A mãe deve ensinar o autocontrole dos pensamentos aos filhos. Pureza de pensamento implica na pureza de linguagem e, esta, por sua vez, na pureza de ação. Desde os primeiros anos, as crianças compreendem e retém ideias. A mãe deve ter uma moral pura. Falta de disciplina na infância gera fracasso na vida adulta. A mente não foi disciplinada para a persistência que torna o homem o senhor de sua obra.</p>	Educação familiar	Psicossocial
------	------------	----	---	--	------------	--	-------------------	--------------

---